

AVENTURAS NA HISTÓRIA

PARA VIAJAR NO TEMPO

EDIÇÃO 9 MAIO 2004

D'Artagnan

Quem foi
o verdadeiro
espadachim
que deu origem
à lenda

As mulheres de Picasso

Muitas o amaram,
algumas delas o
inspiraram, poucas
sobreviveram a ele

Corrida ao Pólo Sul

A trágica expedição
do inglês Robert
Scott ao extremo
do mundo,
em 1912



Os segredos de Senna

A fome de vitória, o desprezo pelos limites,
os truques de pilotagem do maior herói do Brasil

EDUARDO
BUENO
A GUERRA POR
SÃO PAULO
EM 1562

R\$ 8,95



E MAIS: ROUBO DE TUMBAS NA CHINA ■ POR DENTRO DA
CASA BRANCA ■ TÚNEIS VIETCONGUES ■ TERROR NO HAITI

FAMÍLIA
SUPER

A Evolução da Internet.



O Yahoo! é o maior portal de Internet do mundo, e faz parte do dia-a-dia dos brasileiros há 5 anos. Quem quer evolução, acesse o Yahoo!, porque Yinternet agora é assim, com Y de Yahoo!.

- Ferramenta de Busca de 50% dos internautas do mundo.
- Único e-mail do mercado com Spam Guard, além do exclusivo sistema de E-Mails Descartáveis e 6 MB.
- Maior comunidade online de grupos no Brasil.
- Mais de 2 mil fontes de notícias pelo mundo.
- 6 milhões de usuários/mês do Yahoo! Brasil.

YAHOO!
BRASIL

Internet
começa
com **Y!**

Apoio editorial: Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Gossati. Serviços Editoriais: Wagner Barreira. Depto. de Documentação e Abril Press: Gracia de Souza. PUBLICIDADE: Diretor de Publicidade: Sérgio Amaral. Diretor de Publicidade Regional: Jacques Baul Ricardo. Diretor de Publicidade Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões. Executivos de Negócios: Leticia Di Lallo, Marcela Cavalliere, Robson Monte, Rodrigo Romano da Toledo (SP) e Edson Melo (RJ). Gerentes de Publicidade: Marisa Peregrina-Gomes (SP) e Rodolfo Garcia (RJ). Executivos de Contas: Carla Alves, Emiliano Marzetta, Heráclio Evans Feres, Marcela Simões, Renata Mello (SP), Cristiano Pysanoff e Tereza Gelfandini (RJ). MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing: Ricardo Caramanna. Gerente de Produto: Gabriela Yamaguchi Estigarribia. Paulo Magalhães. Projetos Especiais: Cristiana Cardoso. Marketing Publicitário: Erica Lemos. Gerente de Circulação Anúncios: Renata Borges Raphael. Gerente de Circulação Assinaturas: Evaldo Nade. Uma única. Planejamento e Controle: Fábio Luis dos Santos e Renato Antunes. Processos: Ricardo Carvalho e Vlávia Fátima. NÚCLEO ABRIL DE PUBLICIDADE: Diretor de Publicidade: Pedro Colégio. Gerentes de Vendas: Cláudia Pardo e Fernando Sobrinho. Gerente de Publicidade Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões. ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Oliveira. Diretor de Vendas: Fernando Costa

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7225, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638. Publicidade: (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037-6564. Classificados: 0800 123066, Grande São Paulo 3037-2700. Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte: R. Fernandes Tourinho, 147, Sala 302, Bairro Savassi, CEP 30112-000, Vitor R. Passolunga, tel.: (31) 3282-0630, fax: (31) 3282-8003. Blumenau: R. Florianoópolis, 279, Bairro da Vila, CEP 89036-150, M. Marinho. Representações Ltda., tel.: (47) 325-3820, fax: (47) 329-6191. Brasília: SCL, Q-01 Bloco 10, Brasília Trade Center, 14º andar, Sala 1408, CEP 70710-900, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7554/5556/57, fax: (61) 315-7558. Campinas: R. Conselheiro, 233, 2º andar, CJ 2619/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações Ltda., telefone: (19) 3233-7175. Curitiba: R. Diamantina, 113, Quadra 73, Morada da Serra, CEP 78055-500, Fênix Propaganda Ltda. Curitiba: Av. Cláudio de Abreu, 778, 6º andar, salas 601/602, Centro Círculo, CEP 80530-000, Marlene Hadad e Ivan Roversal, tel.: (41) 250-8000, fax: (41) 252-7110. Florianópolis: R. Manoel Sidoro da Silveira, 610, sala 301, Comercial Via Lagoa, Lagoa da Conceição, CEP 88052-060, Interação Publicidade Ltda., tel.: (48) 232-1617, fax: (48) 232-1782. Fortaleza: Av. Desembargador Moreira, 2020, Salas 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, Midiasolution Repres. e Negócios em Meios de Comunicação, telefone: (85) 244-3939. Goiânia: R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74170-020, Middle West Representações Ltda., tel.: 215-3274/3309, telefone: (62) 215-5158. Joinville: R. Dona Francisca, 260, Conjunto 1408, Centro, CEP 89061-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., tel.: (47) 433-2725. Londrina: R. Adalmar Regina Guardalini, 292, Jardim das Américas, CEP 86075-100, Press Representações e Publicidade, tel.: (43) 3357-1122, fax: (43) 3357-1122. Manaus: Av. Joaquim Nabuco, 2074, Loja 2, Centro, CEP 69020-070, Paper Comunicações, tel.: (92) 9971-9123, telefone: (92) 233-1892/231-1938. Porto Alegre: Av. Carlos Gomes, 1155, Sala 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3327-2850, fax: (51) 3327-2855. Recife: R. Ezequiel de Paula Santos, 187, Sala 1301, Boa Viagem, CEP 51021-330, Multirredes Publicidade Ltda., telefone: (81) 3327-1587. Ribeirão Preto: R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intersmida Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 625-9630, telefone: (16) 625-9233. Rio de Janeiro: Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201. Salvador: Av. Tancredi Neves, 805, Sala 402, Ed. Espaço Empresarial, Pórtico, CEP 41810-021, AQM Consult. Publ. e Repres. Ltda., telefone: (71) 341-4992/4996/4785. Vitória: Av. Rio Branco, 304, 7º andar, Loja 42, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DUT Arte Propag. e Marketing Ltda., telefone: (71) 3325-3329.

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Regional. Negócios: Exame, Vozes, S/A. Jovens: Almanaque Abril, Cartões, Disney, Guia do Estudante, Heróis, Heróis da TV, Pica-Pau, Recreio, Simpsons, Spaw, Witch, Capricho, Playboy. Estilo: Claudia, Elle, Estilo de Vida, Manequim, Manequim Nôva, Nova Turma e Tecnologia. Assinaturas: História, Guia Quatro Rodas, Info, Mundo Estranho, National Geographic, Placar, Quatro Rodas, Revista das Religiões, Superinteressante, Viagem e Turismo, Vp. Casa e Bem-Estar: Arquitetura e Construção, Boa Forma, Bons Ruidos, Casa Claudia, Claudia Cozinha, Seidrei, Vida Simples. Outro Consumo: Ana Maria, Condor, Faça e Venda, Minha Novela, Tênis, Vozes. Fundação Victor Civita: Nova Escola.

AVENTURAS NA HISTÓRIA LAR: 789.3614.01558, 8 maio 2004, é uma publicação mensal de Editora Abril S.A. AVENTURAS NA HISTÓRIA não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112. Demais localidades: 0800-704-2112.

www.abril.com.br. Para assinar: Grande São Paulo: 3347-2121.

Revista Fácil: 5087-2145 fax: 5087-2100. Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Av. Otávio Alves de Lima, 4400 CEP: 02009-000 Freg. do Ó - Bão Paulo - SP

IVZ

FIPP

ANER



Presidente do Conselho de Administração: Roberto Crivia

Presidente Executivo: Maurício Mauro

Vice-Presidentes: Deborah Wright, Emílio Carrazza,
José Wilson Amami Paschoal, Václav Pasquini

www.abril.com.br

MANUSCRITO

De ídolos e de heróis

Eu me lembro exatamente o que fazia naquele domingo, 1º de maio de 1994. Era uma manhã de sol e preferi aproveitar a praia de Lauro de Freitas, na Bahia, a ficar em casa e acompanhar a corrida. Para falar a verdade, nunca fui um grande fã da Fórmula 1. Saí do mar quente típico daquele pedaço do Brasil e me aproximei de uma barracinha, dessas que em alguns lugares as pessoas chamam quiosques, e pedi uma água. Um montão de gente se acotovelava para assistir a uma pequena televisão. Eu nunca tomei aquela água.

Durante esses últimos dias, enquanto convivíamos aqui na redação com as fotos, os textos e as memórias sobre Ayrton Senna, fui perguntado por um montão de gente o que ele representa para a história. Teríamos, nós, uma revista de história, o que falar sobre ele?

A resposta está em oito páginas desta edição. Nelas, Lemyr Martins, repórter e fotógrafo das revistas *Quatro Rodas* e *Placar* que conviveu com Senna em diferentes momentos da vida dele, conta algumas das histórias que fizeram de um piloto de Fórmula 1 um herói nacional. Uma matéria para fãs em que Senna aparece fazendo o que mais gostava. E o que melhor sabia fazer: competindo e, principalmente, vencendo. Se Senna vai para a história, vai pelo que fez dentro das pistas. Pelo que fez com a emoção dos brasileiros, pelas conquistas, pelos sonhos que tornou possíveis.

Para ler, recordar e emocionar-se.

Celso

CELSON MIRANDA
cmiranda@abril.com.br
EDITOR

Assine
agora
mesmo!
HISTÓRIA

LIGUE
0800-7012828 ou 3347-2121
na Grande São Paulo

NA INTERNET
www.assineabril.com.br



1 FOTO DE CAPA SIPA PRESS 2 OMAR PAIXÃO 3 ANTÔNIO RODRIGUES

PERGAMINHOS

■ ESCRITURAS

FOTO-HISTÓRIA

20 A marcha dos impuros

O caminho comunista dos sudras, a mais baixa classe do sistema hindu

CAPA

22 Ayrton, o herói do Brasil

Os números, a história, os segredos e a coragem do homem que fazia de tudo para vencer – e venceu

ENIGMAS

32 Todos por D'Artagnan

A época e os homens que inspiraram as aventuras do mais famoso dos mosqueteiros de sua majestade

CIVILIZAÇÕES

36 O Haiti é aqui

Como uma das mais ricas colônias americanas se transformou num dos países mais pobres do mundo

GALERIA

42 Os amores de Picasso

Ele adorava as mulheres, e elas morriam por ele

PERSONAGEM

46 Corrida ao Pólo Sul

A trágica expedição do capitão britânico Robert Falcon Scott rumo ao ponto zero do planeta

TERRA BRASILIS

52 São Paulo em guerra

O dia em que uma pequena vila serrana resistiu ao ataque feroz de nações indígenas

OBRA PRIMA

58 Homo Ricaçus

Confira as manias e os costumes impressos no DNA de todos os milionários, a mais nova espécie humana



■ ALFARRÁBIOS

MÁQUINA DO TEMPO

6 Info História

Os incríveis túneis do Vietnã

8 Notas arqueológicas

Estão roubando tumbas na China

13 Por Dentro do...

Eagle, o Módulo Lunar

14 Maio na história

A queda de Constantinopla, em maio de 1453, assinala o início da Idade Moderna

Linha do tempo

Os meios de transporte sobre roda

16 Museus do mundo

A Casa Branca, um museu de política

18 Você sabia?

Os bingos foram proibidos a pedido de uma primeira-dama?

19 Dito e feito

A origem das expressões "os olhos da cara" e "feito nas coxas"

História maluca

Acredite se quiser: os dinossauros boiavam!

TOMOS E TELAS

62 Clássico

De Humanis Corporis Fabrica, de Andreas Vesalius

Biblioteca básica

Três livros para entender os índios no Brasil colonial

64 Em Cartaz

Diários da Motocicleta, o novo filme de Walter Salles sobre Che

65 Exposições

Mapas em Brasília, fotos históricas no Rio e em Curitiba...Programa-se

História online

O novo site sobre o Egito lançado pela IBM

PAPIRO

66 Luís Augusto Fischer

O grande Décio Freitas

“Os esclarecimentos sobre a história de Jesus foram espetaculares”

Wagner Pereira, Cataguases – MG



MAIS QUE MIL PALAVRAS

Vocês prestaram um grande serviço ao ter denunciado as farsas do ditador Stálin (Foto-História, abril, pág. 20).

Wagner Pereira
Cataguases – MG



O JULGAMENTO

A matéria sobre os últimos dias de Jesus ficou muito legal. Parabéns. (“O Julgamento de Jesus”, abril, pág. 24)

André Chevitarese (professor de história antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro).
por e-mail

Já era hora de alguém desvendar o mistério Judas Iscariotes, contando quem foi ele e como se comportava antes da mais famosa traição de todos os tempos.

Antônio Zeril
por e-mail

CRATURA E CRIADOR

Leio a Super desde a infância, e imaginava que nunca haveria uma revista do mesmo nível. Quem diria que a própria Super a faria? Claudiane Carvalho
Curitiba – PR

CURTO E GROSSO

De forma direta e descontraída a matéria “Para inglês ver” (Dito e Feito, dezembro, pág. 17) deu uma verdadeira lição de história. Será que vocês poderiam explicar a famosa “saída à francesa”?

Flavio Grespan
por e-mail

LEITOR-REPÓRTER

A palavra panzer é uma contração de *panzerkampfen*, que significa carro de combate blindado (Por dentro de, março, pág. 13). Os panzer não eram nazistas, pertenciam ao Exército alemão. Até hoje todos os tanques alemães são chamados de panzer.

Stanislaw Perezynski
Rio de Janeiro – RJ

ASSINATURAS

Se a implantação da assinatura da revista só depende dos leitores (Missivas, dezembro, pág. 5), contem com a minha colaboração.

Cristiane Feitoza
por e-mail

Obrigado Cristiane, você conseguiu. Graças ao apoio dos leitores, a campanha de assinaturas de AVENTURAS NA HISTÓRIA está a todo vapor. Esperamos sua ligação no 0800-7042112.



OBRA DE ARTE

Galeria é a minha seção preferida. A cada edição da revista fico surpresa com seu excelente conteúdo.

Samia Schiller
São Paulo – SP

FALE COM A GENTE

LEITORAS E LEITORES!

Escrevam suas perguntas, críticas e sugestões para a redação de AVENTURAS NA HISTÓRIA – Av. das Nações Unidas, 7 221, 14º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP. Se preferirem, falem com a gente por e-mail (sem esquecer seu nome e o da sua cidade):
aventhistoria@abril.com.br

VENDA DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução dos textos e imagens publicados em AVENTURAS NA HISTÓRIA em livros, jornais, revistas e sites, fale com Giselda Gala pelo e-mail
ggala@abril.com.br ou pelo fax (11) 3037-5891

ASSINE JÁ

Site: www.assineabril.com.br
E-mail: abril.assinaturas@abril.com.br
Endereço: Av. Otaviano Alves de Lima, 4 400, 4º andar, CEP 02909-900, São Paulo, SP
De 2ª a 6ª, das 8h às 22h Fax: (11) 5087-2100
Telefones: (11) 3347-2121 – Grande São Paulo
0800-7012828 – outras localidades

SERVICO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

(Dúvidas sobre envio, pagamentos, reclamações sobre sua assinatura e para renovar)

Site: www.abrilsac.com.br
E-mail: abrilsac@abril.com.br
Endereço: Av. das Nações Unidas, 7 221, 6º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP
Fax: (11) 5087-2100 - De 2ª a 6ª, das 8h às 22h
Renova fácil: (11) 5087-2145
Telefones: (11) 5087-2112 – Grande São Paulo
0800-7042112 – outras localidades

EDIÇÕES ANTERIORES

Solicite ao seu jornaleiro. O valor cobrado será o preço de capa acrescido da tarifa de postagem quando a edição pedida for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade de estoque). Distribuída em todo o país pela Dinap S.A., Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

REPRINTS

Para solicitar reprints editoriais de AVENTURAS NA HISTÓRIA, fale com Gabi Yamaguchi,
e-mail: gyamaguchi@abril.com.br

EXEMPLARES EM LOTE

Para comprar AVENTURAS NA HISTÓRIA em lotes especiais, fale com Ronaldo Raphael,
e-mail: ronaldo.rafael@abril.com.br

PARA ANUNCIAR

Para anunciar nas páginas de AVENTURAS NA HISTÓRIA, fale com Sergio Amaral.
Telefone: (11) 3037-5825
De 2ª a 6ª, das 9 às 18 horas

MÁQUINA DO TEMPO

INFO-HISTÓRIA

Os túneis do Vietnã

Enquanto tropas e helicópteros americanos ocupavam os céus e as florestas do Vietnã, durante a guerra de 1961 a 1975, os vietnamitas do norte e as forças comunistas valeram-se de uma estrutura primitiva porém igualmente eficaz: vastos e profundos túneis. Escavados com as mãos ou com ajuda de pás de madeira, essas estruturas atingiam profundidades de até 20 metros e às vezes quase 120 quilômetros de extensão, abrigando milhares de pessoas por pe-

ríodos que podiam durar vários meses. O complexo mais famoso ficava no distrito de Cu Chi, a cerca de 70 quilômetros a sudeste de Saigon, a capital do Vietnã do Sul, e próximo de importantes bases militares americanas. Aliás, havia túneis que se estendiam até debaixo das bases inimigas, criando entre os americanos a lenda dos fantasmas vietcongues. Eles apareciam de repente, disparavam rajadas de metralhadoras e... sumiam. ■

ROBERTO NAVARRO



COMENDO NA SURDINA

A alimentação dos ocupantes era preparada em cozinhas equipadas com um sistema de "chaminés". Por meio deles, a fumaça criada com o cozimento de arroz e carne era desviada para centenas de metros de distância.

RASTEIRA FATAL

As imediações eram pontilhadas de armadilhas. Algumas consistiam em explosivos acionados por arames. Outras eram buracos no chão, no fundo dos quais havia estacas de bambu lambuzadas com fezes, para infeccionar os feridos.



BATALHAS NO BARRO

Soldados magros e baixos, a maioria de origem latino-americana, foram treinados pelo Exército dos Estados Unidos para explorar os esconderijos vietcongues. Originados em 1966, ficaram conhecidos como *Tunnel Rats* (Ratazanas de Túneis).

ENTERRADOS VIVOS

Escondidos em pequenos redutos nas laterais dos túneis principais, guerrilheiros disparavam contra inimigos que se aventurassem pelas galerias. Muitos soldados americanos ficavam presos pelos corpos dos companheiros atacados.



GUERRA SUBTERRÂNEA

Com o perigo nas florestas,
a segurança vinha da lama

ATAQUE DE SURPRESA

Os soldados americanos e sul-vietnamitas eram surpreendidos por guerrilheiros escondidos em alçapões camuflados no chão. Disparando fuzis AK-47 e lançando granadas, os vietcongues preferiam ferir a matar os inimigos, a fim de atrasar o deslocamento da tropa até o resgate dos feridos

COBRAS CRIADAS

A disposição dos túneis formava um verdadeiro labirinto no subsolo. Passagens falsas levavam a becos sem saída, onde muitas vezes eram deixadas cobras venenosas para atacar intrusos

PRONTO-SOCORRO

Alguns túneis incluíam hospitais de emergência, onde eram tratados não apenas guerrilheiros, mas também a população das vizinhanças, num esforço para conquistar sua simpatia. O atendimento chegava a incluir a realização de partos

SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Acessos escondidos dentro de córregos, no interior de casas ou em seus quintais uniam os túneis com a vida exterior. A população das aldeias fornecia alimentos e informações aos ocupantes, além de refugiar-se ocasionalmente neles

SALA DE AULA

Além de reuniões de guerrilheiros, algumas câmaras abrigavam a doutrinação ideológica dos moradores, fornecida por comissários políticos do governo do Vietnã do Norte

NOTAS ARQUEOLÓGICAS

Beleza roubada

Tráfico internacional de antiguidades fez a China ter 200 mil tumbas violadas em cinco anos

N a cidade chinesa de Xian, terra dos famosos guerreiros de terracota, moradores locais avariaram-se numa escavação perigosa. Em troca de 60 dólares por noite de trabalho, desceram a 35 metros da terra em busca de um tesouro: 200 estátuas de cerâmica da tumba da rainha Dow, mulher do imperador Wen-di da dinastia Han, que morreu em 135 a.C. Entre as relíquias, está uma série pintada com figuras femininas representando as lacaios da imperatriz. Apenas três meses depois, uma dessas estátuas pode ser comprada em Londres ou Nova York por 80 mil dólares.

Assim é que funciona o mercado ilegal de tesouros arqueológicos na China e em outros países de riqueza histórica, cuja fiscalização em relação ao patrimônio cultural praticamente não existe. Aliado a isso, a pobreza e falta de oportunidade de trabalho fazem das ofertas dos marchands algo tentador. A China possui leis contra esse tipo de infração e ratificou todos os tratados internacionais sobre o tema. Mesmo assim, nos últimos cinco anos, 200 mil tumbas foram invadidas.

O último tratado internacional para proteção do patrimônio histórico e cultu-

ral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), assinado em 2003, identificou 35 sítios arqueológicos que mereceriam atenção especial dos 177 estados-membros da convenção. "São lugares que estão em perigo pela ação do comércio ilegal", diz Rochelle Ro-ca-Hachem, responsável pela convenção da Unesco contra o tráfico ilegal.

Além de Xian, estão na lista de lugares em risco o parque arqueológico de Angkor, no Camboja, que abriga cidades construídas no Império de Khmer entre os séculos 9 e 14. Anos de guerra civil no país e a presença de grupo armados que fazem o comércio ilegal na fronteira com a Tailândia são as principais ameaças. A polícia local não ajuda muito. Na última grande ocorrência, na floresta de Kbal Spean, estátuas do século 11 foram destruídas e transportadas até Bangkok. Usando uma serra elétrica, os bandidos cortaram o rosto do deus Vishnu e de sua mulher, Lakshmi. As peças seriam vendidas separadamente e chegariam a custar 50 mil dólares no mercado tailandês. Capturados no meio da floresta, os ladrões foram liberados logo depois. É a investigação, suspensa. ■

MANUELA AQUINO

AVENTURA ILEGAL

Como assaltantes destruíram um patrimônio milenar em menos de dois dias

1 A região da tumba da imperatriz Dow, enterrada há mais de 2 mil anos, já era conhecida. Usando pás e picaretas, os ladrões escavaram pequenos buracos no solo para retirar amostras da terra para determinar o local exato da tumba de 1,6 mil metros quadrados

2 Para acelerar a escavação até as tumbas, colocaram dinamites onde haviam começado a cavar o buraco.

O explosivo alargou a futura boca da cratera

3.

3 Mesmo depois da explosão, os assaltantes ainda tiveram de cavar um túnel de 35 metros de profundidade. Auxiliados por um ventilador, um gerador para iluminação e uma corda, desceram pelo buraco tirando terra e pedras com baldes. Para chegar ao teto da construção, fizeram um túnel transversal ao primeiro, medindo 12 metros

4 O próximo passo foi pegar as estátuas na câmara principal da tumba. Com máscaras de gás contra o pó e possíveis gases tóxicos, os ladrões levaram até a superfície as estátuas valiosas que representavam soldados e empregados da imperatriz. A operação completa levou 28 horas



ARTE & CRIME

A máfia internacional de relíquias

As peças do Oriente estão na mira das galerias de arte de todo o mundo. Entre 80 e 90% do que é comercializado nesses locais vêm de transações ilícitas. "Essa é uma prática antiga nessas regiões, onde a colonização europeia foi intensa. Era uma atividade comum dos ingleses na Índia, por exemplo, roubar tesouros hindus para suas coleções particulares", afirma Kathryn Ibb, professora do Instituto de Arqueologia de Londres.



➔ O PÉ ESQUERDO DE ZEUS

- 1 Kabul, Afeganistão: achado por arqueologistas franceses em 1968, durante escavação nas ruínas de Ai Khanum, pertencente até 1993 ao Museu Nacional de Kabul, de onde foi roubado
- 2 Peshawar, Paquistão: um comerciante japonês de arte o comprou em 2000
- 3 Tóquio, Japão: finalmente, foi entregue aos cuidados da Unesco em 2002 pelo comerciante arrependido, e passou a viajar pelo mundo em exposições itinerantes de um museu de Tóquio



➔ DAMAS DANCARINAS

- 1 Udaipur, Índia: segundo a polícia indiana, um ladrão retirou quatro esculturas do templo de Saas Bahu, em novembro de 1999. Meses depois, o homem teria levado mais duas
- 2 Nova York, Estados Unidos: uma galeria de Manhattan apresenta em seu catálogo de 2002 fotos de duas das estátuas roubadas que iriam à venda



➔ ESCULTURA DE BUDA

- 1 Sisophon, Camboja: em janeiro de 1999, foram cortadas 117 peças de uma estátua de um buda do templo Banteay Chhma
- 2 Fronteira entre Tailândia e Camboja: antes de entrar na Tailândia com as peças do templo, os ladrões acabaram capturados pela polícia local. Eles escaparam, mas as peças foram recuperadas



➔ ESTÁTUAS DE TERRACOTA

- 1 Xian, China: estátuas de uma tumba de 2 mil anos sumiram nas mãos de ladrões, em 2001. Foram vendidas em Xian por 36 dólares cada uma
- 2 Hong Kong: um dono de galeria de Los Angeles, Estados Unidos admitiu ter comprado de um intermediário 32 dessas estátuas de terracota
- 3 Nova York, Estados Unidos: em março de 2002, a galeria Sothebys colocou à venda seis estátuas com preços que variavam entre 6 e 8 mil dólares. As figuras voltaram para Xian depois de protestos do governo chinês



Marketing faraônico

Arqueóloga acredita que as pirâmides serviam de propaganda para disfarçar a fragilidade dos faraós

Todo mundo sabe qual é a profissão mais antiga do mundo. Já a segunda tem vários candidatos — entre eles os marqueteiros políticos. Para a arqueóloga americana Joyce Marcus, esses profissionais que foram tão importantes nas últimas eleições brasileiras existem desde o Egito Antigo. Em seu livro *Theory and Practice in Mediterranean Archaeology* (Teoria e Prática na Arqueologia Mediterrânea, inédito no Brasil) ela tenta provar que as grandes pirâmides egípcias não foram construídas como homenagem a deuses. Mas como propaganda dos faraós.

Comparando as maiores construções de vários períodos, a arqueóloga concluiu que a maioria delas foi erguida em tempos anteriores ao que se pode chamar de auge desses povos. Para Joyce, essa é a evidência de que os monumentos serviam, na verdade, para mostrar poder em períodos em que o progresso da civilização não bastava para satisfazer o povo e manter a

civilização unida. A grande pirâmide de Quéops, por exemplo, surgiu no período denominado Reino Antigo, que vai de 2575 a 2134 a.C., pelo menos mil anos antes da Reino Novo, era em que a civilização mais se expandiu. “Tratava-se de uma espécie de blefe, uma amostra de grandiosidade que não refletia o real poderio dos faraós”, diz Joyce. Tanto que, à medida que o Egito foi se consolidando, as pirâmides diminuíram de tamanho.

Para Júlio Gralha, professor do Núcleo de Estudos da Antiguidade da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, separar a política da religião do Egito Antigo não é tão fácil assim. Ou seja: ao propagandear-se como líder, o faraó também figurava como representante de um deus. “Imagine as grandes pirâmides brilhando num intenso branco ou tons derivados do vermelho-claro, sendo vistas a quilômetros. Para o povo, apenas uma divindade poderia tê-las construído.” ■

JONES ROSSI

O EGITO NÃO É MAIS AQUELE

Três mitos que caíram sobre o tempo dos faraós

PEDREIROS ASSALARIADOS

As pirâmides foram construídas por camponeses assalariados recrutados de todos os territórios egípcios, e não por escravos. Apesar disso, o serviço era compulsório. Em casos de fuga, outro membro da família era recrutado em seu lugar. Recapturado, o fujão era punido com até seis meses de servidão.

DE MAU SÓ A CARA

A imagem bíblica do sofrimento dos escravos egípcios não se confirma historicamente. Os chamados “servos domiciliares” do Egito não tinham salário, mas também não eram punidos com chibatadas. E podiam ter propriedades, casar-se com pessoas livres e seus rebentos ainda eram beneficiados por um tipo de lei do ventre livre.

POVO TRANQUÍLO

Apesar do Império egípcio ser conhecido como belicoso e expansionista, foi só a partir do Segundo Período Intermediário (1640 a 1532 a.C.), depois de 1 300 anos do início da civilização, que a dominação de outros povos começou para valer. E isso por influência dos povos mesopotâmios. Vieram deles as tecnologias de guerra do Egito, como bigas e o arco-e-flecha.

EXPLORA MAS FAZ

Quéops (2607 - 2573 a. C.)

Construiu a maior de todas as pirâmides, com 146 metros de altura e 230 de largura. Mas ficou para a história como um ditador que sacrificou o povo para construir suas estruturas colossais sem desenvolver a nação

FAZ O BEM SEM OLHAR A QUEM

Ahmés (1552-1526 a.C.)

Esse faraó iniciou o expansionismo e o poder bélico que marcou o Reino Novo egípcio (1550-1070 a.C.). Suas pirâmides, porém, não passam de 8 metros de largura

FÉ E TRABALHO

Ramsés II (1304-1237 a.C.)

Apesar de comandar o Egito por 67 anos durante o Reino Novo, época de grande expansão, o faraó Ramsés II não deixou grandes pirâmides de herança. Em compensação, construiu o templo de Abu Simbel, que tem quatro estátuas de 20 metros de altura na entrada

Marinha argentina admite assassinatos

Quatro mil vítimas e duas décadas depois, o Alto Comando da Marinha argentina reconhece: as Forças Armadas do país torturaram e assassinaram presos políticos na Escola de Mecânica da Marinha (Esma), em Buenos Aires, durante a ditadura militar de 1976 a 1983.

O almirante Jorge Godoy admitiu o fato em cerimônia pública, em março passado. "Sabemos hoje, pela Justiça, que a Esma, lugar destinado a manter-se ao serviço exclusivo da formação profissional dos nossos suboficiais, foi utilizado para a execução de atos qualificados como aberrantes perante a dignidade humana, a ética, a lei, convertendo-se num símbolo de barbárie e irracionalidade",

disse o chefe da Marinha argentina. Foi a primeira vez que um comandante da corporação reconheceu os assassinatos cometidos na escola. Segundo ele, "assim como não se pode esconder o sol atrás de uma peneira, não há argumentos para desculpar a execução daqueles atos violentos e trágicos".

A Esma ficou conhecida como o maior centro de tortura da ditadura argentina. Pelo menos 4 mil dos 30 mil desaparecidos políticos argentinos tiveram a escola como último paradeiro.



Mães das vítimas organizarão museu no antigo centro de tortura

04

Do local, teriam saído os aviões para atirar corpos de presos no Oceano Atlântico. O prédio, agora, vai virar um museu, organizado em parceria com a organização Mães da Praça de Maio, que representa os familiares de desaparecidos políticos. ■

LEANDRO NARLOCH



Flerte entre neandertais e humanos não foi comprovado



Romance improvável

Desde 1998, quando uma ossada de 25 mil anos meio neandertal meio humana foi encontrada em Portugal, os cientistas andam se coçando com a hipótese de que as duas espécies tiveram relações, digamos, íntimas, por mais de 10 mil anos. Esse "affair" seria tão comum que pode ter sido a causa da extinção do neandertal: seus genes estariam circulando até hoje nas populações europeias e descendentes. No começo do ano, porém, o italiano Giorgio Bertorelle, um geneticista que levou a sério a teoria, resolveu comprová-la. Para desalento dos diretores de filme B, o teste deu negativo.

A equipe de Bertorelle comparou o DNA mitocondrial de neandertais e humanos de ho-

je e de 24 mil anos atrás. Não encontrou nenhum traço neandertal nas pessoas, que, em compensação, guardam a herança genética do homem de Cro-Magnon — o hominídeo moderno que conviveu com a espécie extinta.

Mas os paparazzi da Idade da Pedra não devem guardar suas câmeras. O DNA mitocondrial não é um teste 100% garantido. Ele pode indicar somente a origem materna da pessoa, e não traça as características que ela vai ter. "Talvez estudos da linhagem masculina ou do DNA nuclear possam dar outro rumo para as pesquisas", afirma Bertorelle. "Mas, até o momento, nada indica que os neandertais deixaram qualquer herança genética na população atual." ■

FABIO MARTON

Tremendo estelionato

O manuscrito de Voynich, um dos maiores enigmas da história, pode ser uma grande fraude

Durante os últimos cinco séculos, um livro conhecido como manuscrito de Voynich intriga criptógrafos, padres, matemáticos e até reis. Escritas numa língua indecifrável e ilustradas com plantas, símbolos zodiacais e mulheres nuas, suas 240 páginas parecem revelar algum segredo milenar, uma enigmática fórmula de alquimia. Mas esse mistério pode ter sido revelado. O cientista da computação Gordon Rugg, da Universidade de Keele, na Inglaterra, acredita ter decifrado o código do livro, e arremata: o documento significa nada, coisa nenhuma. É puro conto do vigário armado para arrancar dinheiro de um abastado imperador.

Revelado ao mundo em 1912 pelo colecionador americano Wilfrid Voynich, que emprestou seu nome ao mistério, o manuscrito não tem autoria nem

data de nascimento conhecidas. Suas letras foram comparadas com numerais romanos e com os alfabetos latino, chinês, e árabe, entre outros. Para tentar decifrar o mistério, Rugg valeu-se de técnicas do próprio século 16, período em que o livro surgiu.

Com um instrumento chamado Grade de Cardano, composto de 40 linhas e 39 colunas, ele criou uma tabela e a preencheu com sílabas do "voynichês". Sobre a tabela, deslizou um cartão com janelas dispostas ao acaso. Conforme os movimentos do cartão, diferentes palavras formaram-se. "Obtivemos palavras com os mesmos padrões lingüísticos do manuscrito", diz Rugg.

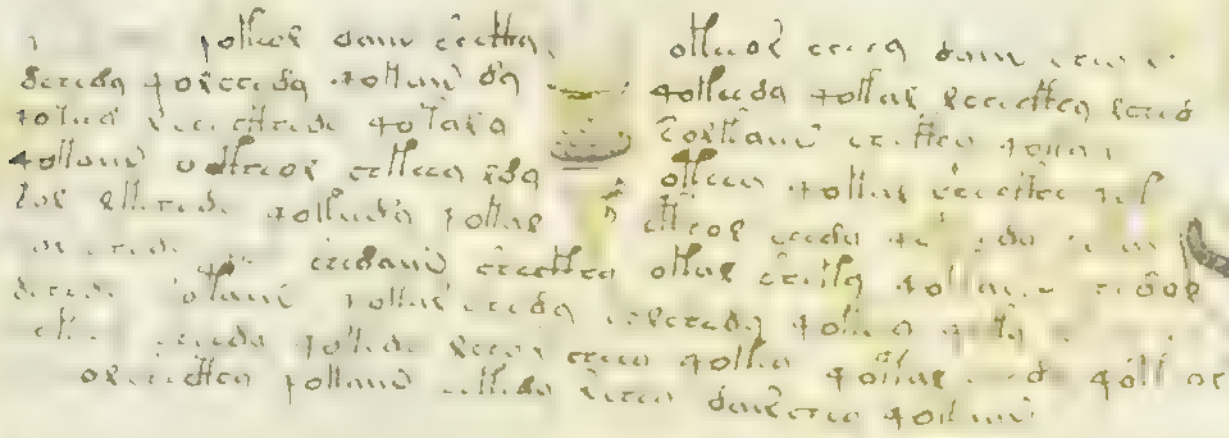
Mas essa semelhança poderia ocorrer mesmo se as frases do livro tivessem um sentido. "O método produz uma imitação ao acaso assim como as pala-

vras de um idioma. Por isso, o livro ainda pode ter sido escrito em língua natural", afirma Jorge Stolfi, professor de computação da Universidade de Campinas, que estuda o manuscrito há seis anos.

A maior evidência da fraude é que a Grade de Cardano era conhecida pelo alquimista Edward Kelley, com quem Rodolfo II, imperador da Boêmia, atual República Tcheca, obteve o manuscrito de Voynich. Entre 1576 e 1606, o rei Rodolfo levou ao Castelo de Praga ricas coleções de relíquias e obras de arte. Como também era dado a investigações de alquimia e magia negra, teria sido uma presa fácil para Kelley. A malandragem teria valido 600 ducados, segundo arquivos do imperador. Algo em torno de 150 mil reais hoje em dia. ■

MARIA FERNANDA ALMEIDA

Todo ilustrado e escrito numa língua misteriosa, este livro intriga nobres e cientistas desde o século 16





POR DENTRO DO

Módulo Lunar

Em 20 de julho de 1969, o americano Neil Armstrong tornou-se o primeiro homem a pisar na Lua. A parte final da viagem, e de todas as "alunissagens" seguintes, foi feita a bordo de uma máquina esquisita, o Módulo de Exploração Lunar "Eagle" (Falcão). Levando dois astronautas a bordo, ele se destacou da nave-mãe, a Apollo 11, que continuava orbitando a Lua, e desceu até o satélite. Tinha quase 7 metros de altura, mais de 15 toneladas e um espaço de armazenamento de 2,25 metros cúbicos. Sua velocidade inferior foi detectada na Lua quando os tripulantes partiram rumo à nave-mãe e a volta, vitórias, a Terra.

ROBERTO NAVARRO

GERINGONÇA ESPACIAL

A estranha máquina que levou o homem até a Lua

PAINEL DE CONTROLE

Concentrava os instrumentos usados para comandar a nave. Ao aproximar-se da Lua, o piloto Edwin Aldrin manteve contato com o Centro de Controle, na Terra, que fornecia informações para a pilotagem.

PRESILHA

Esta escotilha prendia o módulo à frente da nave-mãe. Os astronautas passavam por ela para entrar no equipamento antes da descida até a Lua, e para voltar à Apollo 11 após a missão.

PIE DE CAVALO

As pernas retráteis (que ficaram recolhidas durante o voo) foram projetadas para dar apoio ao módulo mesmo sobre terrenos irregulares, com inclinação de até 12 graus. Podiam suportar o impacto de um pouso vertical em velocidades de até 10 km/h.

GASOLINA AZUL

Os tanques armazenavam uma mistura de hidrogênio e oxigênio, a Aerozine 50. O excesso de combustível era usado para o perigo de risco, pois permitia uma viagem de pouso mais segura, de ida e volta da nave-mãe, a 250 milhas.

PARA BAIXO E AVANTE

Dois motores, um de subida e outro de descida, levaram o módulo até o solo e o tiraram de lá. O motor para pouso no satélite foi projetado para ser extremamente silencioso, assegurando um pouso suave. Também poderia funcionar como motor de emergência quando ligado à nave-mãe, caso uma emergência ocorresse.



MAIO NA HISTÓRIA



A queda de Constantinopla: marco entre a Idade Média e a Idade Moderna

1453 Os turcos otomanos tomam a cidade de Constantinopla, a capital do Império Bizantino ou Império Romano do Oriente. Desde o começo de abril, 100 mil homens cercavam a cidade, vindos por terra e numa enorme frota de galeras. Para evitar a ajuda dos cristãos europeus, o sultão Maomé II determinou a construção de uma muralha ao redor de seu exército e de Constantinopla, ficando livre para ultrapassar o sistema triplo de fortificações da cidade. A queda de Constantinopla, que

passou a chamar-se Istambul, se tornou marco tradicional entre a Idade Média e a Idade Moderna. Ela interrompeu as seculares rotas de especiarias entre a Europa e o Oriente, reforçando a necessidade entre os europeus de lançar-se a grandes navegações, o que resultaria na ocupação da África e na descoberta da América. A vitória árabe também fez do império turco-otomano uma das grandes potências do planeta, que só seria destituída quase cinco séculos depois, durante a Primeira Guerra Mundial. ■ Dia 29, na atual Turquia

868 É produzido, no antigo Turquestão, o primeiro livro impresso com data. Feito com moldes de madeira, o chamado **Sutra de Diamante** trazia uma coletânea de discursos para monges budistas. Dia 11, em Dunhuang, China



1291 Os muçulmanos cercam a cidade de São João D'Acre, o último reduto cristão na Terra Santa. O prestígio da Ordem dos Templários, que protegia os peregrinos, sai abalado. Dia 18, na atual Israel

1386 Portugal e Inglaterra assinam o Tratado de Windsor, uma aliança bélica e política que segue em vigor. O pacto mostra a crescente importância do Oceano Atlântico perante o Mar Mediterrâneo. Dia 9, em Windsor, Inglaterra

LINHA DO TEMPO

TRANSPORTES SOBRE RODAS

A milenar luta do homem para deixar de andar a pé

As rodas são a mais importante invenção humana. Surgiram em várias civilizações isoladas, por isso não se sabe quem as criou primeiro, quando ou onde. O que se conhece são seus efeitos em guerras e aproximando povos há mais de 5 mil anos, como fundamentos dos mais diversos meios de transporte. ■

LEANDRO NARLOCH

3500 A.C.

CARROÇA

A Mesopotâmia, berço da civilização, foi também o nascedouro dos veículos sobre rodas. As primeiras carroças eram de madeira e couro, tinham um tronco como roda e eram puxadas por onagros (espécie de cavalo)



BIGAS

Outra invenção mesopotâmica, as bigas espalharam-se pelo Egito e pela Ásia Menor, onde foram usadas pelo exército de Alexandre, o Grande. Em Roma, as corridas de bigas eram a principal atração do Circo Máximo, o maior hipódromo do império

1500

COCHE

Nenhum novo veículo de rodas foi criado durante a Idade Média, mas as antigas carroças ganharam sistemas de suspensão e arreios mais sofisticados naquela época. Essas melhorias possibilitaram a criação do coche, uma carroça puxada por três pares de cavalos e com rodas de vários tamanhos, que permitia o transporte rápido e agradável da realeza

PATINS

O belga Joseph Merlin, o homem que primeiro imaginou os patins, não conseguia manter-se em pé nas demonstrações do seu invento. Por isso, os patins só foram levados a sério em 1863, com a criação de um protótipo americano, e popularizaram-se no século 20, quando o plástico como matéria-prima foi usado largamente

1618 Durante uma revolta de protestantes, dois ministros do Sacro Império Romano do Ocidente são jogados pela janela de uma igreja de Praga, então Boêmia. Desde então, uma onda de conflitos religiosos e políticos se espalharia por toda a Europa e ficaria conhecida como a Guerra dos 30 Anos.
Dia 23, na República Tcheca

1647 Entre as 22h30 e 22h37, um terremoto destrói quase todas as 600 casas de Santiago do Chile, além dos poucos edifícios públicos e igrejas da cidade. O desastre chileno provoca uma histeria entre os habitantes.
Dia 13, em Santiago

1824 Composta quando o músico já estava surdo, a Nona Sinfonia de Ludwig van Beethoven, considerada sua obra-prima, é apresentada ao público. A composição obteve sucesso imediato.
Dia 7, em Viena



1886 Operários americanos promovem uma greve de três dias. A repressão ao protesto resultaria na morte de 38 manifestantes. Em homenagem às vítimas, a data de início do protesto foi escolhida como o Dia Internacional do Trabalho.
Dia 1º, em Chicago

1933 Líder da assistência aos feridos da Revolução de 32, a paulista Carlota Queirós torna-se a primeira deputada federal brasileira.
Dia 3, em São Paulo

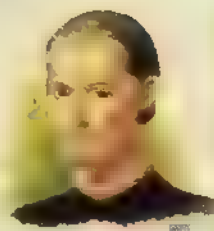


1983 O Instituto Pasteur identifica o vírus da Aids. O mérito, porém, vai para o americano Robert Gallo, que publicou sua descoberta antes. A injustiça seria reconhecida pelos Estados Unidos em 1995.
Dia 5, em Paris

NAScerAM...

Nicolau Maquiavel

1469 Maior entre os filósofos políticos, foi diplomata na Itália, França e Alemanha. Excluído da vida pública em 1512, dedicou-se a escrever tratados políticos como *O Príncipe*, um clássico sobre a arte de governar.
Dia 3, em Florença



... MORRERAM

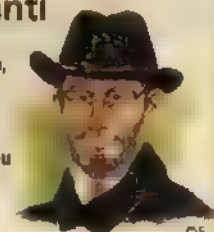
Antoine de Lavoisier

1794 Considerado o pai da química moderna, foi guilhotinado pelo regime de terror da Revolução Francesa, por desvio de dinheiro público.
Dia 8, em Paris



Tenório Cavalcanti

1987 Deputado líder nas favelas do Rio, andava com a metralhadora "Lurdinha" sob uma capa. O "homem da capa preta" foi cassado pela ditadura e morreu de pneumonia, aos 82 anos.
Dia 5, em Duque de Caxias



1804

LOCOMOTIVA A VAPOR

Primeiro dos múltiplos meios inventados no século 19, a primeira locomotiva, criada pelo inglês Richard Trevithick, tinha 25 toneladas e rodava a 8 km/h. Ferrovias e locomotivas passariam a difundir-se 20 anos depois



BICICLETA

Movida pelas próprias pernas do ciclista, a primeira bicicleta, criada pelo engenheiro alemão Karl von Drais, espalhou-se rapidamente pela Europa. O sucesso não ocorreu à toa. A bicicleta foi o primeiro meio eficiente ao transportar o homem por meio de sua própria força, sem tração animal nem mecânica, um sonho desde Leonardo da Vinci, no século 15

1881

BONDE ELÉTRICO

Em substituição às composições puxadas por cavalos comuns nos Estados Unidos e na Europa, o primeiro bonde elétrico tinha cabos de energia na altura do corpo, o que provocou dezenas de mortes. O modelo só popularizou-se quando os cabos foram para o alto. A partir de 1890, os bondes ganharam o mundo, tornando-se o meio mais comum do começo do século 20



AUTOMÓVEL A GASOLINA

O sucesso de carruagens sem cavalos só apareceu quando o engenheiro alemão Karl Benz usou gasolina, e não carvão, como combustível. Seu veículo de três rodas chegava a 15 km/h

1885

MOTOCICLETA

Meses após a invenção do carro, o alemão Gottlieb Daimler cria a moto. Com rodinhas laterais para dar equilíbrio, chegava a 19 km/h. Em 1889, Daimler fundaria a Mercedes-Benz em sociedade com o criador do automóvel



METRÔ ELÉTRICO

A Londres vitoriana, maior cidade do século 19, foi a primeira a criar meios subterrâneos. O primeiro metrô, de 1863, transportou 9,5 milhões de passageiros em seu primeiro ano de funcionamento, apesar da fumaça que produzia nos túneis (ainda funcionava a vapor!). O sistema elétrico foi implantado em Londres, em 1890

MUSEUS DO MUNDO

A Casa Branca, em Washington

Endereço mais famoso dos Estados Unidos (avenida Pennsylvania, 1600), a Casa Branca é residência dos presidentes desde 1800. O projeto arquitetônico foi escolhido por meio de uma competição em 1792, vencido pelo imigrante irlandês James Hoban. Ele se inspirou nas mansões neoclássicas de sua terra natal, Dublin, e recebeu 500 dólares de prêmio. A casa não ficou pronta para abrigar o primeiro presidente, George Washington, que deixou o governo em 1797. O morador nú-

mero 1 foi John Adams, cuja família pendurava roupas para secar nas obras: a construção seguia inacabada.

Reformada depois de um incêndio criado por soldados ingleses em 1814, a Casa Branca ganhou forma ao longo dos anos. O primeiro banheiro interno foi instalado em 1833, luz a gás em 1848, telefone em 1877 e luz elétrica em 1891. Hoje, a casa tem 32 banheiros, 413 portas e cerca de 100 funcionários. Theodore Roosevelt (presidente entre 1901 e 1909) deu atenção especial ao lugar,

ampliando-o e instalando elevadores.

Os turistas que visitam a Casa Branca têm acesso apenas aos dois primeiros andares. Os outros dois, que incluem a residência da primeira-família, as peças de arte mais valiosas e os escritórios, são fechados ao público. A segurança também é apertada, especialmente depois da tragédia de 11 de setembro. ■

TÂNIA MENAI

SAIBA MAIS

www.whitehousehistory.org



02

1 BIBLIOTECA

Circundados por 2,7 mil livros de autores americanos, políticos reúnem-se nesta sala para chás e discussões de trabalho. Primeiro cômodo visitado pelos turistas, a biblioteca foi montada com madeira de casas e demolições do século 19. Sua decoração, em estilo federal (uma variante americana do neoclassicismo), é menos formal do que as demais dependências do andar, e passou por modificações em 1962 e 1976

2 SALA VERMEL

Por ser o espaço predileto de várias primeiras-damas, comenta-se que decisões importantes dos Estados Unidos foram tomadas nesta sala. Retratos das mais recentes mulheres dos presidentes revestem as paredes amarelas do aposento, também chamado Gold Room (Sala Dourada). A Vermel também abriga coleções de prataria – a maioria da Inglaterra do século 18



02

3 SALA CHINESA

Quase todos os presidentes estão representados nesta sala, seja por ornamentos de porcelana ou vidraçaria. A maioria dos objetos foi obtida durante viagens internacionais. O costume de guardá-los aqui começou com o presidente Woodrow Wilson (1913-1921), colecionador de relíquias do artesanato chinês



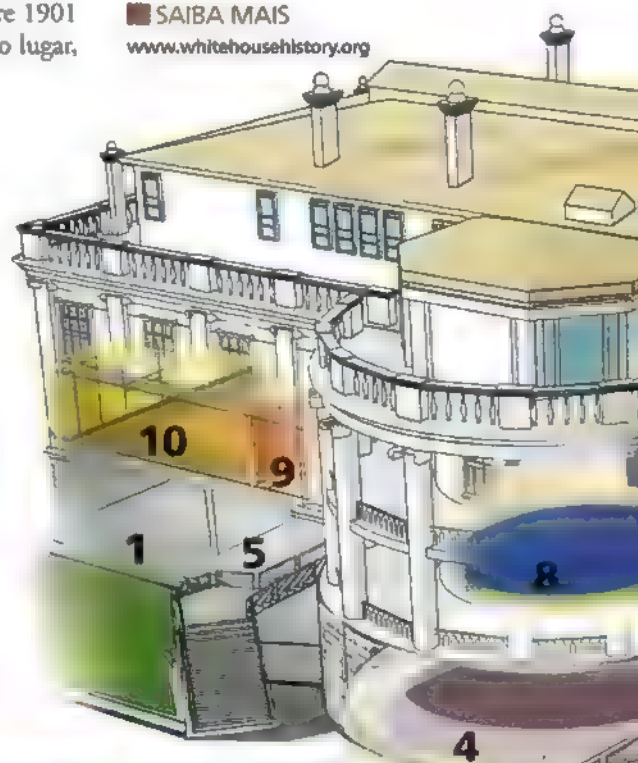
02



02

4 SALA DE RECEPÇÕES DIPLOMÁTICAS

Neste cômodo oval e decorado com papel de parede composto por paisagens americanas, os novos embaixadores apresentam-se ao presidente. Foi nesta sala que, em 1933, Franklin Roosevelt gravou o primeiro boletim da série *Fireside Chats*, as "conversas ao pé da lareira" com o povo americano, programa de rádio promovido entre 1933 e 1944





02

5 SALA DE MAPAS

Aqui, ficava Franklin Roosevelt durante a Segunda Guerra Mundial – ele e o primeiro-ministro inglês Winston Churchill afundavam-se nas cadeiras Chippendale para mapear o andamento da guerra. Hoje, esta sala é usada para recepções privadas do presidente George W. Bush. Aliás, foi daqui que, em 1988, o presidente Bill Clinton participou, via videoconferência, dos julgamentos referentes ao seu caso com Monica Lewinsky

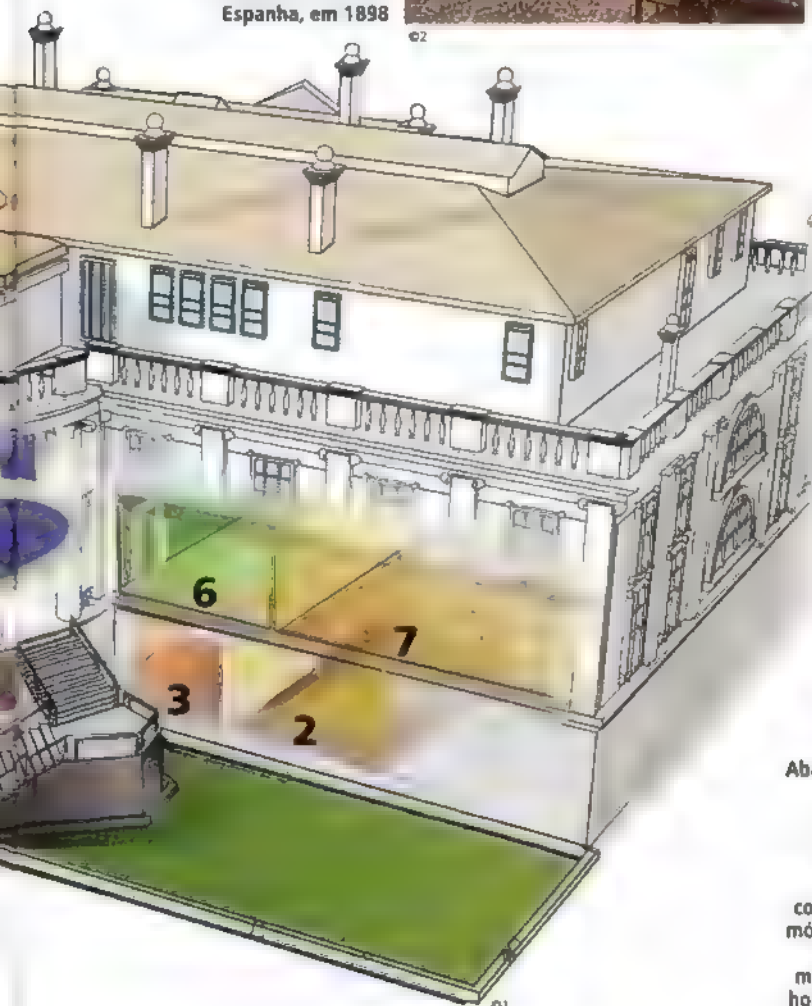
6 SALÃO VERDE

Com paredes revestidas de seda, era o aposento predileto de John Kennedy.

Retratos decoram o ambiente com castiçais que foram de Dolley Madison, primeira-dama entre 1809 e 1817. No andar acima, restrita ao público, fica a Sala do Acordo, onde foi assinado o tratado que acabou com a guerra americana contra a Espanha, em 1898



02



01



02

7 SALÃO LESTE

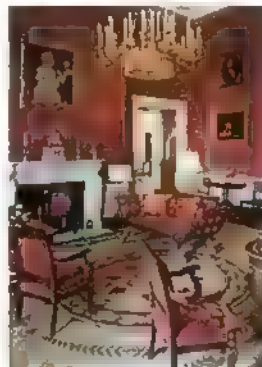
Richard Nixon leu aqui sua carta de renúncia, em 1974, admitindo sua participação no caso Watergate. Os corpos de Abraham Lincoln e dos outros seis presidentes que morreram no exercício do cargo foram velados nesta sala, que é a maior da Casa Branca, com 960 metros quadrados. Sua lareira de mármore aqueceu o jantar de oficiais da Guerra Civil americana (1861-1865)

8 SALÃO AZUL

Em 1980, Ronald Reagan recebeu aqui os 53 americanos reféns na embaixada dos Estados Unidos em Teerã. Neste salão também houve, em 1866, o casamento do presidente Grover Cleveland, o único realizado na Casa Branca. O cômodo fica exatamente embaixo do Salão Oval, onde Monica Lewinsky e Bill Clinton cometeram suas peripécias, e onde o presidente Lula é recepcionado ao visitar os Estados Unidos



02



02

9 SALÃO VERMELHO

A primeira-dama Dolley Madison organizava recepções para celebridades nesta sala, a menor da Casa Branca. Sabe-se também que Mary Todd Lincoln, moradora de 1861 a 1865, fez aqui sessões espíritas para contatar seus filhos mortos. É mais: sentados neste tapete que o presidente Ulysses Grant (1869-1877) e seu general repensaram a Guerra Civil americana, usando saleiros e louças como tropas

10 SALA DE BANQUETES

Abaixo da suíte do primeiro-casal e de um quarto particular da primeira-dama Laura Bush, este é similar ao Salão Leste por causa do tamanho e estilo. Aqui, realizam-se grandes banquetes para até 140 convidados. A peça mais famosa é um móvel com uma frase inscrita, retirada de uma carta de John Adams a sua mulher, que diz: "Que apenas homens honestos e sábios comandem sob este teto". Continuemos de dedos cruzados



02

Os jogos de azar foram proibidos no Brasil a pedido de uma primeira-dama?

O apelido de Carmela Leite Dutra, mulher do presidente Eurico Gaspar Dutra, confirma Dona Santinha, como costumava ser chamada, era muito religiosa e poderosa. Comenta-se que ela não queria que o desejo fosse atendido. Em 30 de abril de 1946, o decreto-lei 9215 fechou os cassinos de todo o Brasil.

Esses lugares luxuosos, "antros do prazer", eram frequentados desde a década de 30, famosos e anônimos, como Carmen Miranda e Orlando Silva. En-

tre os locais de jogo, havia hotéis no Rio de Janeiro e em hotéis do sul de Minas Gerais, onde Getúlio Vargas costumava se hospedar.

A insistência da primeira-dama para que Dona Santinha ganhasse a ajuda de uma família de um cassino (o Atlântico, em Minas Gerais) não foi aceita.

Em 1946, a revista, Assis Chateaubriand, recusou-se a publicar o material ao jornal carioca, desvendando o jogo. O jogo envolveu o ministro José Dirceu e seu assessor Waldomiro Diniz em fevereiro de 1946.

suas fortunas nas mesas de jogo. Quando foram proibidos, os cassinos

foram fechados. A proibição foi assinada por Getúlio Vargas.

Um zoológico inventou o jogo do bicho?

Em 1890, o diretor do Jardim Zoológico de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, criou um jogo para atrair mais visitantes e sanar a fome dos animais. O jogo do bicho foi criado por um entre 25 animais. Todo dia o

barão escolhia um bicho e colocava-o no jogo. O jogo do bicho foi criado por um entre 25 animais. Todo dia o barão escolhia um bicho e colocava-o no jogo. O jogo do bicho foi criado por um entre 25 animais. Todo dia o

EXTINGUIDO O JOGO EM TODO O BRASIL Assinado o decreto-lei pelo chefe do Governo

VIAGEM NOTURNA AO MUNDO DA SATYRA

"O GLOBO" VISITA OS "NECROTERIOS" DOS CASINOS, QUE SÃO AS ANTE-SALAS DA PENITENCIARIA E DA MORTE

NOVAS E IMPRESSIONANTES REVELAÇÕES SOBRE OS ANTONES DE JOGATINA DA CAPITAL FEDERAL - A FONTE FABULOSA DOS REINOS CONTROLADOS DE TODOS OS LUGARES - "RETELLAS" QUE SO BRILHAM SOB AS LUZES OFUSCANTES DOS SALOES - A POLITICA TAMBEM ESTA PRESENTE - O CAPITALISTA E O NEGRO - INVOCAÇÕES TREMENDAS E CRIQUES VIOLENTOS EM ALGUNS MINUTOS



O DECRETO

JOGATINA PÚBLICA

♣ O bingo surgiu no século 14, na cidade de Gênova, na Itália, inspirado na eleição de deputados e senadores. Os nomes dos candidatos eram escritos em bolas e sorteados. O jogo espalhou-se pela Europa com Carlos VIII, rei francês que invadiu a península itálica no fim do século 15.

♦ No Brasil, a primeira loteria surgiu em 1784, criada para arrecadar dinheiro para o término das obras da Casa de Câmara e da Cadeia de Vila Rica.

♠ Durante a Segunda Guerra Mundial, as Forças Armadas americanas instalaram diversas bases na América do Sul. Uma delas ficava em Caravelas, na Bahia. Entre um trabalho e uma reunião, foi montado um cassino de invejar várias cidades brasileiras.

♥ Inúmeras mesas de jogos foram encontradas em ruínas romanas, sem causar muita surpresa: sabe-se que os imperadores Otávio Augusto e Calígula eram jogadores inveterados.

K



DITO E FEITO



“Custar os olhos da cara”

Para dizer que pagamos muito caro por algum produto, costumamos exagerar e usar os olhos como sinônimo de um valor alto demais. Parece história de pescador, mas a origem mais conhecida dessa expressão mostra que esse preço foi pago por alguém: o conquistador espanhol Diego de Almagro (1479-1538), companheiro do general Pizarro em sua conquista a América.

Almagro perdeu um olho quando tentava invadir uma fortaleza inca. Depois da disputa, ao apresentar-se ao imperador espanhol Carlos I, teria afirmado: “Defender os interesses da Coroa espanhola me custou um olho da cara”. O conquis-

tador continuou espalhando seu feito e o custo dele para quem quisesse ouvir. A frase, de tão reperida, chegou aos ouvidos dos soldados e deles para a boca do povo.

Se essa história parece cruel o suficiente, há quem diga também que a origem da expressão seja mais antiga e venha do hábito de povos da Mesopotâmia de arrancar os olhos de quem pudesse colocar em risco a estabilidade do governo. Os assírios, por exemplo, organizavam guerras sangrentas e seus prisioneiros tinham mãos, pés, orelhas e olhos mutilados e arrancados. Com os inimigos cegos e inofensivos, tudo ficava mais calmo. ■

JULIA MOHOU

“Fazer nas coxas”

A pesar de estar na boca do povo, esse dito popular, usado para designar algo feito às pressas, não possui uma origem definida. Existem duas explicações. Uma delas, relacionada à história do Brasil, sugere que os moldes utilizados pelos escravos para fazer telhas

de barro eram suas próprias coxas. Como algumas eram mais finas e outras mais grossas, cada telha ficava de um tamanho. Já o etimologista Reinaldo Pimenta acredita que se trata apenas de uma expressão chula, ou seja, originada pela conotação sexual das coxas. ■ J.M.

HISTÓRIA MALUCA



BORBULHAS JURÁSSICAS

Maiores e mais pesados entre todos os dinossauros, os saurópodes chegavam a 30 metros de altura e 80 toneladas comendo apenas plantas. Apesar disso, uma pesquisa da Universidade de Calgary, no Canadá, revelou um fato que surpreendeu arqueólogos de todo o planeta: os saurópodes boiavam.



POETA E... BARBEIRO!

O célebre Olavo Bilac, autor do *Hino à Bandeira* e um dos poetas mais populares dos fins também cometeu suas trapalhadas. Numa tarde de 1897, depois de semanas de insistência com o abolicionista José do Patrocínio para que o ensinasse a dirigir, bateu o carro a vapor do amigo numa árvore da estrada velha da Tijuca, no Rio de Janeiro. Ocorreria ali o primeiro acidente de carro da história do Brasil.



ISSO QUE É RAINHA

O historiador holandês Govert Westerveld acredita ter descoberto quem foi a malvada que inspirou a peça da rainha no jogo de xadrez moderno. Trata-se de Isabel, a Católica, que ficou famosa no século 15 por mandar e desmandar no homem que escolheu como marido, o rei Fernando de Aragão. Como a rainha de madeira, era bem mais poderosa e articulada que o rei. ■

LEANDRO NARLOCH

A marcha dos impuros

Em 1946, com o fim Segunda Guerra Mundial e a incapacidade do Império Britânico de manter sua principal jóia colonial, a Índia encontrava-se diante de uma encruzilhada. Os tradicionais líderes do hinduísmo, a religião predominante do país, disputavam com os muçulmanos, grupo cada vez mais numeroso e influente, a liderança do processo de independência.

Ao mesmo tempo, o comunismo vitorioso em outros países da Ásia, como a China e as repúblicas soviéticas, surgia como a terceira via, principalmente entre os sudras — a mais baixa casta hindu —, também chamados de “impuros”. Sem poder votar, entrar em templos e escolas ou exercer a maioria das profissões, muitos converteram-se ao budismo e ao islamismo. Outros, ao comunismo.

Em agosto de 1946, tantas divergências acabariam em uma onda de conflitos que resultou em 15 mil indianos mortos. No ano seguinte, a divisão do país seria inevitável. A Índia conquistaria a independência e os muçulmanos ficaram com Paquistão. Até hoje, os direitos dos sudras permanecem limitados.

LEANDRO NARLOCH





கிந்துமுஸ்லிம்



அம்மையேன்ரு

Ele era uma fera nas pistas. Fazia de tudo para vencer e vencia. Conheça as melhores histórias que fizeram de...

...Senna, o herói do Brasil

Por LEMYR MARTINS



primeira dificuldade que aquele brasileiro de 20 anos, magrinho e aparentemente tímido, encontrou quando chegou na Inglaterra em 1980 foi ensinar seu nome. Jamais alguém chamado Ayrton tinha aparecido em Snetterton, onde se localizava a Van Diemen, a fábrica de protótipos da Fórmula Ford pela qual ele pretendia competir. E como "Ayrton" era impronunciável em inglês, as pessoas o chamavam de "Harrinton da Silva".

Foi Chico Serra, ex-campeão da Fórmula Ford, que apresentou Ayrton a Ralph Firman, dono da Van Diemen. E disse tantas maravilhas sobre ele que Firman, mesmo antes de conhecer o novo talento, já o chamava de *quick man* (homem rápido, em inglês).

Béco, como era conhecido desde pequeno, apaixonou-se pela velocidade muito criança. Uma vocação que animou o pai, seu Milton, a fabricar ele mesmo o primeiro kart do filho: um carrinho impulsionado por um motor de cortador de grama. O menino pintou nele os números 007 e transformou-o em seu brinquedo predileto. Nos longos serões na improvisada oficina da casa da Serra da Cantareira, em São Paulo, onde morava, Béco se esquecia da vida e só tirava as mãos da graxa altas horas da noite e sob protestos.

Ayrton era um predestinado. Tinha 8 anos quando par-

ticipou de sua primeira corrida. Numa prova na qual a ordem de saída era definida por sorteio, tirou o papelzinho número 1, que lhe deu o direito de largar na pole position. Em competições oficiais, estreou aos 13 anos, num domingo em julho de 1973, em Interlagos. E venceu.

Depois de ganhar vários títulos de campeão brasileiro e sul-americano, Ayrton participou dos mundiais de kart em 1978, em Le Mans, na França, e em 1979, em Estoril, Portugal. Em ambos esteve bem perto do título. Em Le Mans, bateu na bateria final e teve de contentar-se com o prêmio de piloto revelação. Em Portugal, Ayrton chegou na última bateria sentindo cheiro do título. Venceu, fez toda a festa, mas não ficou com a taça. O holandês Peter Koene foi declarado campeão pelo critério desempate. Ayrton saiu festejado como campeão moral, mas decepcionado. No ano seguinte, decidiu morar na Europa.

Em novembro de 1980, Ayrton deu dez voltas num F-Ford. O patrão Ralph Firman gostou do que viu e o contratou para correr o campeonato inglês e o europeu. Senna estreou em 1º de março, em Brands Hatch, na Inglaterra, com um quinto lugar, mas o estilo técnico e guerreiro, que lhe rendeu três poles position e três vitórias, nas corridas seguintes, logo o transformou em favorito ao título. Em julho, a imprensa especializada o elegeu o melhor piloto de sua ge-

>>> SENNA ESTREOU NO BRASIL EM 1984.
A FÓRMULA 1 JAMAIS SERIA A MESMA

SENNÁ SUBIU AO PÓDIO EM 50% DOS
GRANDES PRÊMIOS DA F-1 QUE DISPUTOU



Última vitória:
Senna despediu-se
da McLaren,
no Japão, em 1993

O primeiro kartinho foi feito
pelo pai com um motor de
cortador de grama

NÚMEROS NA FÓRMULA 1

VITÓRIAS: 41

POLES POSITION: 65

VOLTAS NA LIDERANÇA: 2 962

VITÓRIAS COM POLE POSITION: 29

VITÓRIAS CONSECUTIVAS NO MESMO CIRCUITO:

Mônaco, 5, de 1989 a 1993

POLES POSITION NUMA MESMA TEMPORADA:

13 (EM 1988 E 1989)

Em 1988: Brasil, San Marino, Mônaco, México, Canadá, EUA,
Alemanha, Hungria, Bélgica, Itália, Espanha, Japão e Austrália.

Em 1989: Brasil, San Marino, Mônaco, México, EUA, Inglaterra,
Alemanha, Bélgica, Itália, Portugal, Espanha, Japão e Austrália

POLES POSITION SUCESSIVAS: 8

Espanha, Austrália, Brasil, San Marino, Mônaco, México e Estados
Unidos (1988), Brasil (1989)

VITÓRIAS DE PONTA A PONTA: 19

Em 1985: Portugal. Em 1988: San Marino, EUA, Alemanha,
Hungria, Bélgica. Em 1989: San Marino, Mônaco, México, Bélgica
e Espanha. Em 1990: Mônaco, Bélgica e Itália. Em 1991: Estados
Unidos, Brasil, Mônaco, Hungria e Austrália





AYRTON FEZ 65 POLES POSITION. RECORDE QUE AINDA PERMANECE INTACTO

um adesivo rapando a entrada de ar do radiador de óleo que, dessa forma, aceleraria a temperatura ideal e o motor funcionaria a pleno, já nas voltas iniciais. Bennetts alertou que assim que a temperatura atingisse o nível desejado, o adesivo teria de ser removido, senão o motor explodiria. Ayrton topou, afinal, aquela era a corrida mais importante da temporada e, até ali, da sua vida.

Tudo funcionou como o previsto e, na sexta volta, o alarme de temperatura acendeu. Ayrton abriu o cinto, esticou-se e puxou o lacre improvisado, mas não conclui a manobra na reta e entrou na chicane sem recolocar o cinto. "Eu parecia um boneco de mola solto dentro do cockpit", afirmaria Ayrton depois da prova. De volta à reta, apertou o cinto, respirou fundo e abriu vantagem suficiente para chegar à vitória são, salvo e campeão. Para quem não soube da manobra, aquela foi apenas mais uma vitória, mas para Bennetts e companhia foi um triunfo que virou lenda.

No fim de 1983, o jovem piloto era detentor de cinco títulos: dois da F-Ford, dois na F-2000 e um da Fórmula 3, em apenas três temporadas. Era natural que chovessem convites para ele fazer testes na Fórmula 1: Toleman, Brabham, Tyrrell e McLaren fizeram as primeiras ofertas, mas ele guardava uma recordação especial da primeira experiência na Williams, anotada na página 42 da sua inseparável agenda-diário, com capa marrom. Ali, escreveu: "Encontrar com Frank Williams em Unit 10, Station Road, Industrial State, às 3 pm de 1º de abril". Leu a anotação a bordo do Boeing 747, entre São Paulo e Londres, e riu. Ia testar um Fórmula 1 no dia da mentira. Guardou o diário e dormiu. Acordou sobrevoando Londres e lembrou feliz: "Caramba, res- ▶

Senna e os
rivals: Prost,
Mansell
e Piquet



Em 1979, no mundial
de kart em Portugal,
ele ganhou
mas não levou



Com a mítica Lotus
preta que dera o título mundial
para Emerson, em 1972, Senna
venceu pela primeira vez

FÓRMULA 3

CARRO: Ralt RT3

CHASSI: monobloco de alumínio

MOTOR: Toyota de 2000 cm

CÂMBIO: Hewland, 5 marchas + r

ALIMENTAÇÃO: injeção direta

SUSPENSÃO: independente

FREIO: a disco nas 4 rodas

VELOCIDADE MÁXIMA: 220 km/h

O F-36 na Fórmula 1 em miniatura

de Ayrton Senna no aeródromo de

Porto de Mafra, em Portugal, em 1983

na preparação individual dos

carros. De esquerda para a direita:

o F-36 na Fórmula 1 em miniatura

de Ayrton Senna no aeródromo de

Porto de Mafra, em Portugal, em 1983

FÓRMULA 1

CARRO: Toleman TG184

CHASSI: fibra de carbono, alumínio, estrutura monobloco

SUSPENSÃO: independente nas 4 rodas, outboard, sistemas de duplos triângulos

MOTOR: Hart AT11, 4 cilindros,

de 1500 cc, com turbo, 4 válvulas

por cilindro, 10500 rpm

CÂMBIO: Hewland, 5 marchas

ALIMENTAÇÃO: injeção direta

SUSPENSÃO: independente

PNEUS: Pirelli

FREIOS: nas 4 rodas

VELOCIDADE MÁXIMA: 300 km/h

A F-1 permitia a opção

entre os motores

RESULTADOS: 5 pódios e 13 pontos



LOTUS

GPS DISPUTADOS: 161
GPS QUE PARTICIPOU: 163



Ninguém foi tão
arrojado, rápido e
competitivo sobre
pista molhada

CLASSIFICAÇÃO NOS CAMPEONATOS

1984	9.º LUGAR	13 PONTOS
1985	4.º LUGAR	36 PONTOS
1986	4.º LUGAR	55 PONTOS
1987	3.º LUGAR	57 PONTOS
1988	1.º LUGAR	94 PONTOS
1989	2.º LUGAR	60 PONTOS
1990	1.º LUGAR	78 PONTOS
1991	1.º LUGAR	96 PONTOS
1992	4.º LUGAR	50 PONTOS
1993	2.º LUGAR	73 PONTOS

Antes da F-1, foram cinco
títulos em três anos: nas
fórmulas Ford, 2000 e 3



ENFIM, A F-1

Senna disputou 163 corridas na década em que sacudiu a Fórmula 1. Na estréia, no GP do Brasil em 1984, enfrentou feras, como Niki Lauda e Alain Prost (McLaren), Keke Rosberg (Williams) Michele Alboreto (Ferrari), Nelson Piquet (Brabham) e Nigel Mansell (Lotus). Largou em 16.º, ganhou três posições na primeira volta, mas seu Toleman quebrou na oitava volta. Prost venceu.

A melhor corrida de Ayrton na temporada foi o GP de Mônaco. Ele partiu na 13.ª posição e, debaixo de um temporal, fez ultrapassagens espetaculares sobre Lauda, Rosberg, Alboreto e Mansell. Era inacreditável que aquele brasileiro estreante, em 20 voltas, colasse seu fraco Toleman no encalço do possante McLaren de Prost. E, mais ainda, ultrapassasse o francês. Senna só não venceu seu primeiro grande prêmio porque o diretor da prova encerrou a corrida na 31.ª das 78 voltas previstas. Embora estivesse na liderança, o regulamento determina que, quando a corrida é encerrada antes da metade, a classificação é definida pelas posições da vol-

PONTOS: 614

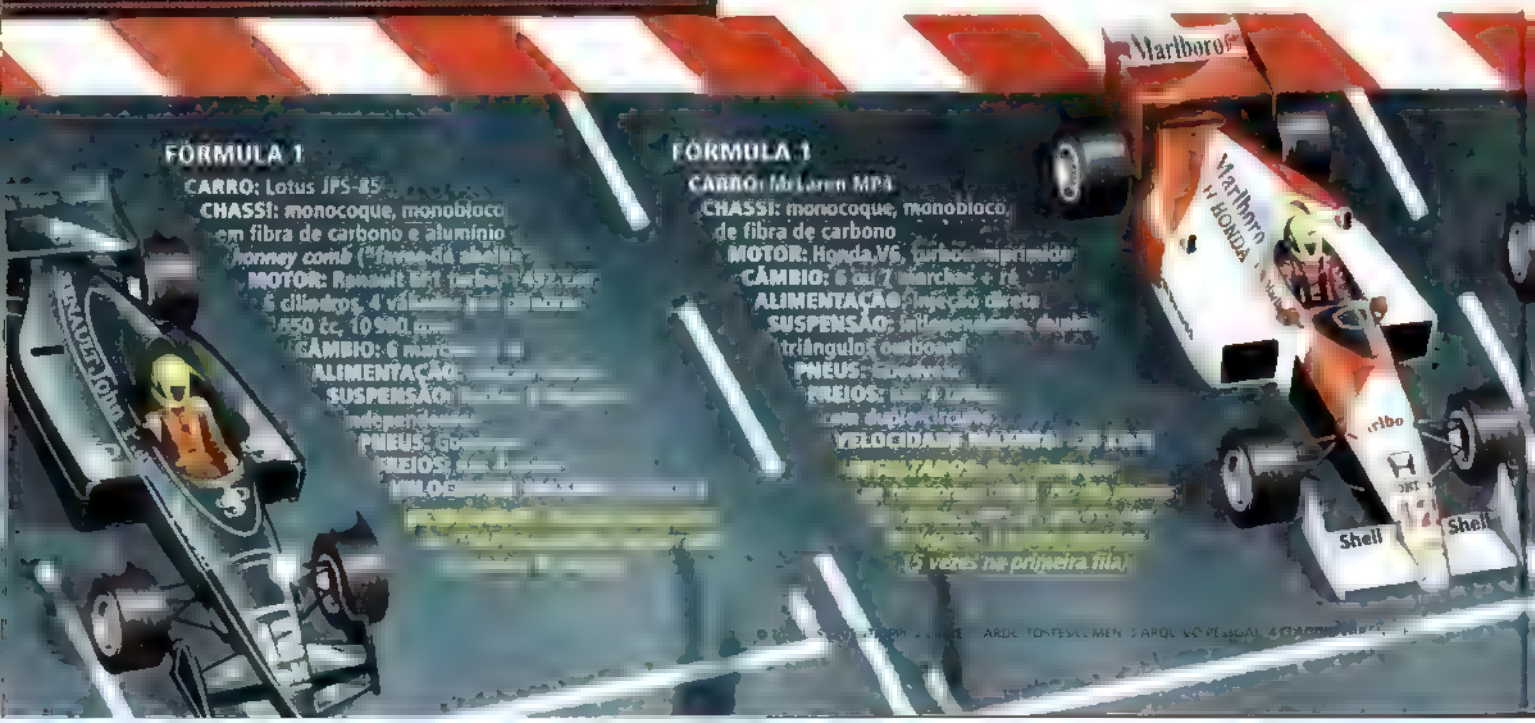
FÓRMULA 1

CARRO: Lotus JPS-85
CHASSI: monocoque, monobloco
em fibra de carbono e alumínio
honey comb ("favos-de-abelha")
MOTOR: Renault EF1 turbo 1.452 cm³
6 cilindros, 4 válvulas por cilindro
1.650 cv, 10.900 rpm
CÂMBIO: 6 marchas
ALIMENTAÇÃO: injecção direta
SUSPENSÃO: independente, duplo
triângulo inferior
PNEUS: Goodyear
FREIOS: a disco com duplo travão

FÓRMULA 1

CARRO: McLaren MP4
CHASSI: monocoque, monobloco
de fibra de carbono
MOTOR: Honda V6, turbo, comprimido
CÂMBIO: 6 ou 7 marchas e ré
ALIMENTAÇÃO: injecção direta
SUSPENSÃO: independente, duplo
triângulo superior
PNEUS: Goodyear
FREIOS: a disco com duplo travão
VELOCIDADE MÁXIMA: 240 km/h

(5 vezes na primeira fila)



>>> "EU CORRO PARA VENCER. SÓ A VITÓRIA JUSTIFICA OS RISCOS DESSE ESPORTE TÃO PERIGOSO"

ta anterior a da bandeirada. Prost, mais uma vez, venceu. Em 1984, Lauda foi o campeão e Senna terminou em nono.

Foi debaixo de um temporal que ele conseguiu seu primeiro triunfo na F-1, em Portugal, em abril de 1985. Numa atuação inesquecível, Senna navegou sob um dilúvio durante duas horas e 28 segundos por 291 quilômetros, a média de 150 km/h. Acelerou a Lotus número 12 numa lição de pilotagem, avisando ao mundo que naquele domingo surgia uma lenda: o Ayrton Senna da Chuva. Para quem acredita em coincidências (e o próprio Senna acreditava), naquela noite, o cometa Halley surgiu no céu, como para marcar a primeira vitória da carreira do piloto na Fórmula 1.

SENNAX PROST

Ayrton estava feliz no início de 1988. Como piloto de um McLaren, tinha um carro muito mais competitivo que os anteriores. Tinha 28 anos e não era mais o jovem franzino. Preparou o corpo para resistir a potência dos 1 200 cavalos que o motor turbocomprimido Honda desenvolvia nas voltas da classificação. Ganhou físico de atleta praticando exercícios e atingiu a condição cardiovascular ideal para a exigente profissão. Com o 1,76 metro, subiu de 58 para 70 quilos, ganhando musculatura. Os braços passaram de 23,2 para 34,6 centímetros e os antebraços de 20,3 para 32,4 centímetros de largura. O tórax aumentou 15 centímetros, evoluiu de 86,4 para 101,4. Os punhos de 13 para 17,4, as coxas de 44,6 para 51,6 e os tornozelos de 19 para 22 centímetros. Ayrton adquirira condição física para resistir ao estresse de duas horas de competição, em situações que desa-



Acelera "Harrinton"! Em 1981, na Fórmula Ford, os ingleses foram obrigados a aprender o nome de Ayrton



O dono do pedaço: o dono do seu McLaren, o S de Senna, em 1988

VOLTAS MAIS RÁPIDAS: 19



FÓRMULA 1

CARRO: McLaren MP4-2
CHASSI: monocoque, monobloco, fibra de carbono e alumínio honeycomb
MOTOR: Honda V10, 2 500 cc, com 4 válvulas por cilindro
CÂMBIO: semi-automático, 5 marchas
SUSPENSÃO: semieixo, independente, duplos triângulos inferiores
PNEUS: Goodyear
FREIOS: dos 4 rodas, a disco
VELOCIDADE MÁXIMA: 310 km/h

FÓRMULA 1

CARRO: Williams FW18
CHASSI: monocoque monobloco, de fibra de carbono
MOTOR: Renault V10, com 4 válvulas por cilindro e sistema pneumático
CÂMBIO: automático, 5 marchas
ALIMENTAÇÃO: motor elétrico
SUSPENSÃO: dos 4 rodas, a disco



EM 1991, SENNA VENCEU O GP DO BRASIL EM INTERLAGOS. ELE VOLTARIA A GANHAR EM 1993

GP QUE NUNCA VENCEU

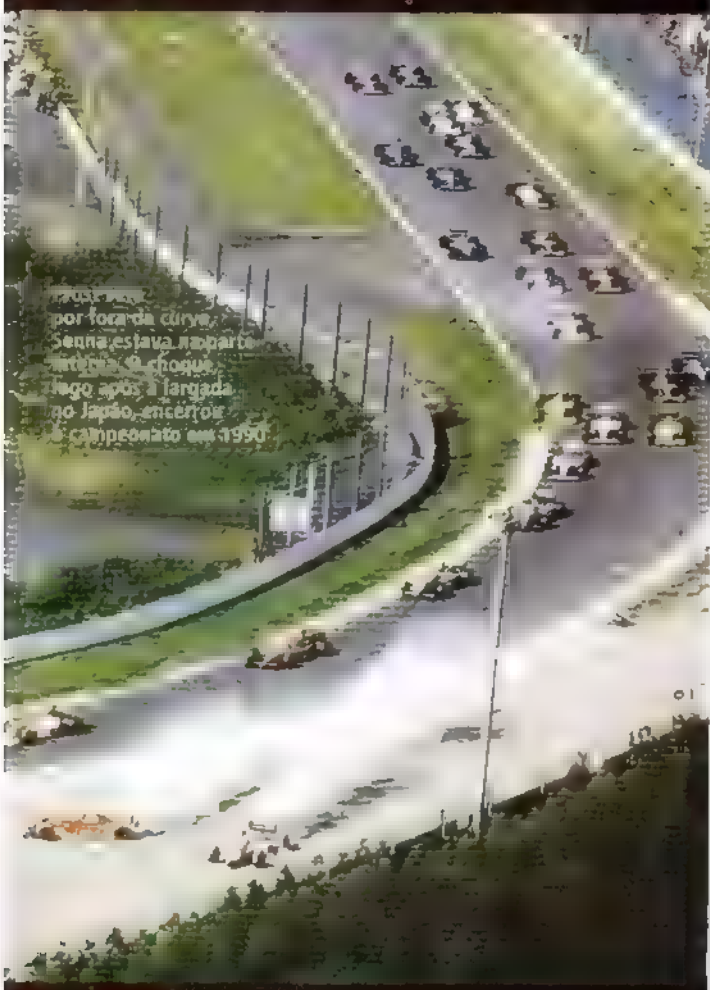
1. NA FRANÇA

GP QUE NÃO SE CLASSIFICOU

1. GP DE SAN MARINO 1984

GP QUE NÃO DISPUTOU

1. GP DA ITÁLIA DE 1984



Prost saiu por fora da curva. Senna estava na parte interna. O choque logo após a largada no Japão, encerrou o campeonato em 1990.

GPS QUE MAIS VENCEU

MÔNACO	6 VEZES	1987/89/90/91/92/93
BÉLGICA	5 VEZES	1985/88/89/90/91
ESTADOS UNIDOS	3 VEZES	1986/87/88 (DETROIT)
ESTADOS UNIDOS	2 VEZES	1990/91 (PHOENIX)

► fiam os limites do corpo humano. Preparou-se, enfim, para ser capaz de vencer o melhor piloto da época, o francês Alain Prost, bicampeão mundial, conhecido como Professor, e que era seu inimigo na equipe inglesa.

O duelo entre os dois foi a atração da temporada: das 16 provas, Ayrton ganhou oito, Prost sete. Por isso, o mundo exultou quando eles foram para o tira-teima na corrida final no Japão. Ayrton era o pole, mas teve problemas na largada e o motor apagou. Prost pulou na frente dando a impressão de que conquistaria o tricampeonato. Quando Senna conseguiu largar, caiu para 16º. Ele partiu feroz, fazendo ultrapassagens de todo jeito. Caçava o francês de forma tão obstinada que só na primeira volta passou seis adversários. Na 11ª, já era terceiro e, para espanto geral, principalmente de Prost, na 20ª, colocou no líder. Era o momento de decidir quem seria o campeão. Na 28ª volta, Ayrton deu o bote. Entrou na reta dos boxes com seu McLaren colado no aerofólio do de Prost, retardou a freada ao máximo, saiu do vácuo, ficou lado a lado com o francês e completou a ultrapassagem do título mundial.

SEMPRE NO JAPÃO

Em 1990, o duelo entre Senna e Prost continuou sendo a grande atração, com a diferença que, agora, o francês estava na Ferrari. A decisão seria, outra vez, no Japão. Prost chegou em Suzuka com cinco vitórias nos 16 grandes prêmios da temporada. Senna vinha de seis vitórias.

Ayrton amanheceu com dores de ouvido que obrigaram-no a usar protetores especiais para amenizar o ruído do motor a dois palmos da orelha. Mas o tão esperado duelo não passou de 800 metros. Houve quase uma reprise do que tinha ocorrido na definição do título de 1989, naquele circuito. No ano anterior, Prost, sentindo que seria ultrapassado por Ayrton, fez uma manobra habilíssima, deixando seu carro no caminho do brasileiro para a inevitável colisão. Senna ainda voltou à pista, terminou a corrida em primeiro, mas foi desclassificado. Prost ficou com o tricampeonato.

Em 1990, o feitiço virou contra o francês. Na tentativa de intimidar Senna, ele forçou uma ultrapassagem na largada. O brasileiro não se assustou e foram lado a lado para a primeira curva. Nenhum aliviou o pé, trombaram forte e sumiram na poeira. Quando se tornaram visíveis, Ayrton sacudia o pó do macacão como novo bicampeão do mundo e Prost enterrava a oportunidade de ser tetra.

Naquela tarde, Senna era pura felicidade. Os rancos do motor não feriam mais seus tímpanos e as acusações de Alain Prost de que o brasileiro tinha provocado o acidente para ficar com título soavam como música.

>>> 20 ANOS DEPOIS DE TESTAR UMA WILLIAMS PELA PRIMEIRA VEZ, SENNA PILOTARIA PARA A EQUIPE

NEM SENNA SABIA

No ano seguinte, ninguém entendeu o que ocorreu naquela bandeirada do GP do Japão, quando Senna se sagrou tricampeão de Fórmula 1. Nigel Mansell, da Williams, seu único rival na corrida pelo título, ficou fora da prova na volta 26. Mas quando o mundo se preparava para aplaudir a vitória do brasileiro tricampeão, foi o austríaco Gerhard Berger, seu parceiro de equipe, quem surgiu em primeiro.

Só depois do pódio o fato foi esclarecido. Ron Dennis, patrão da McLaren, sugeriu, via rádio, na última volta que Senna cedesse a vitória ao companheiro. O brasileiro tirou o pé e deixou Berger vencer. Uma generosidade que Ayrton, na sua habitual sinceridade, admitiu ter titubeado em conceder: "Não foi uma decisão fácil, era a vitória do meu tricampeonato", disse após o champanhe. Ele jamais escondeu sua filosofia de vida profissional: "Eu corro para vencer. Só a vitória justifica os riscos desse esporte tão perigoso".

A ÚLTIMA VITÓRIA

Em 7 de novembro de 1993, na Austrália, iria acabar uma fase inesquecível para a história da Fórmula 1. Era o adeus de Ayrton Senna à equipe que ele defendeu por seis anos e pela qual foi três vezes campeão mundial. Ainda hoje, é o piloto que mais venceu pela escuderia, com 34 vitórias. Cravou na pista de Adelaide a 49ª pole pela McLaren, de um total de 65 na carreira — marca que permanece recorde em 2004.

Senna estava pronto para partir para o grid quando o mexicano Jo Ramirez, decano na McLaren e cinquentenário na Fórmula 1, dissimulado, lhe exibiu uma placa com os números: 103 a 103. Senna não esboçou reação. Largou, liderou e venceu aquele GP da Austrália. Ganhou o 35º grande prêmio pela McLaren e vibrou com a festa de Ramirez, que mudara a inscrição da placa para 104 a 103. Os números comemoravam a primeira vez na história da F-1 que a McLaren passava à frente da Ferrari em número de vitórias.

Aquele foi o 41º e último triunfo de Ayrton Senna na F-1. Ele se transferiu para a Williams, onde marcaria as três primeiras poles position da temporada, antes da tragédia no GP de San Marino, em 1º de maio de 1994. ■

SAIBA MAIS

LIVROS

Ayrton Senna 100 Fotos, Especial Quatro Rodas, Abril, 2003

Além do resumo visual dos grandes momentos da carreira do piloto (algumas dessas imagens estão nessa edição), o livro cita declarações do próprio Senna, de seus pais e amigos.

Ayrton Senna o Eleito, Daniel Piza, Ediouro, 2003

Traz trechos de entrevistas de Senna e sobre ele na imprensa.

EQUIPES EM QUE CORREU

TOLEMAN	1984	16 GPS
LOTUS	1985 A 1987	48 GPS
MCLAREN	1988 A 1993	96 GPS
WILLIAMS	1994	8 GPS



PÓDIOS: 80

2.º LUGAR	23 VEZES
3.º LUGAR	16 VEZES
4.º LUGAR	7 VEZES
5.º LUGAR	6 VEZES
6.º LUGAR	3 VEZES

Ao lado do pai, Milton da Silva, primeiro fã.

Senna colocou sensibilidade, sangue e coração a serviço de sua vocação. Uma receita para ser campeão de corpo e alma



**GALERA DAS PISTAS, ESTE É UM ÓTIMO
PASSATEMPO PARA OS DIAS DE INSÔNIA.**



TÍTULOS JÁ LANÇADOS



Já nas bancas.

Ou receba em casa comprando pela internet:

www.superinteressante.com.br/aberta/loja

Pelo telefone: (11) 6846-4747 ou e-mail: produtos@abril.com.br



UM POR TODOS E TODOS POR...

D'Artagnan

Na ficção, ele foi único, símbolo da elegância e do poder dos que defendiam o absolutismo francês no século 17. Na realidade, foram dois os homens que inspiraram as aventuras do mais famoso dos mosqueteiros de sua majestade

Por HAROLDO CERA VOLO SEREZA Ilustrações KAKO

Charles Batz de Castelmore era um mosqueteiro. Nasceu em 1611 e morreu em combate na batalha de Maastricht, em 1673, depois de uma vida a serviço do rei de França. Além da fama de excelente espadachim e de uma brilhante carreira militar, ele deixou outro legado. Um livro de memórias publicado em 1700 por um escritor cuja importância foi apagada pelo tempo, mas que se tornou um documento para entender a centralização do poder na França no século 17, e que deu origem a um dos personagens mais conhecidos no mundo da ficção. O sobrenome Batz de Castelmore foi esquecido, mas o nome que Charles herdou da família da mãe foi alçado à condição de mito por outro escritor, este um dos mais populares da história da literatura: Batz de Castelmore tornou-se o conde D'Artagnan.

No romance *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, D'Artagnan, um nobre empobrecido, chega a Paris, montado num cavalo amarelo, em busca de

aventuras e fortuna. Lá, conhece Aramis, Porthos e Athos (*leia quadro ao lado*), mosqueteiros do rei Luís XIII, que o admitem no grupo. Os quatro envolvem-se na luta cotidiana contra os homens do cardeal Richelieu — o poderoso primeiro-ministro da França. O país vivia um clima de guerra civil e D'Artagnan se mete nas intrigas palacianas, luta pela honra da rainha, vence e cobre-se de glórias.

A história ultra-romântica de Dumas, escrita em 1843, 200 anos depois dos fatos relatados, portanto, eram para parecer verdadeiras. Mas, jamais, para serem tomadas como uma narrativa fiel de fatos históricos. Seu propósito era aquele próprio do folhetim: divertir. Por isso, muita gente pode surpreender-se ao saber que D'Artagnan existiu. Não como o herói romântico, mas como um guerreiro leal e dedicado ao trono francês. O livro foi fiel às memórias de D'Artagnan, só que elas eram inventadas. O autor, Gatien de Courtilz de Sandraz, pode até tê-lo conhecido, mas certamente não colheu o depoimento do mosqueteiro (o livro

TRÊS MOSQUETEIROS

As *Memórias de D'Artagnan*, que serviram de base para Dumas, contam histórias que são, em geral, sem fundamento real, mas nas quais aparecem personagens que existiram. É o caso do mosqueteiro Isaac de Portau (que pode ter virado Porthos, na obra de Dumas), do ex-abade Henry D'Aramis (para Dumas, Aramis é mosqueteiro, mas seu desejo é se tornar religioso) e do nobre Sillegue Athos. Para além do livro, pouco se sabe dessa turma. D'Aramis, por exemplo, casou-se em 1650 com uma mulher chamada Jeanne de Bonasse, cuja família foi, por longo período, dona de um castelo. Não há traços de sua vida de mosqueteiro e até o ano de sua morte é ignorado. De Portau, quase não se tem notícias e, de Athos, sabe-se apenas que foi morto em 1643, vitimado por um golpe de espada. Mas há mais um mosqueteiro nessa história: o próprio Dumas. "Sob os quatro personagens, escondem-se características com as quais ele, filho de um general, gostava de ver em si", diz Claude Dufresne.



O PAI DA CRIANÇA

Em 1843, o escritor Alexandre Dumas passou uma temporada em Marselha, no sul da França. Durante as longas caminhadas pelo movimentado porto da cidade, Dumas aproveitava para visitar um velho amigo, Joseph Méry, bibliotecário do lugar. Um dia, dando uma olhada nos livros da biblioteca, o grande escritor francês topou com um volume que o deixou intrigado: *Mémoires de Monsieur d'Artagnan, Capitaine Lieutenant de la Première Compagnie des Mousquetaires du Roi* (Memórias do Senhor D'Artagnan, Capitão-Tenente da Primeira Companhia dos Mosqueteiros do Rei). O pequeno volume de capa, publicado em Colônia em 1700, havia sido escrito por um autor conhecido da época, Gatien de Courtilz de Sandras, que romanceou a vida do militar. Embriagado pelas aventuras narradas no livro, Dumas esqueceu-se de devolver (ou simplesmente surruiu) o volume e levou-o para Paris. Em pouco tempo, estava pronto o romance que o tornaria imortal. Alexandre Dumas tinha um método peculiar de criar histórias, uma espécie de "birô do romance". Como os roteiristas das novelas de hoje, ele não escrevia sozinho, trabalhava em equipe (daí que a qualidade de seus livros varie bastante). Para *Os Três Mosqueteiros*, contou com a colaboração de Auguste Maquet. Inconformado com o sucesso da obra, Maquet tentou provar que a idéia original do volume era sua. Mas a ficha de devolução da biblioteca não o deixou mentir. Dumas foi o sujeito que não devolveu a obra no prazo. E que deu vida a um novo D'Artagnan.

foi publicado em 1700, 27 anos depois da morte do suposto narrador).

Sobre o verdadeiro D'Artagnan sabe-se que foi realmente um mosqueteiro do rei, nome dado aos componentes da guarda de elite criada para proteger o rei Luís XIII, em 1622. Era um pequeno exército formado por cerca de 200 homens armados com o que havia de mais moderno na época (*leia quadro ao lado*). Para ser aceito na turma, além de ser um excelente soldado, capaz de combater a pé, a cavalo ou na infantaria, o sujeito precisava jurar fidelidade ao rei e estar disposto a morrer em seu nome. O que não era lá muito difícil na atribulada Paris daqueles dias. A criação da Companhia dos Mosqueteiros do Rei fazia parte da complexa política de Estado e, sobretudo, das perigosas relações entre a nobreza. Quando Luís XIII tornou-se rei, em 1614, a Europa passava por um período turbulento, conhecido como Reforma Religiosa. Protestantes e católicos brigavam pelas almas dos fiéis e pelo controle de reinos, entre eles o francês. Por isso, Luís XIII esforçava-se para conter a sede de poder dos nobres num país dividido pela fé. Mantendo o governo e a economia com rédeas firmes e ajudado pelo primeiro-ministro e líder católico, o cardeal Richelieu, Luís XIII transformou a França numa potência militar e econômica.

Os mosqueteiros eram uma das peças mais importantes do jogo de interesses da corte francesa naquela época. Recrutados entre os mais corajosos cavaleiros da pequena nobreza do país, formavam uma milícia particular do monarca, tornando-se um símbolo importante do seu poder absoluto. "Os mosqueteiros eram a companhia favorita do rei, que gostava de treiná-los pessoalmente em jogos de tiro e em caçadas", diz o historiador francês Claude Dufresne, especialista na obra de Dumas. "Como a guarda era uma prer-

rogativa do rei, era natural que existisse uma hostilidade entre a nobreza e os mosqueteiros."

Nessa época, o próprio Richelieu criou para si uma pequena tropa de elite. Não demorou muito para que as duas facções se estranhassem. No romance de Dumas, essa rivalidade é explorada ao máximo. D'Artagnan e seus amigos volta e meia topavam com os homens do cardeal e começavam uma briga. Como a popularidade do rei era cada vez maior que a de Richelieu, os fiéis defensores do cardeal são os vilões do livro. "Contudo, na realidade, as duas companhias de mosqueteiros serviram ao mesmo propósito – proteger os poderes do rei e de seu governo e muitas vezes agiram juntas", afirma o pesquisador francês Théophile Monier, autor do verbete sobre os mosqueteiros no clássico *L'Art de la Guerre*.

O certo é que o verdadeiro D'Artagnan jamais duelou com os homens de Richelieu. Charles Batz, nascido em 1611, teria entrado para a companhia dos mosqueteiros apenas em 1644 e, portanto, não serviu a Luís XIII, como está no romance, mas a Luís XIV, que, depois da morte do antecessor e de Richelieu, uniu seus homens aos do cardeal – sinal de que as rivalidades entre eles não deviam ser tão radicais como no livro. Mas ele, de fato, se tornou homem de confiança do rei: em 1658, comandou o cerco aos revoltosos de Dunquerque, no norte da França. Em 1659, liderou a tropa que protegeu o comboio real durante o casamento de Luís XIV com a infanta da Espanha, Maria Teresa. Em 1661, com a morte do cardeal Mazarin (que, de certa forma, foi o Richelieu de Luís XIV), ficou ainda mais próximo do trono, até assumir, em 1667, o posto de capitão-tenente. Na guerra contra a Holanda, em 1673, D'Artagnan caiu em combate, à frente de suas tropas, durante o cerco a Maastricht.

Mas o mais surpreendente sobre a história do real D'Artagnan é que Charles de Batz não teria sido o único a inspirar Alexandre Dumas. "Ele misturou a vida de Charles Batz com a de outro D'Artagnan, Pierre de Montesquiou, que viveu entre 1645 e 1725, foi marechal do Exército francês e primo de Charles", diz Dufresne. O segundo D'Artagnan também foi mosqueteiro e tomou parte nas mais importantes batalhas de seu tempo. E não foram poucas, já que Luís XIV não foi um rei famoso por sua diplomacia com os vizinhos. Pierre foi governador de Arras, que, na complexa geografia da França do século 17, manteve-se fiel à Coroa espanhola até 1640 e que veio

a demonstrar com fervor sua adesão à França no século 18, sob o reinado de Luís XV. Um dado curioso é que suas tropas, em Arras, passaram a utilizar fuzis, e não mosquetes, num regimento que passou a ser chamado de D'Artagnan, em homenagem a ele.

Na história da França, os mosqueteiros foram extintos por Luís XVI em 1775, por razões financeiras. Uma péssima jogada. Pouco mais de 15 anos depois, durante a revolução de 1789, uma turba de franceses furiosos levaria a família real para a guilhotina. As tropas de elite que protegiam os reis da França fizeram falta, o que custou as cabeças coroadas de Luís XV e sua mulher, Maria Antonieta. ■

SAIBA MAIS

LIVROS

História da Vida Privada, vol. 3, Georges Duby, Companhia das Letras, 1999

Volume dedicado à história dos costumes no século 17

Paris no Tempo do Rei-Sol, Jacques Wilhem, Companhia das Letras, 1998

A vida na capital francesa sob Luís XIV, rei a quem o verdadeiro D'Artagnan serviu

Le Véritable d'Artagnan, Jean-Christian Petitfils, Tallandier, 2002

Um estudo sobre os homens por trás da ficção

SITES

<http://www.cadytech.com/dumas/>

<http://www.dumassupero.com/>

Dedicados ao criador de *Os Três Mosqueteiros* (em inglês e francês, respectivamente)

ARMADOS E PERIGOSOS

Não se engane pelo visual cheio de pompa e circunstância: os mosqueteiros eram guerreiros completos

1 BOTAS

Feitas com o couro macio de cano alto, eram um requisito básico dos cavaleiros do século 17. Protegiam as pernas dos homens quando cavalgavam, já que as calças eram muito justas. Também eram úteis nas caminhadas dos exércitos reais, pois as estradas eram péssimas

2 CHAPÉU

Com abas largas que protegiam da chuva, do sol e da neve, os chapéus de feltro tornaram-se marca registrada da nobreza da época. As cores podiam variar, mas os mosqueteiros preferiam o azul da realeza. O chapéu também dava um ar elegante aos mosqueteiros na hora de cumprimentar as damas da corte

3 CAPA

As capas foram projetadas pelo próprio Luís XIII. Uniforme obrigatório dos mosqueteiros, o tom de azul, que passaria a ser conhecido como royal (real, em francês), destacava a cruz de prata bordada. Com o tempo, tornaram-se símbolo dos mosqueteiros e da própria monarquia. A capa também garantia estadas gratuitas nas estalagens e tratamento especial por parte das mulheres

4 MOSQUETE

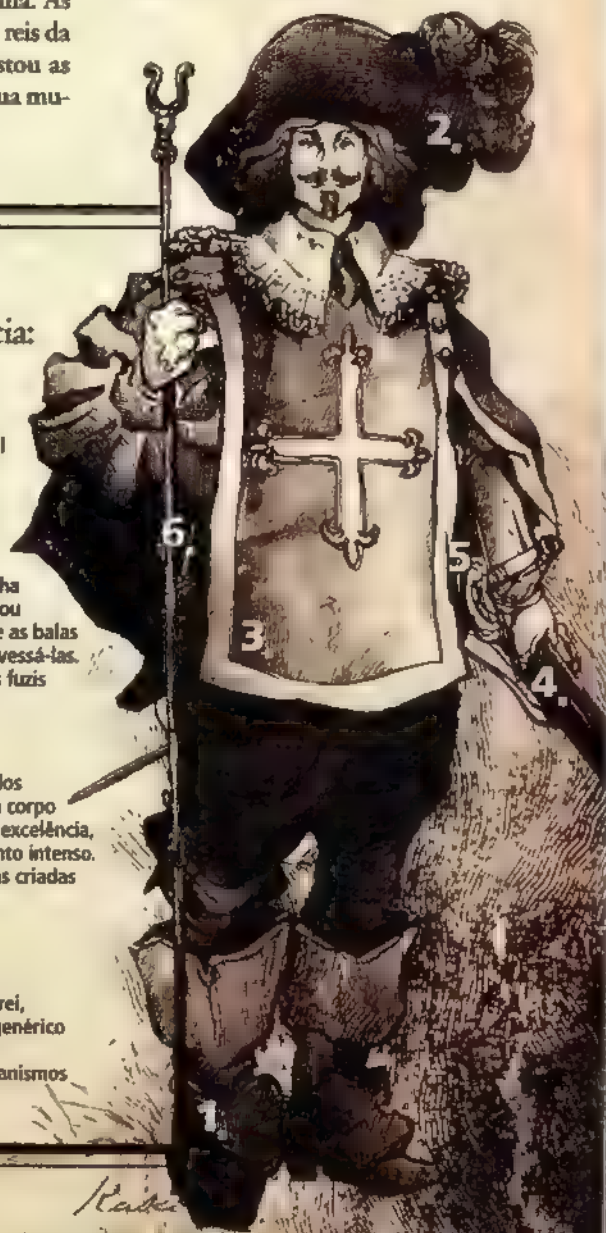
O mosquete foi a arma de fogo portátil por excelência dos séculos 16 ao início do 18. Armá-lo demorava até um minuto e seu alcance efetivo era de até 100 metros. Era pesado (10 quilos aproximadamente) e exigia o apoio de uma forquilha. Seu cano tinha até 1,5 metro. O equipamento aposentou de vez as armaduras medievais, porque as balas de chumbo que disparava podiam atravessá-las. Foram substituídos, no século 18, pelos fuzis

5 ESPADA

Assim como a capa e o chapéu, tornou-se um dos principais símbolos dos mosqueteiros. Ideal para a luta corpo a corpo e para os duelos. Arma da nobreza por excelência, saber manejá-la requeria um treinamento intenso. Até hoje, os esgrimistas usam manobras criadas por mosqueteiros de Luís XIII

6 PISTOLAS

Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan, como os verdadeiros mosqueteiros do rei, também portavam pistolas, um nome genérico para uma série de armas portáteis que reproduziam, em menor escala, os mecanismos de arcabuzes e mosquetes



O HAITI E AQUI

Há dois séculos, o país era responsável por 75% da produção mundial de açúcar. Como foi possível a colônia mais rica da América tornar-se um dos países mais pobres do mundo?

Por ISABELLE SOMMA

Em janeiro, o Haiti completou 200 anos de independência. Porém, até agora, não houve tempo ou motivo para comemorações. Em fevereiro, a capital, Porto Príncipe, foi cercada e saqueada por bandos armados, e o país chegou à beira da guerra civil. Nos primeiros dias de março, o presidente Jean-Bertrand Aristide renunciou. Ele foi mais um na longa lista de governantes que não terminaram seus mandatos em dois séculos de história.

Uma história que, no entanto, começou de forma promissora. No fim do século 18, o Haiti era uma das colônias mais ricas da América. Sob controle francês, batizada, a pequena ilha de Saint Domingue no Caribe era responsável pela produção de 75% do açúcar comercializado no mundo.

A prosperidade econômica era garantida pelas plantações em grandes propriedades e pela exploração do trabalho escravo. Mas esse modelo estava com os dias contados.



Partidários de Aristide e dos líderes rebeldes continuaram em conflito mesmo após a renúncia do presidente, em fevereiro deste ano. O que levou a comunidade internacional, principalmente os Estados Unidos, a enviar tropas para o país.

► Em 1791, inspirados na independência dos Estados Unidos (1776) e na Revolução Francesa (1789), os haitianos levantaram-se contra a discriminação entre homens livres, mulatos, negros e brancos. O movimento começou com distúrbios provocados por mulatos livres que exigiam equiparação de direitos com os brancos. Dos americanos, o movimento herdou o anticolonialismo e a prática militar. Os cerca de 800 haitianos que participaram da guerra contra os ingleses e receberam treinamento militar nos Estados Unidos estavam entre os líderes do movimento. Dos franceses, vieram os ideais de igualdade e de direitos universais. Em poucos meses, a revolta chegou ao interior: os escravos abandonaram as fazendas, queimaram as plantações e mataram donos de terras e comerciantes. A situação ficou incontrollável quando as principais cidades foram ocupadas. Em 1793, com o caos instalado e o país paralisado, os franceses aboliram a escravidão e Touissant Louverture, um ex-escravo, líder do movimento de libertação, assumiu o poder.

A retirada dos colonizadores e o momento de instabilidade deram a deixa para que os ingleses, que ocupavam a vizinha Jamaica, tentassem invadir a ilha. Diante da ameaça britânica, haitianos

e franceses fizeram uma trégua e repeliram os invasores. Mas nem bem a Union Jack (a venerada bandeira dos britânicos) sumiu no horizonte, os espanhóis chegaram para tentar dominar o território. Novamente, os ex-escravos armaram-se para lutar contra os estrangeiros. Os espanhóis não só foram derrotados como cederam sua parte da ilha, a porção leste (*leia quadro ao lado*), para a França, em 1795.

Mas a cooperação durou pouco. Em 1802, Napoleão Bonaparte enviou tropas para destituir Louverture. Depois de meses de combates, o líder haitiano aceitou um armistício, mas foi traído e acabou preso e deportado para a França, onde morreu dois anos depois. A ameaça de retorno aos grilhões levou os ex-escravos a reagruparem-se. Dessa vez, os franceses foram derrotados e retiraram-se para a parte leste da ilha, onde permaneceriam até 1809. Finalmente, em janeiro de 1804,

o país foi declarado independente e ganhou o nome de Haiti, dado pelos antigos habitantes, os índios arauaquis. Nascia a primeira nação negra livre da história, fruto da única revolta de escravos que deu certo.

Dos 23 governantes do Haiti que se seguiram até 1915, 19 foram destituídos ou assassinados. Depois de anos de guerra, as plantações e as cidades estavam destruídas. Os trabalhadores com alguma especialização haviam fugido do país. O comércio deixou de existir. Não havia moeda. Temerosos de que a rebelião de escravos se espalhasse continente afora, as potências europeias e os Estados Unidos não reconheceram a independência da nova nação. E pior: interromperam todas as relações comerciais. O bloqueio estrangulou a economia e esfacelou o poder político. O primeiro presidente, Jean-Jacques Dessalines durou pouco

mais de um ano e foi assassinado. Em seu lugar assumiu Christophe Henry, que convocou uma assembleia constituinte, em 1806, na qual defendia que os ex-escravos voltassem às plantações de cana. Outra vez o país se dividiu, Henry e suas tropas fugiram para o norte. Lá, ele se proclamou rei Henry I, construiu palácios e instalou uma corte composta de quatro príncipes, oito duques, 22 condes, 37 barões e 14 cavaleiros. A aventura durou até 1920 quando, no



Isolado do resto do mundo e abalado pela instabilidade política, o Haiti tem uma renda per capita de 310 dólares por ano e taxa de analfabetismo de 50%

meio de uma grave crise financeira, greves e fome, Henry se matou com um tiro. Seu efêmero reino foi incorporado à República do Haiti. Mas a situação política não melhorou muito e o país passou por guerras civis e golpes de Estado, numa incrível média de um a cada seis meses.

No início do século 20, a realidade internacional era outra. Com a construção do Canal do Panamá, em 1914, e a independência de praticamente todas as colônias europeias, a geopolítica local se alterara e os americanos, a maior potência da América, passaram a olhar seus vizinhos com outros olhos. Era a época da chamada doutrina Monroe ("a América para os americanos"), que pretendia defender o continente dos interesses europeus. A Primeira Guerra Mundial foi o estopim para que, em 1915, os Estados Unidos invadissem o Haiti. "As principais razões eram prevenir uma ação militar dos alemães



e proteger os investimentos americanos no país”, afirma David Geggus, professor de história na Universidade da Flórida e autor de vários livros sobre o Haiti.

BICHO PAPÃO

Durante os 19 anos de ocupação, os americanos dominaram a incipiente economia e o governo haitianos. Os investimentos americanos possibilitaram várias obras de infra-estrutura no país. O controle político ficou a cargo de uma elite urbana formada, em sua maioria, por mestiços. Em contraste, a população negra viu voltar práticas escravocratas como a lei que obrigava o trabalho forçado na construção de estradas. Essa turma permaneceu no poder até 1957, quando o médico François Duvalier foi eleito prometendo recolocar os negros no controle político e econômico. No ano seguinte, uma tentativa de golpe fez com que Duvalier iniciasse um governo marcado pelo terror. Conhecido como Papa Doc, ele criou um grupo paramilitar cujos integrantes eram chamados de tontons macoutes (algo parecido como “bichos-papões”), que durante seu governo foram responsáveis pela morte de mais de 2 mil haitianos, tortura e perseguição de outras centenas.

Em 1964, Duvalier declarou-se presidente perpétuo. A máquina de propaganda de seu governo promoveu o culto à sua imagem, elevando-o ao posto de divindade. Adepto do vodú (leia quadro na página 40), Papa Doc tornou-se um ferrenho repressor do clero católico, que fazia oposição ao regime. Assim como fazia com as patentes do Exército, era ele quem indicava os bispos e, por isso, foi excomungado pelo Vaticano. Mas a linha dura o manteve o presidente no poder até sua morte, em 1971, apesar de várias tentativas de golpe de Estado. “Ele permaneceu no poder por um lado devido ao terror e, por outro, porque recebia apoio da crescente classe média baixa negra, que há muito se ressentia da elite mestiça. Também porque neutra-

O HAITI NÃO É AQUI

Dois países, uma ilha. O Haiti e a República Dominicana dividem um pedaço de terra no mar do Caribe que entrou para a história, porque ali aportou Cristóvão Colombo, em 1492 a ilha Hispaniola. Em 1697, os espanhóis cederam a parte oeste da ilha aos franceses e permaneceram na costa leste. Atualmente, com cerca de dois terços do território, a ex-colônia espanhola tem produto interno bruto cinco vezes maior que o Haiti, herdeiro da metade francesa. Mas nem sempre foi assim. Até o século 18, Santo Domingo (o lado espanhol) era mais pobre e foi quase abandonado. A região virou um país em 1845 com o nome de República Dominicana. Se no Haiti o processo de independência incluiu guerras e conflitos raciais, que arrasaram as plantações e isolaram o país, do outro lado da fronteira, a República Dominicana enfrentou bem menos problemas. O novo país manteve no poder uma elite agrária que passou a negociar com parceiros externos. Na segunda metade do século 19, as abolições de escravos e independências de ex-colônias eram bem vistas pelos Estados Unidos e pela Inglaterra, de quem a República Dominicana passou a receber apoio financeiro.

No século 20, no entanto, a história da República Dominicana foi abalada por dois períodos de ocupação americana (de 1916 a 1924 e de 1965 a 1966) e pela ditadura de Rafael Trujillo (1930-1961). Na década de 70, o país passou por reformas que impulsionaram a economia e trouxeram ganhos na área social. Hoje, é uma democracia estável e sua economia está baseada na exploração de níquel, cana-de-açúcar, e turismo. Não que a situação dominicana seja lá uma maravilha. O país sofre desde 1998 com uma séria crise no setor energético. Durante os Jogos Pan-Americanos, realizados em Santo Domingo (a capital do país), em agosto do ano passado, atletas do continente sentiram na pele o que é ficar 20 horas por dia sem luz.

DANÇA DAS CADEIRAS

Instabilidade marcou a história do país

1492	1697	1793	1794	1804	1805	1845	1848
Cristóvão Colombo é o primeiro europeu a aportar na ilha, batizada de Hispaniola.	A Espanha cede a parte oeste da ilha, ocupada por mercadores e piratas franceses.	As duas potências traçam a fronteira que vale até hoje no Tratado de Aranjuez.	Concedida a igualdade entre mulatos e brancos. Os escravos iniciam uma revolta.	Louverture é nomeado general e a escravidão é abolida nas colônias francesas.	Louverture comanda tropas de ex-escravos e expulsa os ingleses da ilha.	O novo país torna-se província autônoma da França e uma Constituição é promulgada.	Napoleão Bonaparte envia uma armada que vence as tropas de Louverture, que se entrega.

VODU E POLÍTICA

O vodu, sincretismo religioso entre o catolicismo dos colonizadores franceses e as crenças religiosas dos escravos africanos, surgiu em meados do século 18 no Haiti.

Similar ao candomblé, o vodu foi uma das formas encontradas pelos cativos negros, 95% da população na época, de unir coesão cultural e resistência.

A religião desempenhou um papel fundamental nos primeiros anos da revolta que culminou na independência. "O vodu era o meio de conspiração. Apesar das proibições, os escravos viajavam quilômetros para cantar, dançar, praticar seus ritos e conversar; e então, desde a revolução, escutar as novidades políticas e traçar seus planos", afirma C.L.R. James no clássico *Os Jacobinos Negros*, publicado em 1938. Para James, os cultos eram desprezados pelos senhores de engenho e os escravos aproveitaram-se disso para se reunir e organizar o movimento. Um dos líderes, Boukman, era um *papaloi*, ou seja, um alto sacerdote. Ele comandou a queima de plantações e assassinatos de senhores de engenhos por meio de cerimônias religiosas em várias localidades.

Mas, após a independência, o culto foi suprimido pelos governantes, eles mesmos ex-escravos e líderes da luta anticolonial. Entre 1815 e 1860, a crença voltou a ser praticada publicamente com a anuência dos novos governantes. Mas, a partir do fim do século 19, a Igreja Católica iniciou uma campanha contra a prática religiosa. Ela culminou numa caça às bruxas na década de 40, quando os praticantes foram impedidos de realizar seus cultos. Com o fracasso da perseguição, a Igreja local decidiu tolerar o sincretismo.

Durante o governo de Papa Doc, que era um ardoroso seguidor, o vodu foi usado para cooptação de partidários. Hoje, a prática está intimamente ligada ao movimento camponês, com tendências reformistas. Apesar de ainda ser a crença de 80% dos haitianos, o vodu vem sendo ameaçado pelo rápido crescimento das igrejas pentecostais entre a população urbana.



lizou instituições como o Exército e a Igreja", diz Geggus.

Jean-Claude, seu filho, assumiu após a morte do pai, aos 19 anos. Baby Doc, como era chamado, diminuiu o isolamento

que o país enfrentava. O turismo, que antes era uma dos principais meios de entrada de divisas no país, passou a ser incentivado e o governo americano voltou a conceder ajuda financeira que havia cortado no fim da década de 60. Mas os tons macoutes continuavam em ação. Na década de 80, formavam um exército de 15 mil pessoas. A repressão, dessa vez, não adiantou. Em 1986, o descontentamento popular fez com que Jean-Claude fugisse para a França.

A VOZ DO POVO

Uma junta de civis e militares substituiu o ditador e eleições foram marcadas para o ano seguinte. Mas atentados durante o pleito e suspeitas de fraude colocaram o governo sob suspeita. Somente em dezembro de 1990 foi realizada a primeira eleição livre para presidente da história do Haiti. O vencedor foi Jean-Bertrand Aristide, um ex-padre católico associado às ideologias de esquerda. As reformas implantadas pelo novo governo não uniram o país e, oito meses depois de assumir, o presidente foi deposto por um golpe militar. Aristide fugiu e o governo americano impôs um embargo econômico que sufocou ainda mais a economia do país. Nessa época, ficaram famosas as imagens dos haitianos lançando-se ao mar em bóias, câmeras de ar e balsas, protagonizando tentativas desesperadas de chegar à costa americana para escapar da miséria.

Mais uma vez, a agitação política resultou em ocupação estrangeira. Em 1994, o governo militar deixou o poder sob pressão do governo americano. Cerca de 20 mil soldados dos Estados Unidos desembarcaram no país caribenho e Aristide foi reconduzido ao poder. "Mas Aristide não era mais o mesmo e começou a se distanciar de seu eleitorado, as massas. Ele incorporou a mistificação à sua retórica, apresentan-

1789

Depois de vencer as tropas francesas, os haitianos proclamam a independência.

1809

O país divide-se em duas regiões. Ao norte, C. Henry proclama-se rei.

1840

Santo Domingo, atual República Dominicana, declara-se independente.

1849

Boyer, presidente do Haiti, conquista todo o lado oeste e invade o lado leste.

1915

Durante a Primeira Guerra Mundial, as tropas americanas invadem o país.

1930

François Duvalier, o Papa Doc, é eleito e governa o país com mão de ferro.

1970

Duvalier morre e seu filho, Jean-Claude (o Baby Doc), assume o poder no país.

1986

Jean-Claude foge para a França e o general Henri Namphy assume o governo.

do-se como a personificação do 'povo' haitiano, subliminarmente, como um Jesus Cristo", afirma Carolyn Fick, professora da Universidade de Concórdia, no Canadá, e autora de dois livros sobre o Haiti.

Na eleição de 1995, o ex-padre transferiu a presidência a seu aliado eleito, René Préval, sem distúrbios, uma novidade na cena política haitiana. Mas Aristide voltaria à presidência após o pleito de 2000, considerado fraudulento por observadores internacionais. Desde então, a insatisfação só aumentou. "Durante seus dois mandatos na presidência, a situação foi crítica para os haitianos, a economia, o sistema político, tudo deteriorou e nada melhorou. Ele também foi acusado de insistir no embargo contra o Haiti quando exilado em Washington para pressionar os militares que o derrubaram. O que se mostrou

ineficiente, enquanto criou mais dificuldades econômicas para o país", diz ela. O comentário serve de alerta para o governo de transição: se a vida dos haitianos não começar a melhorar, um novo golpe há de surgir. ■

■ SAIBA MAIS

LIVROS

Os Jacobinos Negros, C.L.R. James, Boitempo, 2000

Relato fluente sobre a revolução haitiana e a escravidão nas Américas

From Dessalines to Duvalier: Race Colour and National Independence in Haiti, David Nicholls, Rutgers, 1995

Mostra como os conflitos entre mestiços e negros pontuaram a história do país

A Turbulent Time: The French Revolution and the Greater Caribbean, David Geggus e outros, Indiana University Press, 2003

Geggus mostra como os ideais revolucionários franceses influenciaram a revolta haitiana

As manifestações que levaram à queda de Jean-Bertrand Aristide, este ano, foram resultado da insatisfação popular, que vinha desde as eleições de 2000, consideradas fraudulentas

Leslie Manigat é eleito presidente, mas acaba deposto por um golpe militar

O general Prosper Avril foge do país e Aristide é eleito presidente da República

O ex-padre Aristide é deposto e uma sangrenta repressão tem início no Haiti

O presidente eleito retorna ao país sob proteção das Forças Armadas americanas

René Préval, aliado de Aristide, é eleito presidente e assume o poder

A abstenção na eleição legislativa é maior que 90% e a votação é anulada

Aristide é eleito para um mandato até 2006 em um pleito considerado fraudulento

Jean-Bertrand Aristide renuncia e um governo de transição assume o poder

P. *As mulheres de* Picasso

O genial pintor espanhol foi um marido infiel, ciumento e, dizem, um amante eclético. Ele adorava as mulheres. E elas o amavam

Por **MARIANA BALBONI**

Poucos viveram paixões tão intensas como Pablo Picasso. Um dos maiores gênios da pintura contemporânea, ele transpôs para as telas seu fascínio pelas mulheres, exaltando sensualidade e erotismo. Protagonizou inúmeras conquistas, foi o namorado amoroso, o amante infiel e o marido cruel. Suas mulheres passavam de deusas, quando apaixonado, a monstros torturados, no fim da relação. Poucas sobreviveram ao término do romance. Mas de uma forma ou de outra,

todas influenciaram seus traços, especialmente as sete mulheres com quem conviveu: Fernande, Eva, Olga, Marie-Thérèse, Dora, Françoise e Jacqueline.

Alguns críticos afirmam que o trabalho do pintor está tão relacionado ao seu apego pelo sexo oposto que as fases de sua carreira poderiam ser definidas de acordo com as amantes com quem esteve envolvido. Assim, o neoclasicismo dos anos 20 são os "anos Olga", as banhistas do começo dos anos 30 marcam a "era Marie-Thérèse", os retratos do fim dos anos 40, o "período Françoise".

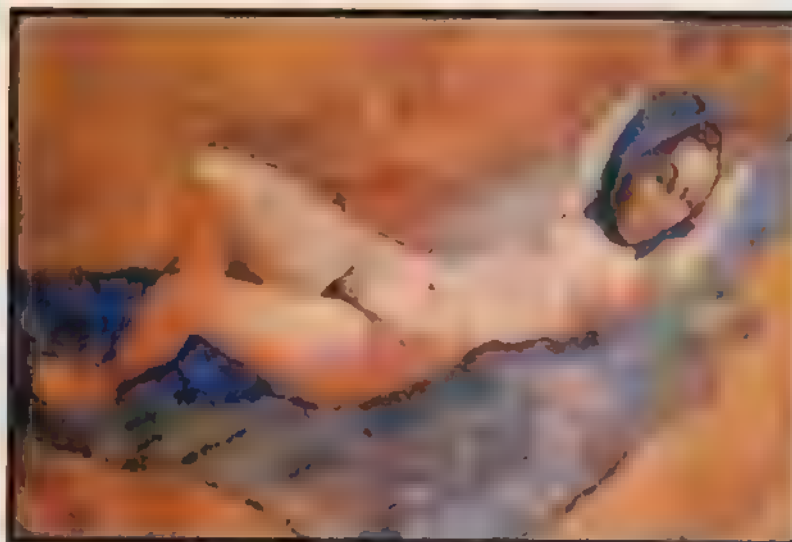
NA CAMA E NA TELA

As musas que fizeram a cabeça de Picasso



Fernande Olivier
(de 1904 a 1912)

Elegante, bonita e determinada, tinha 23 anos quando conheceu Picasso. Viveu com ele os anos de pobreza e boemia. Deixou-o em 1912, mas nunca superou a separação. Morreu pobre e sozinha em 1956



Nu deitado
(*Fernande*), 1906

Além de posar para Picasso, ela lhe proporcionou estabilidade e segurança para experimentar novas cores e estilos, o que acabou sendo a transição entre a fase azul, caracterizada pela tristeza, miséria e morte, e a fase rosa, mais lúdica e alegre, repleta de figuras circenses. Foi sua musa até o início da fase cubista

"Nem tudo em Picasso, é claro, se explica por suas amantes", diz Carlos von Schmidt, crítico de arte e autor de *Na Cama com Picasso*. Para ele, as mulheres eram personagens que o autor dispunha de acordo com sua vontade. "As mudanças de estilo do pintor podem ser atribuídas à chegada de um novo amor, ao fim de um antigo romance, ou aos dois ao mesmo tempo." E isso não é pouco.

Fernande Olivier é a primeira da lista. Conheceu o pintor em 1904, no Bateau-Lavoir, como era chamado o cortiço de madeira que abrigou o primeiro ateliê do artista em Paris. Com 23 anos, era quatro meses mais velha que ele. Elegante, bonita e determinada, viveu com Picasso os anos de pobreza e boemia.

"Mesmo sem influenciar diretamente a obra do artista, foi ela quem lhe proporcionou a estabilidade para fazer a transição entre a chamada fase azul (1901-1904), caracterizada pela tristeza, miséria e morte, e a fase rosa, mais lúdica e alegre, repleta de figuras circenses", afir-

ma Dominique Dupuis-Labbé, curadora do Museu Picasso em Paris. "Sensual e voluptuosa, ela trouxe felicidade e apaziguou os tormentos de Picasso."

Fernande viu o jovem indeciso tornar-se o artista que conquistaria o mundo. Em casa, no entanto, ele permanecia inseguro. Ciumento, adorava exibí-la em público, mas a deixava trancada (literalmente) quando saía sozinho. Separaram-se em 1912, quando Picasso já se encontrava com Eva Gouel, uma jovem de 25 anos, casada, que havia conhecido em um circo.

Eva foi, ao que tudo indica, o grande amor do pintor. E ele deixou pública essa paixão, escrevendo em seus quadros da época frases como "Eu amo Eva" e "Minha Formosa", nome de uma canção que ouvia nas boates de Montmartre nas noites que saía para cortejá-la. O caso de amor foi interrompido prematuramente: Eva morreu de tuberculose, em 1915, deixando o pintor arrasado.

Schmidt, entretanto, afirma que Pi-

casso não foi assim tão devoto a esse amor. "Nos anos com Eva, continuou a ter outras amantes, até mesmo nos meses que antecederam a sua morte", diz.

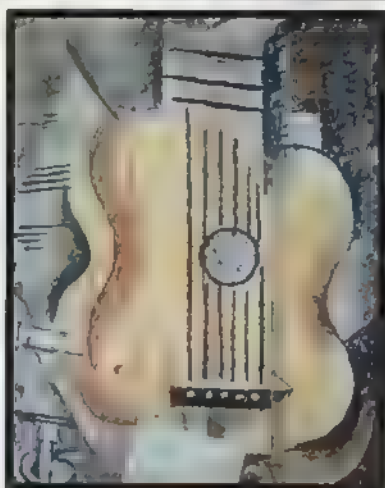
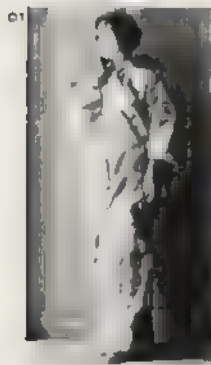
Em 1917, Picasso conhece a bailarina russa Olga Koklova, com quem se casa um ano depois. A união com a jovem de 27 anos surpreendeu aos amigos mais próximos, pois era a primeira vez que o pintor se submetia aos caprichos de uma mulher. Possessiva, ciumenta e fútil, Olga queria um universo de luxo que Picasso sempre ridicularizou. Enquanto esteve com ela, o indomável touro espanhol se acalmou, passou a frequentar a alta sociedade parisiense e a retratar condes, princesas e baronesas.

No início do casamento, ele pintou Olga e o filho Paulo, nascido em 1921. Mas logo veio a crise conjugal e os reflexos sobre suas pinturas. "Aparecem as primeiras marcas das deformações da década seguinte", diz Dominique. Com brigas e reconciliações, a relação durou até 1935, quando Picasso a deixou. Mas ►

Eva Gouel

(de 1911 a 1915)

Tinha 25 anos quando conheceu Picasso. Era delicada, sensível e casada. Mas logo trocou o marido pelo pintor. Morreu de tuberculose, em 1915, deixando Picasso arrasado



Violão "Eu Amo Eva", 1912

Eva não chegou a posar para Picasso que, nessa fase, não retratava pessoas. No entanto, ele não deixou de manifestar sua paixão escrevendo em vários quadros cubistas "Eu amo Eva"



Olga Koklova
(de 1917 a 1935)

Casou-se com Picasso em 1918, aos 27 anos.

Possessiva, fútil e ambiciosa, manteve a união estável até a chegada do filho, Paulo, em 1921. As brigas violentas levaram à separação.

Desequilibrada, por anos perturbou o pintor e suas amantes. Morreu de câncer em 1955

Olga Koklova em uma Poltrona, 1917

Quis transformar Picasso no artista da alta sociedade parisiense. Durante os "anos Olga", ele chegou a retratar condes, princesas e baronesas, retornando ao período clássico



► eles nunca se divorciaram. Olga morreu de câncer em 1955.

Marie-Thérèse Walter entrou na vida do pintor numa tarde de janeiro de 1927, quando passeava perto das Galeries Lafayette, lojas de departamento parisienses. Com 17 anos e muito simples, não tinha a menor idéia de quem era o artista, nem de como ele viria a transformar sua vida. Era atraente e loira, com lindos olhos azuis. No dia em que completou 18 anos, Picasso, com 46, a levou para cama. Tornou-se sua eterna amante, a menina-mulher que realizou todos os seus desejos eróticos e fantasias sexuais. Segundo Schmidt, ela era submissa e dependente, satisfazia-o sem complicações, experimentando do sadismo ao masoquismo. Nunca moraram juntos, mas mantiveram uma relação pelo menos até 1943. Costumava visitá-la toda semana, com o consentimento da mulher que estivesse ao seu lado oficialmente. Escreveu-lhe cartas de amor diariamente, por longos períodos. Em 1935, tiveram uma

filha, Maria de la Concepcion, apelada de Maya e nunca reconhecida.

A amante clandestina teve forte presença nas obras de Picasso, que exaltou as linhas e formas sensuais de seu corpo em obras de grande erotismo. Inspirou também duas figuras femininas de *Guernica*, o célebre painel que denuncia as atrocidades da guerra civil espanhola. Enforcou-se em 20 de outubro de 1977, quatro anos depois de Picasso morrer.

No inverno de 1936, uma mulher morena de cabelos pretos e olhos verdes, sentada no Deux-Magots, restaurante que o pintor frequentava, lhe chamou a atenção. Dora Maar era atraente e não convencional. Pintora, fotógrafa e inteligente, foi amante de Picasso por sete anos. Incentivou-o a assumir posições políticas contra os governos de força, e em 1937 teve papel fundamental na execução de *Guernica*. Ela fotografou passo a passo a produção, ajudou a concebê-lo e até a pintá-lo.

Passaram juntos os anos de ocupa-

ção da França na Segunda Guerra, quando Picasso foi proibido de realizar exposições. No período, Dora aparece em várias telas. As mais marcantes mostram uma mulher desfigurada, chorando.

Foi a amante que mais sofreu com a separação. Trocada por Françoise Gilot, entrou em processo esquizofrênico e foi internada num hospital para doentes mentais. Depois, passou anos reclusa num convento. Morreu sozinha em seu apartamento, em Paris, aos 90 anos.

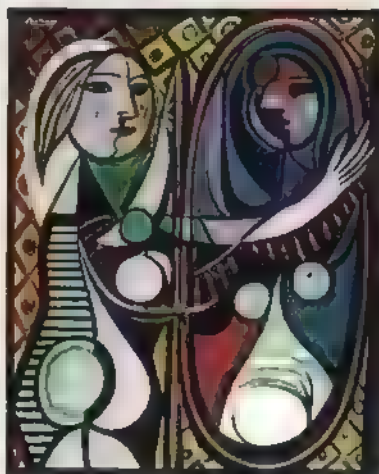
Picasso conheceu sua nova companheira, Françoise, em 1943, no restaurante La Catalan, enquanto jantava com Dora. Encantou-se com a estudante de cabelos ruivos e grandes olhos verdes. Ela tinha 21 anos. Picasso, 62. Tiveram dois filhos, Claude, nascido em 1947, e Paloma, em 1949. Retratada como a mulher-flor, Françoise era sua nova modelo, a deusa da luz e da fecundidade.

A vida com Picasso trouxe momentos apaixonantes e extremamente criativos, mas também lhe apresentou a an-

Marie-Thérèse Walter

(de 1927 a 1943)

Marie-Thérèse Walter conheceu Picasso aos 17 anos. Atraente, loira e com lindos olhos azuis, foi a eterna amante do pintor. Em 1935, tiveram uma filha, Maya. Sempre dependeu do artista. Enforcou-se em 1977, quatro anos após sua morte



Moça em frente do espelho, 1932

A amante clandestina teve forte presença nas obras de Picasso, que exaltou as linhas e formas sensuais de seu corpo voluptuoso em obras de grande erotismo. A "era Marie-Thérèse" marcou a fase lírica, sensual e surrealista



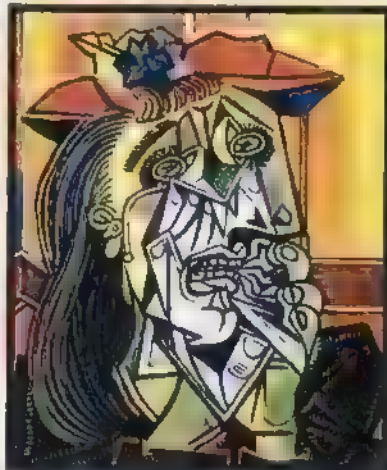
Dora Maar

(de 1936 a 1944)

Amante de Picasso por oito anos, era inteligente e bonita. Morena de olhos verdes, foi musa dos surrealistas e também pintora e fotógrafa. Das mulheres do artista, foi a que mais sofreu com a separação. Chegou a viver internada em sanatórios e conventos, e morreu sozinha aos 90 anos

A Mulher Chorando, 1937

Teve papel fundamental na execução de *Guernica*. Acompanhou, fotografou e até chegou a ajudar Picasso a pintar o mural. No início dos anos 40, suas feições estão presentes em vários trabalhos, principalmente os que mostram uma mulher desfigurada, chorando



gústia e a frustração. Dominador, possessivo e mulherengo, continuava pregando o amor livre. Ela conviveu com as visitas semanais de Picasso à Marie-Thérèse, com as loucuras de Olga e a autodes-truição de Dora Maar.

A crescente indiferença do pintor e a tensão entre o casal colocaram um ponto final no relacionamento de dez anos. Em 1953, fez as malas e partiu com as crianças, deixando um Picasso perplexo. Foi a única mulher que mostrou determinação para abandoná-lo. Em 1964, publicou *Life with Picasso – The Love Story of a Decade* (Vida com Picasso – A História Romântica de uma Década). Em suas memórias, ela se retrata como uma jovem seduzida, manipulada e traída por um sádico Picasso. Ultrajado, o pintor tentou proibir a circulação do livro. Não conseguiu, mas desde aquele momento nunca mais recebeu os filhos.

Jacqueline Roque foi a última mulher de Picasso. Moraram juntos por 20 anos, até a morte do pintor, em 1973. Co-

nheceram-se quando Picasso ainda vivia com Françoise, em 1952. Era jovem e bonita, como todas as musas do artista. Tinha cabelos negros, olhos azuis e feições marcadas por traços fortes. Para Schmidt, Jacqueline foi "arrumada" para Picasso pelo casal Remié, amigos de longa data do pintor: "Com 71 anos, ele era um ótimo partido para uma mulher de 26, divorciada e com uma filha". Em 1961, casaram-se.

Jacqueline tornou-se secretária, agente, enfermeira, protetora e controlou a vida do pintor, isolando-o de amigos e familiares. Cultivava uma veneração doentia pelo marido, tratando-o respeitosamente de *monseigneur* (meu senhor). Musa dos últimos anos, foi a mulher que Picasso retratou de forma mais obsessiva e com quem mais produziu. Para ela, Picasso deixou em testamento, uma fortuna estimada em 250 milhões de dólares. Mas o dinheiro não lhe poupou de um fim trágico. Matou-se em 1986, com um tiro na cabeça.

Picasso exercia um magnetismo tão grande sobre suas amantes que a vida realmente deixava de fazer sentido sem ele. Costumava se retratar como um minotauro, um ser monstruoso, fruto de amores que vão além do entendimento, protagonista de relações violentas, eróticas e cruéis. Foi essa sexualidade selvagem que transpirou pelo desenho de suas mulheres. Na Paris do século passado, Picasso devorou pessoas e eventos com grande paixão, e transformou-as em arte. ■

LIVROS

Na Cama com Picasso, Carlos von Schmidt, Artes/Digital, 1997
Lectura agradável, com passagens picantes
Life with Picasso, Françoise Gilot & Carlton Lake, Anchor, 1989

Memórias da ex-mulher de Picasso sobre a vida do casal. Dá para entender porque o pintor tentou impedir a publicação do livro

SITE

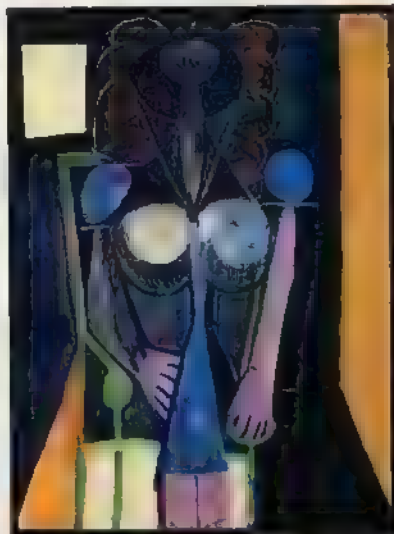
www.musee-picasso.fr

Inclui análises de especialistas sobre a influência das mulheres na vida e na obra do artista. Em francês



Françoise Gilot
(de 1943 a 1953)

O pintor com 62 anos, encantou-se pela estudante de 21, cabelos ruivos e olhos verdes. Com os dois filhos, Claude e Paloma, viveram uma serena união familiar por dez anos. Mas, em suas memórias, diz-se uma jovem seduzida, manipulada e traída por Picasso

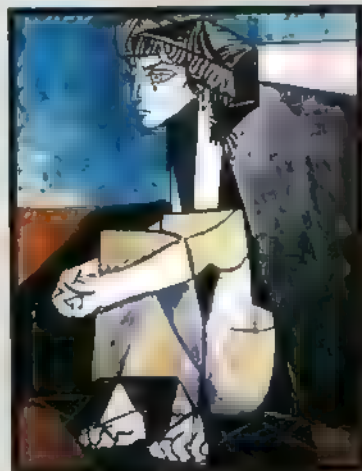


Mulher numa Poltrona, 1946

Retratada como a mulher-flor, foi sua modelo durante o fim dos anos 40, que ficaram conhecidos como "período Françoise"

Jacqueline Roque (de 1952 a 1973)

Foi a última mulher de Picasso. Moraram juntos por 20 anos, até a morte do pintor, em 1973. Era jovem e bonita, tinha cabelos negros, olhos azuis e feições marcadas por traços fortes. Cultivava uma veneração pelo marido e afastou-o de familiares e amigos. Suicidou-se em 1986



Retrato de Jacqueline Roque com as Mãos Cruzadas, 1954

Musa dos últimos anos, foi a mulher que Picasso retratou de forma mais obsessiva e com quem mais produziu. Era também sua secretária e agente, cuidava das exposições, das galerias e dos marchands



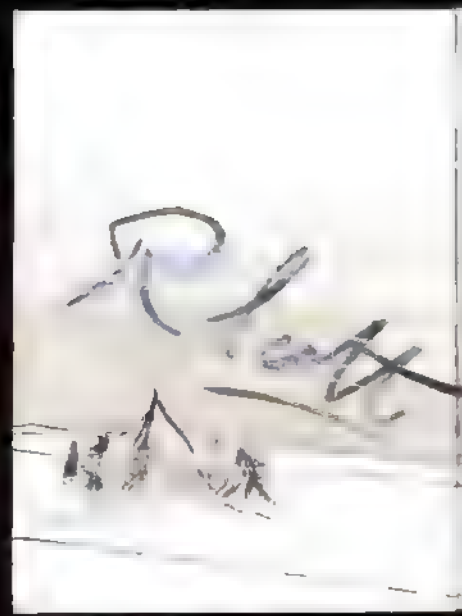
PERSONAGENS



HÁ TRÊS DELES
AQUI! PARECEM
WILSON, BOWERS E...
SIM, É ELE.
O CAPITÃO SCOTT



ESTE É O SEU DIÁRIO



2/12/1910

NESSA MADRUGADA,
UMA TEMPESTADE NOS
ALCANÇOU. O VENTO
FORTE ARREMESSAVA AS
ONDAS SOBRE A AMURADA



CAIXOTES COMEÇARAM
A SE SOLTAR, FARDOS
DE FORRAGEM, SACOS
DE CARVÃO. OS HOMENS
AGARRAVAM-SE PARA
NÃO CAIR NO MAR.
PERDEMOS DOIS PÔNEIS
E UM CÃO



7/12

NAVEGAMOS AGORA POR FAIXAS
ESTREITAS DE MAR, NENHUMA COM
MAIS DE 300 METROS DE LARGURA.
ESTAMOS CERCADOS PELO GELO

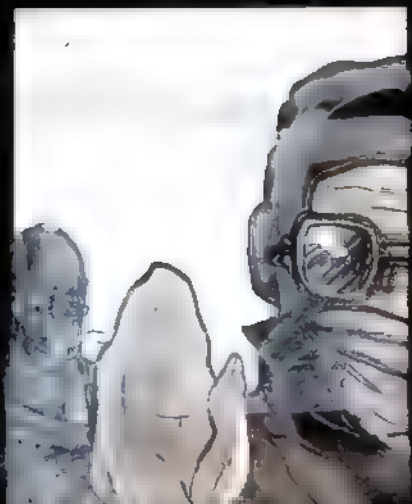


Cabo Evans

Pólo Sul

Latitude: 61°22' sul
Temperatura: 1°C
Altitude: 0 (nível do mar)





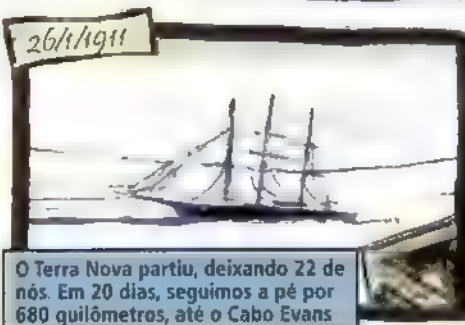
Corrida ao POLO SUL

Por CELSO MIRANDA* A D A V

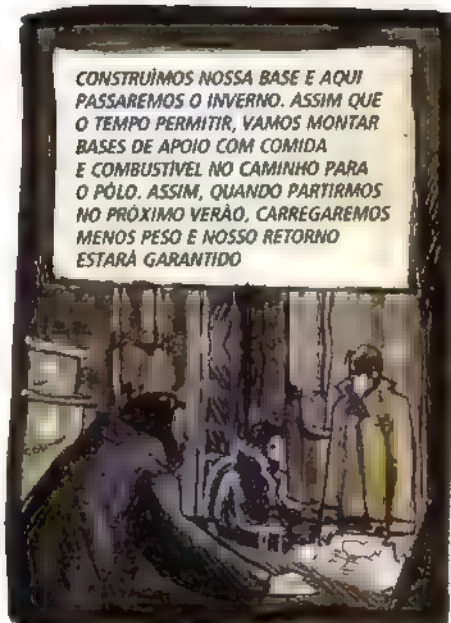
26/11/1910, Port Chalmers, Nova Zelândia.

Do convés do Terra Nova, um baleeiro de três mastros e 700 toneladas, Robert Falcon Scott, capitão da Marinha britânica não esconde a excitação. A longa viagem que teve início há quase seis meses em Londres, agora, está prestes chegar

à sua fase final, quando os membros da expedição vão tentar algo inédito: chegar ao extremo sul do planeta. Mas eles não são os únicos. Uma equipe comandada pelo norueguês Roald Amundsen também está no páreo.



NÃO ESPERAVA VER A BANQUISA TÃO CEDO. O GELO ESTÁ MAIS AO NORTE DO QUE PENSÁVAMOS. PODEMOS TER UM INVERNO RIGOROSO PELA FRENTE



*ADAPTADO DOS DIÁRIOS DO CAP. ROBERT SCOTT

1/11/1911

É CHEGADA A HORA. PARTIMOS
EM DIREÇÃO AO PÓLO, A CERCA
DE 1300 QUILOMETROS. SEIS
TRENÓS SERÃO PUXADOS POR
PÔNEIS, UM PELOS CÃES
E OUTRO POR NÓS MESMOS

Latitude: 80°30 sul
Temperatura: -3°C (dia)
-22° (noite)
Altitude: 22 metros

NOS PRIMEIROS DIAS,
AVANÇAMOS MUITO.
EM DEZEMBRO,
O TEMPO PIOROU
E FICAMOS PRESOS

CAPITÃO, O
ÚLTIMO TRENO
ACABA DE
CHEGAR

ÓTIMO. APESAR DOS DIAS
HORRÍVEIS, NOS ATRASAMOS
APENAS 8 OU 10 KM. MAS, DAQUI
PARA A FRENTE, PRECISAREMOS
DE BOM TEMPO

NÃO ADIANTA
NOS ANGLUSTIAR COM
O FUTURO, JÁ É MAIS
QUE SUFICIENTE A
PREOCUPAÇÃO COM
O DIA DE HOJE

A NEVASCA NÃO CEDEU. BASTA UM MINUTO FORA
DA BARRACA PARA FICARMOS COBERTOS DE NEVE
DOS PÉS À CABEÇA. OS PÔNEIS E OS TRENÓS
ESTÃO QUASE SOTERRADOS E MUITA NEVE
SE ACUMULA AO LADO DAS BARRACAS

OS HOMENS ESTÃO
CADA VEZ MAIS
IMPACIENTES, CAPITÃO

SÓ NOS
RESTA ESPERAR

SÃO 4 DIAS
DE ATRASO, PELOS
MEUS CÁLCULOS

9/12

TENTAMOS PARTIR COM
OS PÔNEIS, MAS FOI INÚTIL.
ANDAMOS O DIA TODO E NÃO
AVANÇAMOS MAIS QUE 5 OU
6 QUILOMETROS. À NOITE, OS
ANIMAIS ESTAVAM EXAUSTOS

VAMOS
ACAMPAR!!!

SE AMUNDSEN, VIAJANDO RUMO AO SUL, TIVER UM
POUCO MAIS DE SORTE, PODERÁ ENCURTAR SUA JORNADA
SOBRE O PLANALTO EM 160 QUILOMETROS OU MAIS

E TIVE DE TOMAR
UMA GRAVE DECISÃO

PEGUEM SUAS
PISTOLAS, CAVALHEIROS.
E ME ENCONTREM
LÁ FORA

CLICK

BANG
BANG
BANG

MESMO SEM OS CAVALOS,
NOS ÚLTIMOS DIAS, ANDAR
ESTÁ CADA VEZ MAIS DIFÍCIL.
ESTAMOS SUBINDO,
SEMPRE SUBINDO.

2850 m

Pólo Sul

Nível do mar

22/12

HOJE, COMEÇA
A TERCEIRA FASE DE
NOSSA VIAGEM
DAQUI, A ÚLTIMA
EQUIPE DE APOIO
VOLTARÁ. SOBRARÃO
APENAS CINCO DE NÓS

Latitude: 85°13'30"
Temperatura: -18°C
Altitude: 2790 metros

SE TUDO DER CERTO,
SERÃO ESSES QUE
CHEGARÃO AO PÓLO
EU, ROBERT SCOTT,
DE 43 ANOS

EDWARD WILSON, DE 39
ANOS. NOSSO MÉDICO
E COZINHEIRO ESTÁ SEM-
PRE CUIDANDO DE TODOS.
QUANDO ATRELADO
AO TRENO, MOSTRA-SE
FIRME COMO AÇO

ED EVANS, 37 ANOS.
UM TRABALHADOR
INCANSÁVEL É O
RESPONSÁVEL PELOS
TRENOIS, SACOS DE
DORMIR E BARRACAS

HENRY BOWERS, 28
PARECE DESFRUTAR
CADA MINUTO DESSA
AVENTURA. CUIDA DAS
PROVISÕES E DADOS
METEOROLÓGICOS.
E FAZ FOTOGRAFIAS.

LAWRENCE
OATES, DE 32
ANOS, CUIDOU
DOS PÔNEIS ATÉ
O FIM. É UM
VERDADEIRO
SOLDADO, COM
INCANSÁVEL
ENERGIA

9/1/1912

A TEMPERATURA NÃO
PÁRA DE CAIR

Latitude: 88°25'
(recorde meridional)
Temperatura: -31°C
Altitude: 3 100 metros



CAMINHAMOS POR MAIS DUAS
HORAS COM RENOVADO ANIMO.
A NEVE CAIA SEM CESSAR. TALVEZ,
POR ISSO, MESMO EU CAMINHANDO
À FRENTE, FOI BOWERS QUE
AVISTOU-A PRIMEIRO

OLHEM. É UM
DOS NOSSOS
MARCOS?

NÃO, NÃO ERA. E ACHO
QUE TODOS JÁ SABIAM
DISSO EM SILÊNCIO,
CONTINUAMOS A ANDAR

DEVE SER
UMA DEPRESSÃO
NO GELO

OS NORUEGUESES NOS
PRECEDERAM. FORAM
OS PRIMEIROS A CHEGAR
AO PÓLO



NEM DEUS,
NEM DEUS NÃO
PODE SER

DE QUE ADIANTA?
VAMOS VOLTAR
AGORA

NÃO, NÓS
VAMOS AO
PÓLO

E FOMOS. "DEUS, TODO-PODEROSO!
ESTE É UM PAVOROSO LOCAL, E
AINDA MAIS TERRÍVEL PARA NÓS,
QUE LUTAMOS TANTO POR ELE SEM
CONQUISTARMOS A RECOMPENSA
DE SERMOS OS PRIMEIROS"

ESTOU
GUARDANDO
ISSO HÁ DIAS

TODOS OS SONHOS E DEVANEIOS QUE NOS OCUPAVAM A MENTE SE DESVANECERAM. TEMOS PELA FRENTE UM TEDIOSO E TRISTE RETORNO

111

4/2/1912

A VOLTA, A ROTINA, O ESFORÇO
E O CLIMA SÃO MASSACRANTES

PRECISAMOS
DESCANSAR

TEMOS DE
CONTINUAR
SE QUISERMOS
SAIR DAQUI

FAZ DIAS QUE UMA TERRÍVEL
NEVASCA ESTÁ CAINDO E DAQUI
PARA A FRENTE ELA SÓ VAI PIORAR.
NOSSAS TRILHAS FORAM APAGADAS,
NOSSOS MARCOS ENCOBERTOS.
O ANÍMIO E A ENERGIA DOS HOMENS
JÁ NÃO SÃO OS MESMOS. O PESO
DE NOSSO FRACASSO OS LEVOU

17 km One Ton

SABEMOS QUE TEMOS DE CORRER MAIS
E MAIS. O TEMPO ESTÁ CONTRA NÓS.
A ÚNICA ESPERANÇA É CHEGARMOS
AO DEPÓSITO DE ONE TON, ONDE
PODEREMOS PASSAR O INVERNO.
"EXTERNAMENTE, DEMONSTRAMOS
ANIMAÇÃO E ALEGRIA, MAS O QUE CADA
HOMEM GUARDA EM SEU CORAÇÃO,
POSSE APENAS IMAGINAR"
QUE DEUS NOS AJUDE, POIS É CERTO
QUE NÃO PODEREMOS SUPOSTAR ESSE
ESFORÇO POR MUITO MAIS TEMPO

Pólo Sul.

17/2

DEPOIS DE DUAS OU TRÊS HORAS, EVANS
FICOU PARA TRÁS. O ACHAMOS CAÍDO
NA NEVE. AS MÃOS NUAS ESTAVAM
CONGELADAS. O PUSEMOS DE PÉ, MAS
APÓS DOIS PASSOS ELE VOLTOU A CAIR.
QUANDO O LEVAMOS PARA A BARRACA,
ELE JÁ ESTAVA EM COMA

MORREI SERENAMENTE
AS 12H30

16/3

HÁ DIAS OATES ESTÁ MANCANDO MUITO,
MAL PODE CAMINHAR E SOFRE AO VER QUE ESTÁ
NOS ATRASANDO. ESSA NOITE ENFRENTAMOS
O FRIO ABAIXO DOS -42°. OATES ACORDOU
CEDO, ACHO QUE SÓ EU E BOWERS O VIMOS
DEIXAR A BARRACA, SOBRE FORTE NEVASCA

EU VOU SAIR
AGORA E POSSO
DEMORAR UM
POUCO

NUNCA MAIS O VIMOS

29/3

HÁ UMA SEMANA, A TEMPESTADE SOPRA SEM PARAR
TODOS OS DIAS NOS PREPARAMOS PARA PARTIR RUMO
A ONE TON, QUE DEVE ESTAR A 20 QUILOMETROS
DAQUI, MAS ALÉM DA PORTA DA BARRACA PERMANECE
UM TERRÍVEL CENÁRIO DE NEVE TURBILHONANTE. NÃO
CREIO QUE POSSAMOS MANTER QUALQUER ESPERANÇA
"ESTAMOS FICANDO MAIS FRACOS, E O FIM NÃO
DEVE ESTAR DISTANTE"

12/11/1912

Oito meses depois, membros da expedição que haviam
permanecido em One Ton encontraram os corpos de Scott, Wilson
e Bowers. Os de Evans e Oates nunca foram encontrados

Amundsen chegou ao pólo sul em
14/12/1911, mais de um mês antes
de Scott. Seu grupo era formado
por quatro pessoas e três cães.
Ninguém morreu em sua expedição

SAIBA MAIS

LIVROS

A Última Expedição a Drummond
Escrito pela Conquista do Pólo
Sul, Robert Falcon Scott, Alegria,
2002

Além do texto completo de Scott,
há fotos e mapas da expedição

*Acho que é uma pena, mas
não creio que possa
continuar escrevendo.
R. Scott
Última anotação
Pelo amor de deus, cuidem
de nossas famílias

A INVASILIS

O cer Pirati

Foi em 9 de julho de 1562 que a nascente São
alçada à condição de vila apenas dois anos
e determinado de uma coligação

Ilustrações CARLOS FERREIRA E

N 9 de julho é provavelmente o dia
mais importante da história de São
Paulo. É o conteúdo do que julga-se ser
a primeira (e a historiografia tradicional, que
qualifica ruas e avenidas e
determina feriados), porém, o 9 de ju-
lho que de fato definiu o destino da cidade não ocorreu
em 1934, durante a Revolução Constitucionalista, mas
170 anos antes. Foi em 9 de julho de 1562 que a nascente
de São Paulo, então Campos de Piratininga, alçada à con-
dição de vila apenas dois anos antes, resistiu ao ataque
letoz de uma coligação de nações indígenas (tupiniquins, guaianas,
guarulhos e tupiniquins rebeldes) contra suas frágeis
defesas e paliçadas incipientes.

O vilarejo sobreviveu por dois de seus mais genótipos paulistas:
fundadores: o português e mineiro João Ramalho, este pá-
lida torna-se índio, primeiro homem branco a habitar o plan-
alto, e o negro dele, Tibiriçá, o Vigilante de Tenda, moru-
bixaba, principal líder tupiniquim e que se aliou primeiro
ao português Ramalho (dando-lhe a filha Baía) como mu-
lher. Depois os guerreiros exilados portugueses desceram

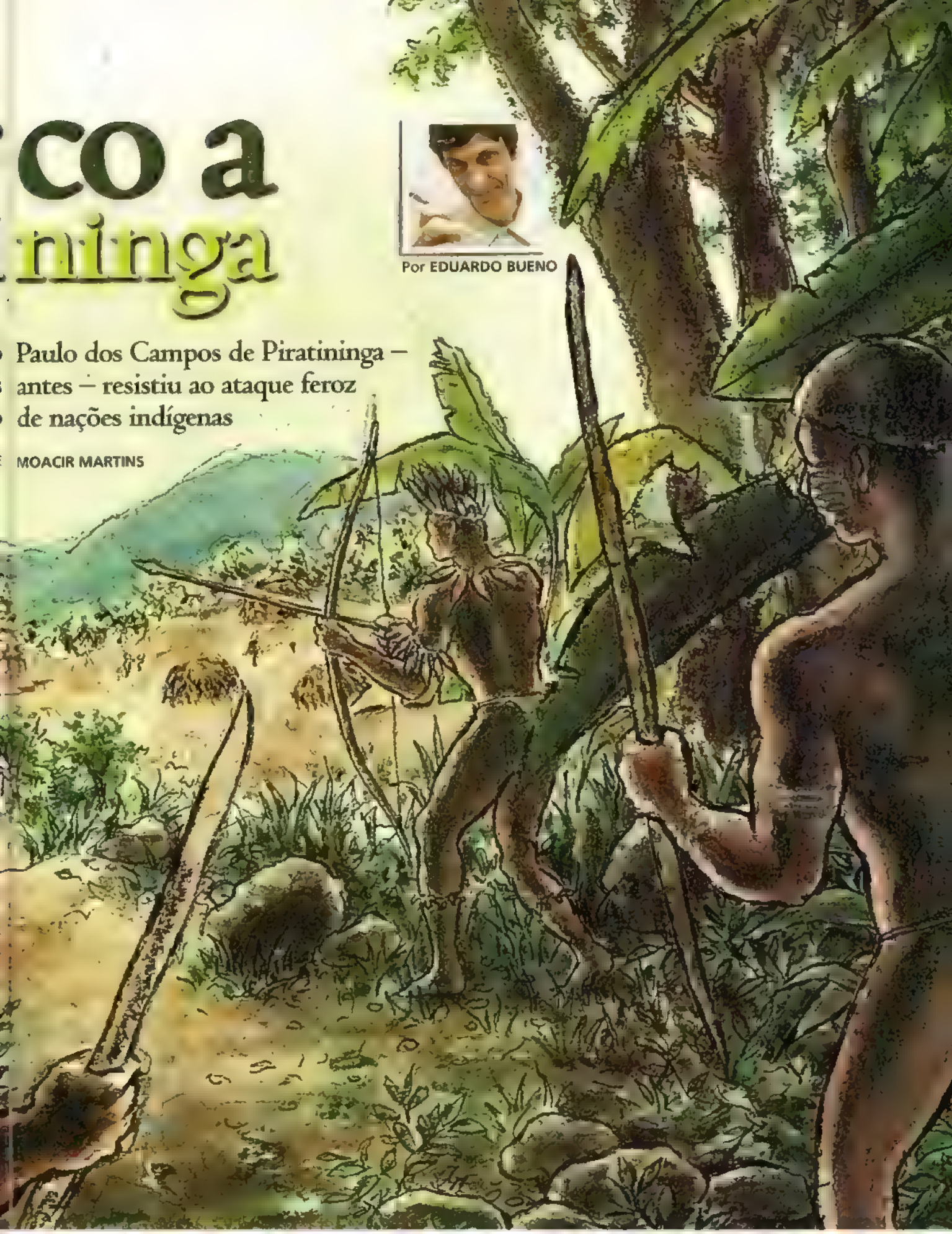
co a ninga



Por EDUARDO BUENO

Paulo dos Campos de Piratininga –
antes – resistiu ao ataque feroz
de nações indígenas

MOACIR MARTINS



► barcados em 1532 e, a seguir, aos jesuítas, que começaram a chegar em 1552.

Quem desferiu o ataque foi Jaguaranho, ou Onça Feroz, espécie de Crazy Horse tupiniquim. O jovem e impetuoso guerreiro possivelmente agiu sob ordens de seu pai, Piquerobi, o Lambari Verde, líder da aldeia rebelde de Arurá (localizada onde hoje fica São Miguel Paulista, na zona leste de São Paulo). O confronto adquire tons ainda mais dramáticos quando se sabe que, além de pai de Jaguaranho, Piquerobi provavelmente era irmão de Tibiriçá e do outro líder tribal que também se aliara aos jesuítas, o velho Caiubi, ou Flecha da Madeira.

As fatalidades da Guerra de Piratininga não se encerram no fragor de uma luta fratricida. O fato de São Paulo ter sido salva não só por Tibiriçá mas por João Ramalho, configura uma ironia. Afinal, mesmo sendo o pioneiro incontestável na ocupação do planalto, Ramalho fora excluído do processo "civilizatório" da região logo após a chegada dos jesuítas.

E essa exclusão se dera de forma tão completa que Santo André, onde Ramalho vivia, foi suprimida por ordem do governador-geral Mem de Sá, sendo incorporada a Piratininga menos de dois anos antes do ataque que poderia ter arrasado a frágil cidadela dos jesuítas.

João Ramalho e os jesuítas encontravam-se em lados opostos desde sempre. Em 1552, os filhos mamelucos do patriarca ameaçaram de morte o padre Leonardo Nunes, quando o primeiro jesuíta a subir a serra expulsou Ramalho da missa que celebrava na pequena ermida de Santo André, já que ele fora excomungado. Embora o padre Manoel da Nóbrega tenha conseguido, mais tarde, contornar o conflito e obter se não o apoio, pelo menos, certa neutralidade de João Ramalho, seus interesses sempre foram divergentes.

Ainda assim, no momento em que seu pequeno colégio e a vila que o cercava corriam risco de ser varridos do mapa, os padres se viram forçados a recorrer a Ramalho. E, embora tenha vi-

vido mais 18 anos após o ataque, ele nunca viria a ser mais do que mero vereador no vilarejo que salvou da devastação.

De todo modo, o personagem mais trágico, grandioso e paradoxal da Guerra de Piratininga foi Tibiriçá, o principal líder tupiniquim do planalto. A princípio, ele decidira acolher e incorporar a seu grupo, como genro, o primeiro branco a dar com os costados em seu território tribal. Ninguém sabia quem João Ramalho era ou de onde viera. Mas todos logo souberam que ele havia chegado: pouco depois de desembarcar no lagamar de São Vicente, por volta de 1508, o enigmático estrangeiro tornou-se líder informal dos tupiniquim e Tibiriçá não tomava decisão sem consultá-lo.

Na década de 30, influenciado por Ramalho, Tibiriçá firmou aliança também com o primeiro contingente de portugueses a chegar ao atual estado de São Paulo: o grupo liderado pelo fidalgo Martim Afonso de Sousa, futuro donatário da capitania e fundador de São Vicente. Mas o acordo mais du-



radouro, significativo e problemático estabelecido pelo líder tupiniquim foi selado com os jesuítas.

Tibiriçá não só permitiu que Nóbrega e Anchiera fizessem um colégio em suas terras como ajudou a “erguê-lo com as próprias mãos”, tornando-se “fundador, benfeitor e conservador da Casa de Piratininga”, de acordo com o relato de Anchiera. A conversão foi tão completa que, depois de alistar-se como um dos primeiros catecúmenos, o chefe indígena aceitou o batismo, adotando o nome de Martim Afonso Tibiriçá.

Mais tarde ele seria nomeado pelo Conselho Real membro da influente Ordem de Cristo, originária da antiga Ordem dos Cavaleiros Templários – sinal de prestígio inequívoco, e além de tudo rentável, já que o posto implicava recebimento de uma “tença”, ou pensão.

Ao contrário do que sustenta ou insinua a historiografia tradicional, porém, é evidente que Tibiriçá sempre agiu em defesa dos próprios interesses e, por extensão, dos de sua tribo. Não foi um mero joguete, um peão no tabuleiro da conquista colonial. Ao associar-se respectivamente com Ramalho, Martim Afonso e os jesuítas, julgava obter vantagens estratégicas, políticas e bélicas.

A questão é que o tiro saiu pela culatra. Primeiro, resultou no recrudesci-

mento dos ancestrais conflitos dos tupiniquins com os guaianás, carijós e ramoiós. A seguir, em um rompimento interno, que confrontou o grupo de Tibiriçá com o de seu “irmão” Piquerobi e do filho deste, Jaguaranho. Por fim, como bem colocou o historiador John Manuel Monteiro, a aliança revelou-se “muito nociva” para Tibiriçá: “As mudanças nos padrões de guerra e as graves crises de autoridade, pontuadas pelos surtos de contágios, conspiraram para debilitar, desorganizar e, finalmente, destruir os tupiniquins”, escreveu o autor de *Negros da Terra*.

O início do fim de Tibiriçá e de seu povo desenrolou-se de forma dramática. Contrariados com a completa submissão do morubixabas aos desejos dos jesuítas, um bando de rebeldes tupiniquins – possivelmente oriundos da aldeia de Ururá, que era comandada por Piquerobi, e sob a liderança de Jaguaranho – aliou-se a outras nações indígenas e desferiu, em 9 de julho de 1562, um ataque-surpresa ao povoado jesuíta, erguido na confluência dos rios Tamanduatê e Anhangabaú, o exato local onde antes fora a taba de Tibiriçá.

Aos gritos de “jukaí karaíba!” (morte aos portugueses!), os indígenas, de acordo com o relato do padre José de Anchiera, “deram de manhã sobre Pira-

tinga com grande corpo de inimigos, pintados e emplumados e com grandes alaridos, aos quais saíram logo a receber os nossos discípulos, que eram muito poucos, com grande esforço, e os trataram bem mal, sendo coisa maravilhosa que se encontravam às flechadas irmãos com irmãos, primos com primos, sobrinhos com tios. E, o que é mais, dois filhos, que eram cristãos, estavam conosco contra seu pai, que era contra nós. De maneira que parece que a mão de Deus os apartou e os forçou a fazer isso sem que eles o entendessem”.

Segue o relato do padre: “As mulheres dos portugueses e os meninos, e também dos mesmos índios, recolheram-se a maior parte à nossa casa e igreja, por ser um pouco mais segura e forte, onde algumas das mestiças estavam toda a noite em oração com velas acesas ante o altar, e deixaram as paredes e os bancos bem tintos de sangue, que se tiravam com as disciplinas (o costume de açoitar-se como forma de penitência), o qual não duvido que pelejava mais rijamente contra os inimigos que flechas e arcabuzes”.

“Tiveram-nos em cerco dois dias, dando-nos sempre combate, ferindo muitos dos nossos. Mas dos inimigos foram muitos mais os feridos e alguns mortos, dentre os quais um que foi nosso catecúmeno, e fora quase capitão dos de-

Os invasores atacaram a vila pela manhã e encontraram bem poucos a defendê-la



mais, o qual, sabendo que todas as mulheres se haviam de recolher à nossa casa, e que aí havia mais que roubar, veio dar combate pela cerca de nossa horta, mas aí mesmo achou uma flecha que lhe deu pela barriga e o matou, dando-lhe a paga, que ele nos queria dar, pela doutrina que lhe havíamos ensinado.”

Os historiadores que se dedicam a estudar a Guerra de Piratininga supõem que o “quase capitão” citado por Anchieta fosse o jovem Jaguaranho – dedução baseada no relato do também jesuita Simão de Vasconcelos, que afirmou que o agressor “era filho de Araraig”, corruptela de Ururá, nome da aldeia chefiada por Piquerobi.

Se, a exemplo dos Estados Unidos, a indústria cultural brasileira produzisse mitologia com base na própria história, seria instigante e revelador assistir a filmes e peças, ou ler romances e contos sobre a fundação de São Paulo e, mais ainda, sobre o episódio-chave de 9 de julho de 1562. Em obras conservadoras, Tibiriçá surgiria como herói abnegado e cristão, um “índio bom”, ao passo que Jaguaranho seria o selvagem sanguinário e cruel, o “índio mau”. Nas versões mais rebeldes, o quadro se reverteria: a Tibiriçá caberia o papel de “pelego”, um nativo acovardado e submisso, enquanto Jaguaranho seria alçado ao posto de líder tribal revolucionário, espécie de Che Guevara tupiniquim, de flechas e plumas.

No drama real de vidas humanas, em meio a complexidades muito maiores, Tibiriçá e Jaguaranho saíram derrotados. As decisões que tomaram, com toda a carga de emoção, angústia e reflexão que certamente exigiram, resultaram em um mesmo e único fim: os dois mor-

reram, vítimas de suas próprias escolhas, e, com eles, exauriram-se as duas únicas e estreitas alternativas disponíveis para os tupiniquins – uma aliança frágil ou o conflito desigual com os europeus.

A morte de Tibiriçá, como a própria vida, revestiu-se de sobretons pesados e alegóricos. Contagiado em um dos tantos surtos epidêmicos que, após o surgimento dos aldeamentos jesuítas, grassaram no planalto de Piratininga, o Vigilante da Terra morreu “de peste”

A ALIANÇA ENTRE Tibiriçá e os jesuitas DESAGRADOU OUTROS índios da região

– vitimado por “câmaras de sangue” – apenas cinco meses após a Guerra de Piratininga, no dia de Natal de 1562. Seu “passamento” na data em que se comemora o nascimento de Cristo evidentemente não passou despercebido pelos jesuítas, sendo mesmo saudado como uma dádiva de Deus para um devoto tão fervoroso e distinto.

Em carta ao superior da companhia, Diego Laynes, redigida em 16 abril de 1563, o padre Anchieta anotou: “Morreu nosso principal e grande amigo e protetor Martim Afonso, o qual depois de se haver feito inimigo de seus próprios irmãos e parentes por amor a Deus e à sua Igreja, e depois de lhe haver dado Nosso Senhor a vitória sobre seus inimigos, estando ele com grandes propósitos e muito determinado a defender a causa dos cristãos, e nossa Casa de São Paulo, que ele bem sabia haver sido edi-

ficada em sua terra por amor dele e de seus filhos, quis Deus conceder-lhe o galardão por suas obras, dando-lhe uma doença de câmaras de sangue, da qual não havia melhora. No dia do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, morreu para nascer em nova vida de glória, como esperamos. Foi enterrado em nossa igreja, com muita honra”.

O corpo de Tibiriçá permaneceu sepultado entre os alicerces da primitiva igreja de São Paulo até 1896, quando uma tempestade fez desabar o prédio secular e malconservado. Os restos mortais do líder tupiniquim foram transferidos então para a igreja do Coração Sagrado de Maria. Em janeiro de 1933, o eco dos canhões de outra guerra paulista – a Revolução Constitucionalista de 1932 – ainda podia ser escutado, quando, “por iniciativa de

vários paulistas ilustres, com cooperação do clero e do Instituto Geográfico de São Paulo, foram os ossos do chefe índio trasladados para a cripta da nova catedral paulista”, a Sé.

O padre e historiador Fernando Pedreira de Castro, presente à solenidade, descreveu-a: “Aos 25 de janeiro de 1933, às 14 horas, o vigário geral dom Gastão Liberal Pinto, o doutor José Torres de Oliveira, presidente do citado instituto, e outras pessoas, receberam das mãos do padre Vicente Conde, a dita urna de mármore, a qual, depois de devidamente examinada e verificado seu conteúdo, foi de novo lacrada e trasladada com o acompanhamento de todos os presentes, para a cripta da nova catedral, tendo sido depositada numa das câmaras mortuárias ali existentes, ao lado das que abrigam os ossos dos bispos de São Paulo e do regente Feijó”.



Pedreira de Castro registrou ainda que, "ao abrir-se-lhe a sepultura, os ossos impressionaram a todos pelo tamanho e solidez. O cacique era de alenta-da estatura, robusto, dotado de força hercúlea". Entre os que se alinharam à procissão estavam alguns dos maiores historiadores paulistas de então, como Afonso Taunay, Alfredo Ellis Jr. e Aureliano Leite, dispostos, como o padre Pedreira, a transformar Tibiriçá em uma espécie de paulista primordial, o pai de todos.

"Tibiriçá foi o sal da terra que se transfundiu e se perpetuou em centenas de milhares de criaturas, as quais se vêm espalhando, desde os primeiros dias coloniais até hoje, não apenas nessa poderosa unidade da federação, como em demais territórios brasileiros, tal qual, para o Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; para o Norte, Rio de Janeiro e Minas Gerais; para Oeste, Mato Grosso e Goiás", discursou Aureliano Leite. No momento em que São Paulo lutava contra o resto do Brasil, o discurso não poderia ser mais revelador.

Exatos 400 anos após sua morte, Tibiriçá continuava servindo de exemplo e metáfora — e sendo vítima até dos que o julgavam um herói. Em 25 de dezembro de 1962, para lembrar o quarto centenário do falecimento do morubixaba, o jornal *O Estado de S. Paulo* convidou paulistas eméritos para homenageá-lo. Entre os textos está o de Álvaro do Amaral, que afirma: "Ao se estudar a personalidade de Tibiriçá, chefe dos índios dos Campos do Piratininga, fica-se entusiasmado com suas qualidades morais, de que deu provas insofismáveis. Realmente, para um representante dos nossos silvícolas tão atrasados, que demonstravam ter o desenvolvimento intelectual próprio das mais selvagens raças humanas, é de estranhar encontrem-se as inúmeras ocasiões em que demonstrou seu caráter reto, sua inteligência lúcida e seus sentimentos cristãos".

Ao contrário dos demais tupiniquins, cujas cinzas foram sopradas pelo vento, seu "cacique" ganhou uma tumba cristã. Foi o único nativo ao qual se

concedeu a suposta honraria. Mas quem pode garantir que no pomposo jazigo ele encontrou a paz de que não teve em vida? De todo modo, o silêncio ao qual Tibiriçá foi relegado durante as recentes comemorações dos 450 anos da cidade nascida do solo de sua aldeia tampouco o terá ajudado a encontrá-la. ■

LIVROS

A Guerra de Piratininga, Benedito Preziosi, FTD, 1991

Obra inteiramente dedicada à guerra dos índios *Os Indígenas do Planalto Paulista*, Benedito Preziosi, Edusp, 1997

Análise dos índios paulistas vistos por viajantes, cronistas e missionários dos séculos 16 e 17

Negros da Terra, John Manuel Monteiro, Companhia das Letras, 1994

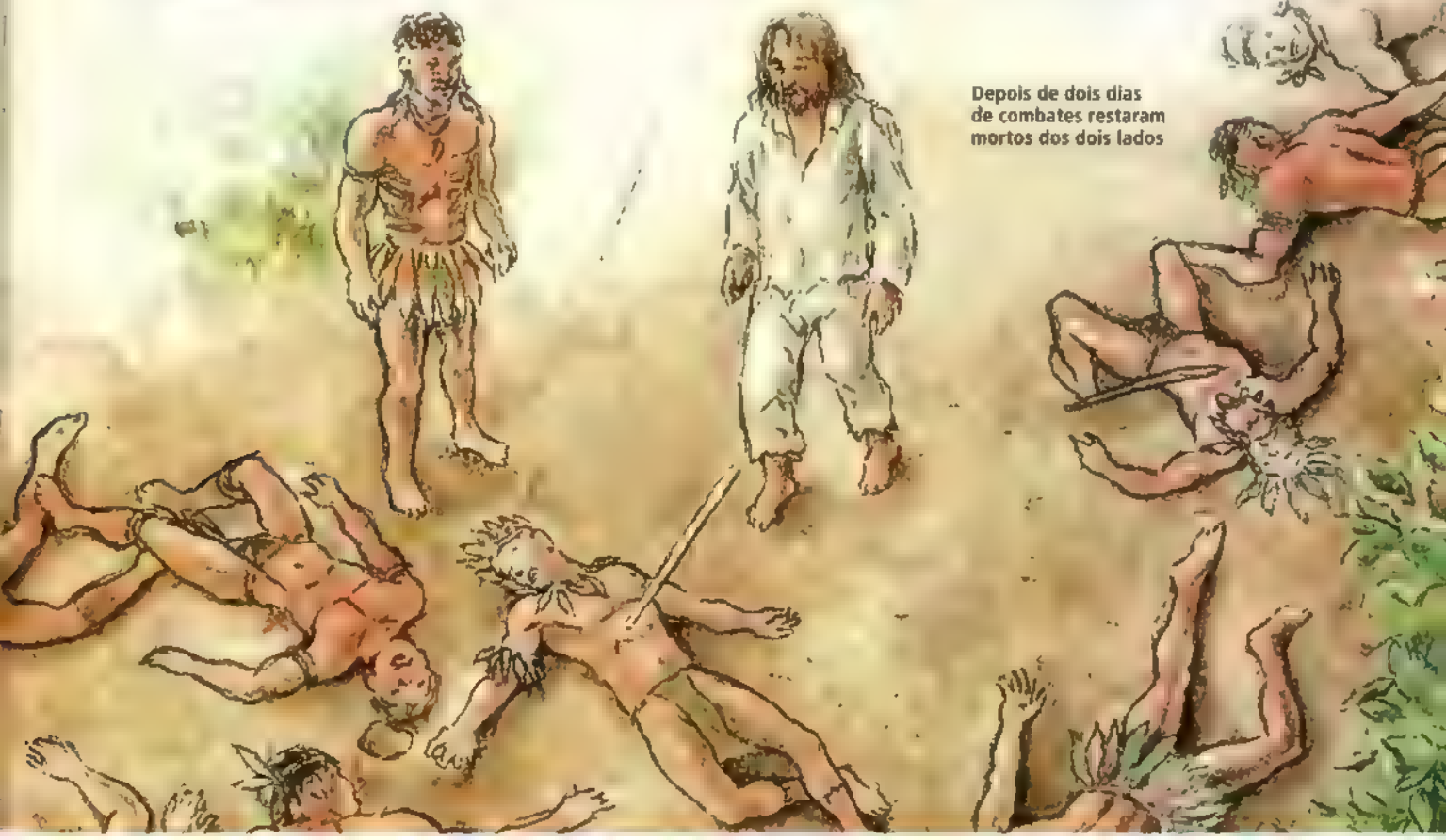
Abordagem da importância do bandeirantismo e dos índios na formação de São Paulo

Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil, Serafim Leite (org.), Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954

Reprodução das cartas dos primeiros jesuítas enviadas a seus superiores na Europa

História da Companhia de Jesus no Brasil, Serafim Leite, Civilização Brasileira, 1950

Compêndio de dez volumes sobre todo o movimento jesuítico no país



Depois de dois dias de combates restaram mortos dos dois lados

Homo ricaxus uma espécie diferente

Eles andam em grupos de indivíduos selecionados. Vivem em ambientes tão exclusivos que somente uns raros eleitos têm acesso. Seus hábitos alimentares são refinados. Com vocês, um novo tipo de humanos: os ricos

Por MANUELA AQUINO Ilustrações CAKO FACIOLI

Um homem no alto dos seus 40 anos, sentado confortavelmente no banco de couro de um Porsche conversível para num semáforo. Estamos em Beverly Hills. Uma linda jovem sai da loja da Cartier deixando para trás mais de 100 mil dólares. Entra no carro e eles seguem felizes para a mansão com 20 suítes num condomínio exclusivo, afastado da cidade. Na mesma tarde, ele recebe a notícia de que suas aplicações na bolsa subiram, rendendo-lhe lucros na casa dos milhões. Para comemorar, reúne um grupo de amigos para degustar um repasto finíssimo, regado a vinho e champanhe. Se isso lhe faz pensar, o que eles têm que eu não tenho, saiba que a resposta é fácil. Porém desanimadora. Eles fazem parte de um grupo de indivíduos cujo isolamento em ambientes de difícil acesso e os hábitos reprodutivos e alimentares exóticos fizeram com que se tornassem outro ramo da espécie humana: os ricos.

A nova (e divertida) teoria de "evolução das espécies" foi desenvolvida pelo jornalista americano Richard Conniff. Depois de anos observando os animais em seus habitats na África e no sudeste asiático (Conniff trabalha na revista *National Geographic*), ele lançou o livro *The Natural History of the Rich* (que agora sai no Brasil com o nome de *A História Natural dos Ricos*, pela Editora Jorge Zahar), onde compara, com muito humor e doses de sarcasmo, pessoas ricas a chimpanzés, pavões, zebras e outros animais menos afortunados. Tudo para mostrar que os *Homo sapiens pecuniosus* (como ele batizou a "nova espécie") possuem características próprias e únicas, que os torna muito diferentes do resto de nós humanos.

Por que os ricos têm mais facilidade para conquistar as atenções do sexo oposto? Por que os ricos sempre ficam mais ricos? Eles parecem atrair dinheiro – ou você já viu um pobre *Homo sapiens* como nós receber uma herança de uma tia distante? Se você acha que isso é um assunto mais apropriado para um bar do que para uma revista sé-



ria, saiba que a tese nasceu assim mesmo: num bar. Está certo que não foi em um boreco qualquer, mas num piano-bar em Mônaco. A inusual idéia de Richard Conniff surgiu enquanto visitava a cidade para fazer uma reportagem. Lá, conheceu um rico corretor de valores e passaram a frequentar, juntos, um bar onde só ia gente muito rica, ambiente perfeito para observar essa espécie em seu hábitat. Por noites seguidas, Conniff registrou a maneira que o novo amigo fazia para atrair as mulheres, imediatamente se lembrou do ritual de acasalamento de animais selvagens. "Ele segurava um copo com uma mão, gesticulava com a outra ostentando seu relógio Rolex. Falava com a voz empostada e empinava o peito diante da mulher que o interessava como um pavão que dizia: 'fêmea, preste atenção em mim'", afirma Conniff. Ele que, durante anos havia estudado o comportamento dos animais, se sentiu como se descobrisse um fóssil vivo, um espécime ainda não catalogado pelos cientistas que se dedicam ao estudo do mundo animal.

SAFÁRI

Para reconhecer os indivíduos dessa espécie, o melhor jeito é a observação, como os biólogos fazem com animais, ou procurar seus vestígios, como os paleontólogos fazem com fósseis. Os ricos são aquelas pessoas que vivem num mundo quase irreal, longe da pobreza e sem se preocupar se o salário vai durar até o fim do mês. Fazem questão de relacionar-se somente com os semelhantes e só se enturmam com os do mesmo naipe. Um dono de um casarão de 1 000 metros quadrados na Costa do Sauípe, na Bahia, não vai se misturar com um caçara local. E, como num grupo de chimpanzés vivendo em um pedaço da floresta, só admitirá novos membros que demonstrarem seu merecimento. No caso dos macacos, o mérito pode ser providenciar comida. No dos ricos, isso equivaleria a passar pela rígida seleção de um clube exclusivo ou promover uma festa para os



TODO RICO TEM

Para reconhecer um verdadeiro *Homo pecuniosus*, basta observar dez características. São os universais dos ricos, comportamentos comuns a todos da espécie

1 VERDADES E MENTIRAS

As três maiores mentiras que os ricos falam: "não me interessa por dinheiro", "ter poder não é importante para mim" e "não ligo a mínima para o que as outras pessoas pensam de mim". Se ouvir uma dessas pérolas, acredite, você tem um ricoço na sua frente

2 AMIGOS PRÁTICOS

Os ricos são espertos na hora de escolher os amigos: cultivar bons relacionamentos significa ter aliados no futuro. Por isso, enviam as crianças para a escola certa, moram perto de vizinhos influentes e passam as férias em Aspen para garantir boas amizades

3 MULHERES MIMADAS

Ricos prestam atenção especial nas mulheres: tratam-nas bem, dão presentes, flores e doces. Isso é fundamental. A fêmea garante a continuidade da espécie (e da riqueza)

4 BOM CORAÇÃO

Ricos fazem caridade. É uma forma de ostentação. Preferem doar a grandes hospitais ou para políticos em época de campanha

5 PRIMEIRO LUGAR

Pobres gostam de competir, ricos adoram ganhar. Numa partida de tênis, os ricos preferem um adversário mais fraco para aumentar suas chances de vencer

6 PAIS E FILHOS

Eles colocam a família sempre em primeiro lugar. É uma forma de manter a fortuna entre quatro paredes. Pôr os filhos para dirigir a empresa também ajuda a construir uma dinastia

7 JOGO SUJO

Não existe vitória feia. Ou campeão moral. Guerra é guerra e, numa situação de "sou eu ou ele", o rico escolherá "eu" sem o menor constrangimento. Numa disputa, os ricos golpeiam sem dó e, quando têm certeza de que podem contar com o apoio de aliados, atacam até seus superiores

8 PULSO FIRME

Ricos exercem dominância e cultivam as relações em que podem demonstrar superioridade

9 CASINHA PEQUENINA

Os ricos constroem casas menores do que poderiam. Pobres costumam exagerar, endividam-se para fazer edículas, "puxadinhos" ou quartos para um bebê que ainda não nasceu

10 PLANO B

Ricos sempre têm uma rota de fuga: nunca entram por uma porta (ou fecham um negócio) sem conhecer pelo menos duas saídas. Assim como os animais, eles têm pavor de ficar presos

► membros mais importantes do grupo e aproveitar para mostrar sua casa e seus carros na garagem.

Com um pouco de prática dá para identificar um rico pela quantidade e facilidade com que consegue sexo. É a analogia com os bichos aqui também vale. Entre a macacada, aqueles que juntam maior quantidade de comida ganham a atenção das fêmeas, que vêem naquele macho a figura do provedor para seus futuros filhotes. E não é assim que um empresário de sucesso consegue as mais lindas e belas modelos/atrizes/apresentadoras de TV nos camarotes no Carnaval do Rio e de Salvador?

Você pode até pensar que com os pobres também é assim. Que os pobres também selecionam seus parceiros baseados naquilo que o outro pode prover. Mas



"Fêmeas, cheguei". Para chamar a atenção, vale ostentar um Rolex ou uma cauda colorida

Conniff acha que não. "Os pobres tendem a escolher parceiros sexuais baseados em coisas subjetivas como amor, empatia e outras bobagens."

ZOOLOGICO

Não é só no ritual de conquista que os ricos lembram os bichos. A analogia com o reino animal é mais ampla. Ronald Perelman, o rico proprietário da fábrica de cosméticos Revlon, por exemplo, não levava a mulher, Patricia Duff, a festas ou eventos públicos. Fazia como algumas vespas que deixam suas fêmeas escondidas para que outros machos não queiram estabelecer contato com objetivo de acasalamento.

Os próprios ricos gostam de comparar-se com animais. O americano Robert Dedman, integrante da lista da revista *Forbes* dos 400 homens de negócio mais poderosos do mundo, disse uma vez, depois de adquirir mais uma empresa: "Sinto-me como um mosquito numa praia de nudismo, não sei por onde começar". John D. Rockefeller, dono de uma das maiores fortunas do planeta, também usa esse tipo de metáfora. Antes de uma ousada operação financeira, confidenciou à sua mulher que se sentia um leão enjaulado, atacaria qualquer um se precisasse.

Em seu zoológico particular, Conniff mantém o próprio rei da floresta, o



homem mais rico do mundo, Bill Gates. Ele foi observado e tomado como exemplo para demonstrar como funcionam as relações de dominância entre os *Homo pecuniosus*. E, também nesse quesito, concluiu que os bilionários são idênticos aos animais. A diferença está nas armas em que utilizam. Enquanto os irracionais usam a troca de favores sexuais e a força física, os ricos se valem do dinheiro para superar e se impor diante dos mais fracos. Até para ganhar mais dinheiro. "Ter dinheiro é ter poder. E ter dinheiro e poder é o melhor jeito para ter ainda mais dinheiro e mais poder", afirma Conniff.

Bill Gates também é exemplo de como entre os ricos não vale muito esse papo de amizade ou de velhas fidelidades. "O que interessa é o interesse", diz Conniff. E o dono da Microsoft está aí para provar isso. Quando fez sociedade com Paul Allen para fundar uma empresa de softwares, convenceu o parceiro a ficar com 40% e ele com 60% da sociedade. Em 1999, Allen havia perdido mais de 15 bilhões de dólares com essa divisão.

Mas não é só com os machos da espécie que agem como os animais da floresta. As mulheres ricas também são feras. Segundo Conniff, elas apresentam uma predisposição para a infidelidade, como as fêmeas do pássaro azulão, cujos hábitos sexuais ganharam dos biólogos um termo pomposo: "copulação fora do par". Em uma busca incansável, a fêmea do azulão pula de galho em galho atrás do macho que lhe oferecer melhores genes, nunca se sentin-

do satisfeita com um único parceiro. Jennie Jerome e Randolph Churchill, os pais de Winston Churchill, viveram como azulões. Randolph sofria de sífilis e Jennie teve dezenas de amantes. Em 1879, um deles apareceu em público, era o coronel britânico John Strange Jocelyn. "Os pobres tendem a ser fiéis ao companheiro e, quando não são, a coisa acaba em briga e confusão. Porém, entre os ricos, como entre os animais, o sexo com vários parceiros é mais aceitável", diz.

Os ricos são geneticamente iguais a nós, é claro, mas desenvolvem ao longo da vida mecanismos biológicos e sociais diferentes. Não é mutação, mas adaptação. Isso aumentou o abismo entre eles e o resto da humanidade. Mas mesmo a riqueza parecendo algo inacessível, haverá sempre a possibilidade de tornar-se rico, de mudar de turma. É só olhar Bill Gates, um jovem de classe média que entrou para o mundo dos ricos em menos de duas décadas. Para os que sonham em viver num habitat com chão de mármore, se alimentando de caviar e champagne, ainda há esperança. ■

SAIBA MAIS



The Natural History of the Rich, Richard Conniff, Editora Norton, 384 páginas, R\$ 45



CLÁSSICO

A fábrica da ciência

Poucos seres humanos viveram tão intensamente uma época e são um retrato tão perfeito dela quanto o renascentista Andreas Vesalius. Desde criança, o garoto de Bruxelas divertia-se abrindo corpos de animais. Jovem, estudou grego, versou-se em literatura. Quando conheceu a anatomia clássica, misturou-os com a explosão de criatividade do Renascimento, criando o *De Humanis Corporis Fabrica*, (Sobre a Construção do Corpo Humano). Caso raro entre tudo que o homem botou no papel, o livro é uma das grandes obras de arte do século 16 e, ao mesmo tempo, assinala o início da ciência moderna entre nós.

Produzida como um compêndio para estudantes de medicina, a *Fabrica*, reeditada 460 anos depois pela Unicamp, é a primeira coletânea de observações sobre o corpo humano feitas com base no método experimental. Como Copérnico, que também em 1543 deslocou a Terra do centro do universo, Vesalius revelou a estrutura real do cor-

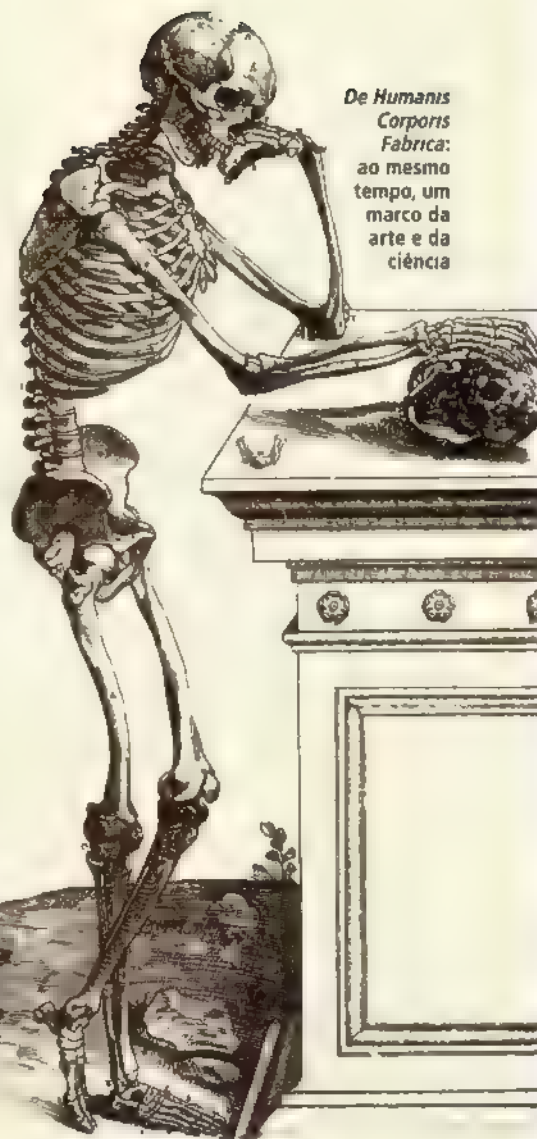
po humano, decretando o fim da medicina medieval. "Esse livro não é somente o alicerce da medicina moderna como ciência, mas a primeira grande realização da própria ciência em tempos modernos", escreveu, na década de 50, o historiador inglês Charles Singer.

A impressão, com moldes de madeira, desses desenhos (feitos por gente como Ticiano), também revolucionou a tipografia. O próprio Vesalius produziu alguns desses infográficos, revelando como os conceitos de arte e ciência ainda se misturavam no Renascimento. Aliás, era por amor à arte que ele se aventurava a retalhar defuntos e analisar vísceras. Renascentista, enxergava o corpo como obra de arte, devendo assim ser glorificado e engrandecido, em posturas e cenários de suas ilustrações anatómicas que encantam ainda hoje. ■

LEANDRO NARLOCH



268 páginas
R\$ 120



De Humanis Corporis Fabrica: ao mesmo tempo, um marco da arte e da ciência

* BIBLIOTECA BÁSICA * Três livros para entender...



NOME: RENATO
VENÂNCIO *

* Professor da Universidade Federal de Ouro Preto

... Os índios do Brasil colonial

RAMINELLI, Ronald
Imagens da Colonização:
a Representação do Índio
de Caminha a Vieira,
Zahar, 1996

Este livro remonta a perspectiva europeia na descrição das sociedades indígenas coloniais, desde relatos de Pero Vaz de Caminha aos do padre Antônio Vieira

MONTEIRO, John Manuel
Negros da Terra: Índios
e Bandeirantes nas Origens
de São Paulo. Companhia
das Letras, 1994

Análise da escravidão indígena em São Paulo do século 17 mostrando a importância econômica que esse sistema teve nas áreas periféricas do Brasil colonial

PUNTONI, Pedro
A Guerra dos Bárbaros:
Povos Indígenas e a
Colonização do Sertão
Nordeste do Brasil, 1650-
1720, Hucitec/Edusp, 2002

A obra descreve a expansão da pecuária no Nordeste colonial e o paralelo processo de extermínio de populações indígenas locais

Gênese da história

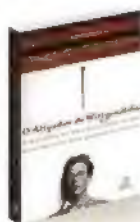
A primeira historiografia do Brasil, escrita pelo humanista e gramático português Pero de Magalhães de Gândavo, publicada originalmente em 1576, chega às livrarias brasileiras em uma edição caprichada, com verbetes esclarecedores e texto modernizado. Por isso, *A Primeira História do Brasil* (Jorge Zahar) não poderia ser mais enriquecedora. Além dos últimos poemas escritos por Camões, incluídos porque o poeta foi grande amigo de Gândavo, há descrições de animais, plantas, frutas e pessoas que entregam, a leitores atentos, como os portugueses pensavam e enxergavam o Brasil. ■ CARLA ARANHA



208 páginas
R\$ 34

Filosofia a ferro e fogo

O que ocorre quando se juntam três dos maiores filósofos – e maiores egos – do século 20, uma audiência embaçada, uma discussão homérica e uma barra de ferro de atizar brasa? Partindo desse episódio – que se deu em 1946 na Inglaterra – *O Atizador de Wittgenstein* (Difel) apresenta o leitor a Ludwig Wittgenstein, Karl Popper e Bertrand Russell, a sua época e às grandes questões que até hoje dão o que falar entre essa gente com mania de fazer perguntas como a que foi tema do malfadado encontro: “Existem problemas filosóficos?” O livro é um colírio para seus neurônios. ■ FABIO MARTON



336 páginas
R\$ 48

O misterioso ditador

Primeiro presidente do regime militar de 1964, o general Humberto de Alencar Castello Branco motivou uma biografia tão rica quanto as controvérsias e dúvidas a respeito de sua figura. *Castello, a Marcha para a Ditadura* (Contexto), dissecar a vida desse presidente conhecido por vagar entre o esforço para a abertura política e a entrega do poder à linha dura dos militares. O autor, jornalista Lira Neto, mergulhou na vida de Castello desde a infância do general, quando era chamado de Feioso pelos colegas, até suas últimas palavras antes do acidente de avião em que morreu, em 1967. ■ L.N.



432 páginas
R\$ 43,90

Lugar nenhum

Fora do Lugar (Companhia das Letras) é mais que um relato da diáspora palestina. Trata-se da reconstrução dos passos que definiram a formação de um dos maiores intelectuais do século 20, o historiador Edward Said. Nascido em Jerusalém em 1935, Said também morou no Egito, no Líbano e nos Estados Unidos, tornando-se uma testemunha privilegiada dos conflitos árabe-israelenses e da guerra civil libanesa. Escrito em 1999, enquanto o autor passava por um tratamento médico contra leucemia, o livro ganhou este ano uma tradução em português à sua altura. ■ ISABELLE SOMMA



448 páginas
R\$ 49,50

Odisséia dos sabores

A fantástica luta pelas especiarias, poções que levaram nações ao mar e movimentaram o comércio em todo o mundo, está muito bem contada no livro *Viagem ao Fabuloso Mundo das Especiarias* (Record), de Rosa Nepomuceno. A jornalista carioca alterna aventuras da busca por pimenta, canela e outros ingredientes da história com informações científicas sobre eles. Para isso, Rosa criou uma viagem que começa no Mar Mediterrâneo, segue por todo continente africano, chega a terras orientais como a Índia e termina gloriosamente na América. ■ MANUELA AQUINO



232 páginas
R\$ 35

Jesuítas S.A.

A atividade dos jesuítas foi muito além da catequização de índios. Gestores de mão-cheia, deixaram um vasto patrimônio quando foram expulsos do Brasil, em 1773. Em *Negócios Jesuíticos* (Edusp), Paulo de Assunção desvenda os cofres da Companhia de Jesus e mostra que os padres, longe da renda dos mosteiros europeus, não levavam tão a sério o pecado da usura. O livro detalha a rede de negócios dos jesuítas, desde o controle e o planejamento do cultivo de terras ao escoamento da produção, passando pela administração de trabalhadores assalariados e escravos. ■ JULIA MOIÓLI



512 páginas
R\$ 65



A motocicleta "La Poderosa" não sobreviveu às aventuras de Che pela América Latina

EM CARTAZ

O Ernesto antes de Che

Esta é a história de Ernesto antes de ele se tornar Che", disse Camilo Guevara March, filho do revolucionário Ernesto Guevara de La Serna, quando conheceu o diretor Walter Salles, em maio de 2001. A frase resume o filme *Diários da Motocicleta*, primeira produção americana assinada pelo diretor de *Central do Brasil*, que chega às telas brasileiras neste mês. O personagem principal do filme não é o conhecido revolucionário de boina e olhar perdido no horizonte da célebre imagem do fotógrafo Alberto Korda. Mas um jovem curioso com objetivos não tão grandiosos: beber, conhecer mulheres e viajar pela América do Sul.

Em 1952, aos 23 anos, o médico recém-formado Ernesto Guevara (interpre-

tado por Gael Garcia Bernal, de *E Sua Mãe Também* e *O Crime do Padre Amaro*) rodou a América do Sul de moto, revezando a direção com o amigo Alberto Granado. A aventura durou sete meses, e foi detalhadamente registrada em diários dos dois jovens, nos quais o filme se baseia. A bordo da mítica La Poderosa, uma moto Norton 500 ano 1939, saíram de sua terra natal, a Argentina, até o norte do Chile, onde o veículo não pôde suportar mais uma queda. Dali em diante, fugindo de brigas e conhecendo grandes amigos, os dois continuaram a jornada de carona e até mesmo a pé por Peru, Colômbia e Venezuela. Che ainda seguiria até Miami num avião de transporte de cavalos, trajeto que Walter Salles preferiu não filmar.

Os dois anos de pesquisas antes do início das filmagens deixaram o resultado muito próximo do que os viajantes registraram. Célia Guevara, filha do revolucionário, afirmou que o filme "é muito fiel aos fatos". Se não bastasse, Alberto Granado, hoje com 81 anos, foi consultor da produção. O único porém do amigo de Che foi sobre a cena de chegada ao leprosário de San Pablo, no norte do Peru. Granado achou dramático demais o trecho em que Ernesto se atira em um rio para chegar à colônia de leprosos. Mas a emoção em excesso tem motivos de sobra: representa a travessia de um jovem argentino para um lendário revolucionário mundial. ■

JONES ROSSI

BASTIDORES



O argentino Rodrigo de La Serna, muito parecido com o jovem Alberto Granado, a quem interpreta no filme, é primo em segundo grau de Che. Walter Salles só foi descobrir o parentesco depois de escalá-lo para o papel.



Alberto Granado, que atualmente mora em Cuba, não pôde assistir à estréia do filme no Festival de Sundance, nos Estados Unidos, porque teve o visto negado. Mas não ficou chateado. "É fácil acusar os americanos de imperialistas, mas acho que simplesmente não mandamos a documentação a tempo", afirmou.

Quando filmava no Lago Frias, na fronteira da Argentina com o Chile, Walter Salles foi surpreendido por um figurante de mais de 60 anos, chamado Don Alfredo, que dizia ter conhecido o jovem Che. "Um idealista sem comparação", lembrou Alfredo. No filme, ele fez o papel de capitão do ferryboat em que Che e Granado cruzam o lago.



HISTÓRIA ONLINE

IBM lança megasite sobre o Egito

Depois de três anos de trabalho e um investimento de 2,5 milhões de dólares, a IBM lançou em março um dos melhores sites de toda a rede mundial. Para sorte dos apaixonados por civilizações antigas, a página é toda dedicada ao Egito antigo, e não economiza recursos tecnológicos para descrever 5 mil anos da civilização. Além de mapas, fotos e habituais artigos, o felizardo internauta pode viajar pelos monumentos através de webcams e visões de 360 graus, conhecer relíquias por meio de zooms e imagens em 3D, e mergulhar em animações que reconstituem a vida cotidiana do Egito an-

tigo. Para o frequentador fanático, a opção de montar sua própria coleção virtual está disponível. Em inglês, francês e árabe.

www.eternalegypt.org



Cinco mil anos do Egito por meio das últimas tecnologias



Favelas também têm história – e na web

Saudade da favela

Favelas são um jeito brasileiro de morar com mais de um século de tradição. O site *Favela Tem Memória* mostra que os casebres e os morros, tanto relacionados ao crime organizado, também têm bons causos. A página traz depoimentos de moradores, fotos das primeiras ocupações, um glossário com a origem dos nomes das moradias e uma linha do tempo que descrevem muito bem a trajetória da favela no Brasil.

www.favelatemmemoria.com.br

Canudos em fotos e documentos

Este site é o maior depósito virtual de fotos sobre o embate entre Antônio Conselheiro e as forças republicanas, em 1896 e 1897. Mas também disponibiliza notícias de jornal, depoimentos e transcrições de documentos raros, como a certidão de batismo do mestre messiânico. De quebra, há indicações de filmes, livros e até músicas sobre a maior guerra do sertão.

www.portfolium.com.br



Canudos está hoje submersa por um açude. Entre na internet e navegue por sua história

EXPOSIÇÕES

FOTOS RARAS DO RIO

O Espaço Unibanco do Rio de Janeiro reuniu litogravuras reproduzidas de fotografias do francês Jean Victor Frond, que morou na cidade no século 19 e eternizou paisagens e o cotidiano da cidade. Até 30 de maio, no Gabinete Fotográfico, rua Marquês de São Vicente, 476, Gávea www.ims.com.br

TESOURO DOS MAPAS

Chega a Brasília a exposição itinerante *O Tesouro dos Mapas*, patrocinada pelo Banco Santos. A mostra conta a evolução da cartografia como arte, por meio de 120 mapas raros feitos a partir do século 15.

Até 1º de agosto, no Palácio do Congresso Nacional – Salão Negro



CURITIBA DE OUTRORA

Flires nas confeitarias, filas dos matinês, bondes lotados, piqueniques regados a refresco de groselha, enfim, o cotidiano da primeira metade do século 20 é tema da exposição *Curitiba: Imagens de Outrora*, composta por 138 fotografias, a maioria de coleções particulares.

Casa Romário Martins, largo da Ordem, 30, Curitiba. Data de término indeterminada. www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br

O PREÇO DA SEDUÇÃO

Com cerca de 120 artefatos, entre pinturas, esculturas, fotografias, anúncios, trechos de filmes e vestimentas, a exposição *O Preço da Sedução – do Espartilho ao Silicone* mostra como a luta pela beleza marcou a arte, a propaganda e o cinema. Até 30 de maio, no Itaú

Cultural, avenida Paulista, 149, São Paulo www.itaucultural.org.br

PERIPÉCIAS DA BIBLIOTECA REAL

A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis, exposição que termina este mês na Biblioteca Nacional, conta a história do Brasil através da saga da Real Biblioteca portuguesa. Reconstituída depois do terremoto de Lisboa de 1755, a biblioteca teve um destino tortuoso até ficar definitivamente ao Brasil, em 1825, como sinal da emancipação do país. Biblioteca Nacional, rua México, s/n, Rio de Janeiro www.bn.br



O grande Décio Freitas

Morreu esses dias o velho e bom Décio Freitas. Nascido em 1922, em Encantado, interior do Rio Grande do Sul, formou-se em direito, uma das únicas alternativas para o exercício das Humanidades em sua geração, e desenvolveu uma intensa vida de jornalista e pesquisador da história brasileira. Foi filiado ao Partido Comunista quando jovem, no calor da Segunda Guerra, mas saiu dele para permanecer numa zona política de esquerda, ora próximo ao trabalhismo, ora ao socialismo, mantendo porém sempre alertas os sentidos críticos. Por suas relações políticas, andou perto do poder, especialmente nos anos imediatamente anteriores ao golpe de 64, agora quarentão. No governo de Jango, presidiu a importante Fundação Brasil Central, quando privou com Darcy Ribeiro e outras grandes figuras. Foi cassado nas primeiras levas, passando a morar no Uruguai.

Décio Freitas é um daqueles caras de que todo mundo ouviu falar mesmo sem saber. Foi ele quem, nos anos 70, matou a charada em torno de Zumbi dos Palmares, hoje uma tranqüila e unânime referência da história brasileira. Antes de Décio e seu *Palmares, a Guerrilha Negra* (1971), mal se sabia que Zumbi era um indivíduo. Parecia que "zumbi" era um título, como "comandante", "general". E Décio resolveu o enigma com documentos que abriram um novo capítulo nesse tema. É pouco?

Em vários outros livros, sempre frequentou temas esquecidos, negligenciados ou varridos para baixo do tapete da historiografia, especialmente nos anos medonhos da ditadura. Décio abordou

a vida das Missões gaúchas em *O Socialismo Missionário*, publicado em 1975 com uma tese no título. Livro que, diga-se, foi republicado em 1998 com o alteradíssimo título de *Missões, Crônica de um Genocídio*. Claro: havia morrido a experiência da União Soviética, e a palavra "socialismo" passou a significar coisas muito diversas que as esperanças e futuros com que sonhavam os homens de esquerda da geração do autor.

Os dois casos revelam um Décio empenhado em reler o passado com vistas ao presente, na temperatura do ensaio mais do que na da história. Tra-

ELE REVIRAVA o passado PROCURANDO SOLUÇÕES para o Brasil

tava-se de revirar a história para localizar lá elementos com que se pudessem identificar saídas políticas para o povo brasileiro. O quadro em que o primeiro livro foi concebido ilustra bem a situação: exilado no Uruguai, com vários companheiros envolvidos em tentativas de organizar a volta ao Brasil, derrubar os militares e empalmar o poder, com Jango retornando à presidência, Décio participou da trama para escrever um manifesto. Essa obra teria duas partes: uma histórica, sobre os movimentos populares, coordenada por ele mesmo, e outra sobre a conjuntura política, coordenada pelo mais tarde famoso sociólogo Herbert de Sousa, o Betinho.

Frustrou-se a coisa toda, mas Dé-

cio fez seu serviço. Foi por essa pesquisa que ele voltou ao Brasil clandestinamente. Viveu na sombra por anos. Seguiram-se outros livros, o mais famoso sendo, talvez, *O Maior Crime da Terra*, de 1996, reconstituição romanceada de fatos ocorridos na Porto Alegre de 1860, quando um açougueiro assassinou pessoas e, dizem, com a carne delas fez lingüiça. O título era um exagero, como voltou a ser em *O Homem que Inventou a Ditadura no Brasil*, sobre a trajetória política de Júlio de Castilhos, o principal líder republicano no Rio Grande do Sul. Tinha agora um livro pronto — do qual me passou uma cópia, para leitura e conversas que não tivemos. Versa sobre um pedaço radicalizado da Cabanagem, revolta de 1830 em Belém do Pará. Deve sair antes do fim do ano, provavelmente com o verboso e agressivo título original: *A Miserável Revolução das Classes Infames*.

Vida cheia de peripécias teve nosso Décio. Em matéria de romances e amores, foi um galanteador; vaidoso, consta que deixou de colaborar para a *Folha de S. Paulo* quando começou aquela mania de registrar a idade do sujeito após o nome. Intelectual atento, discutia literatura com o mesmo gosto com que diagnosticava os horrores do país. Sujeito de verve irrequieta mesmo aos quase 82 anos, Décio vai fazer falta. Tomara que nós saibamos valorizar sua obra e seu exemplo. ■



*AUTOR DE LITERATURA BRASILEIRA, DA COLEÇÃO "PARA SABER MAIS" E AMIGO DE DÉCIO FREITAS, QUE FOI O PRIMEIRO A ASSINAR ESTA SEÇÃO, EM JULHO DE 2003